

CADERNO DE RESUMOS DA



11^a SIAC

SEMANA DE INTEGRAÇÃO
ACADÊMICA DA UFRJ | 2022

Fórum de Ciência e Cultura

14 a 18 de fevereiro de **2022**

S471

Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (11. : 2022 :
Rio de Janeiro, RJ)

Caderno de resumos da 11a. Semana de Integração
Acadêmica da UFRJ, 2022, 14 a 18 de fevereiro de 2022
[recurso eletrônico] : FCC - Fórum de Ciência e Cultura. —
Rio de Janeiro : UFRJ, 2022.

1 recurso eletrônico (46 p.) : digital

Inclui bibliografia.

1. Ciência - Congressos. 2. Pesquisa - Congressos. 3.
Extensão universitária - Congressos. I. Universidade
Federal do Rio de Janeiro. II. Título.

CDD: 378.155

Apresentação

A UFRJ realiza em 2022, pela primeira vez de forma totalmente virtual, a 11ª Semana de Integração Acadêmica (SIAc), de 14 a 18 de fevereiro. Em um cenário de crise sanitária e humanitária devido a pandemia da Covid-19 e com o adiamento da SIAc em 2020 e 2021, a comunidade acadêmica se reinventa para apresentar 5.826 trabalhos de pesquisa, ensino e extensão em todos os campos do conhecimento.

Trazendo debates, oficinas, minicursos e aberto ao público, a SIAc reflete os avanços científicos e culturais em um presente urgente e aponta para futuros em construção, tendo como horizonte a diversidade, a excelência e o compromisso com a democracia e a transformação social.

História

Desde 2010, a SIAc integra eventos anteriores — a Jornada de Iniciação Científica Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC), o Congresso de Extensão, a Jornada de Pesquisa e Extensão da UFRJ-Macaé e a Jornada de Formação Docente-PIBID — com a participação de estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação; professores, técnicos, pesquisadores de pós-doutorado envolvidos em atividades de ensino, pesquisa e extensão; pesquisadores e estudantes de outras universidades e escolas da educação básica e público em geral, constituindo-se, assim, em um importante fórum de debates sobre os estudos, pesquisas e ações de extensão em desenvolvimento nos cursos de graduação dos sete (7) Centros e dois (2) Campi da UFRJ, com efetiva vinculação aos seus programas de pós-graduação.

Criada em 1978 pelo Prof. Giulio Massarani, a então Jornada de Iniciação Científica - JIC envolveu, inicialmente, apenas dois Centros: o Centro de Tecnologia (CT) e o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). A partir de 1985, o evento alcançou toda a UFRJ com a participação de praticamente todos os Centros, notadamente do CCMN, do CT e do Centro de Ciências da Saúde (CCS).

A partir de 1993, quando a UFRJ passou a participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a JICTAC passou a ser, também, o fórum por excelência de apresentação dos trabalhos dos bolsistas desse Programa. O mesmo aconteceu a partir de 2010, quando o CNPq criou e a UFRJ começou a participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação (PIBITI).

A SIAc foi criada em 2010, incorporando o Congresso de Extensão que foi criado em 1999, passando, assim, a se apresentar como um momento privilegiado em que as pesquisas e as ações de extensão em andamento mostram a diversidade de interesses e contribuições para o desenvolvimento da ciência, revelando, ao mesmo tempo, uma universidade plural que aceita no seu universo de produção acadêmica e científica as mais variadas manifestações artísticas, culturais e científicas. Além disso, a SIAc oportuniza um espaço valioso de avaliação e reflexão pois, ao expor nossos trabalhos, somos avaliados por nossos pares e prestamos contas à sociedade que nos financia.

No período de 2020 e 2021, o Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão da UFRJ (PROFAEX) contou com 730 quotas de bolsas em 2020 e 789 quotas de bolsas em 2021, que contemplaram a realização de ações de extensão em suas quatro modalidades (programas, projetos, eventos e cursos).

No período de setembro de 2020 a agosto de 2021, a UFRJ contou, institucionalmente, com 999 quotas de bolsas do CNPq-PIBIC, 79 quotas de bolsas do CNPq-PIBITI, 5 quotas de bolsa CNPq-PIBIC-Af, 1000 quotas UFRJ para o PIBIC/PIBITI, além de 116 quotas de bolsas do CNPq-PIBIC-Ensino Médio, contemplando 2199 bolsistas em Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica e Inovação, sendo alguns desses de outras instituições de ensino superior.

Com a normatização do Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC), em 2004, e que atualmente conta com uma quota de 220 bolsas, destacou-se o caráter interdisciplinar da pesquisa desenvolvida na instituição no âmbito das artes e cujo impacto cultural já se vislumbrava nas apresentações dos bolsistas do referido Programa na JICTAC.

A presença de bolsistas CNPq-IC Balcão, de bolsistas da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e de mais um grande número de alunos favorecidos com bolsas de outra natureza, evidencia ainda o amplo universo da pesquisa realizada na UFRJ em caráter de iniciação científica e a diversidade de olhares que a instituição promove.

A Semana de Integração Acadêmica ganhou vulto ao longo das décadas e conta, já nesta edição, com mais de 5.800 trabalhos. O talento científico, o empenho constante e o espírito pioneiro do

Professor Massarani marcaram gerações de professores e pesquisadores por ele formados na nossa instituição e imprimiram muitos dos valores que norteiam o olhar e o método investigativo da UFRJ.

Seu papel no estabelecimento de programas de iniciação científica junto ao CNPq se associa à vitalidade dos nossos programas institucionais de bolsa. De fato, a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e de Inovação, do Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural e do Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão para o desenvolvimento dos projetos da UFRJ se mostra indispensável na formação do olhar crítico, científico e inovador que define a nossa instituição.

Constatar, ano a ano, a evolução da Semana de Integração Acadêmica por meio dos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão que compõem o evento não só nos renova o ânimo de participar da sua construção, mas também nos lembra do esforço conjunto necessário para que ele aconteça.

Agradecimentos

Especialmente no ano de 2021, em que tantos desafios se nos impuseram, o sucesso dessa atividade é proporcional à dedicação e ao esforço de toda a comunidade da UFRJ. Àqueles diretamente envolvidos na organização da SIAc, em qualquer capacidade, externamos, igualmente, o nosso sincero reconhecimento. Apenas com o apoio incansável de todos os que participaram desta organização, podemos ouvir e debater a investigação conduzida nos Centros, Campi e nas Unidades da UFRJ.

Agradecemos, ainda, por sua contribuição, o Comitê Externo/CNPq no processo de acompanhamento e avaliação dos programas da UFRJ, e o Comitê Institucional, que tem, cada vez mais, aprimorado o acompanhamento do PIBIC e do PIBITI na nossa Universidade.

Em 2021, a UFRJ manteve seus editais de auxílio ao ensino, à pesquisa e à extensão, apesar de todas as dificuldades impostas pela COVID-19, observou com entusiasmo o crescente interesse de nossos alunos pela atividade de ensino, pesquisa, extensão e o engajamento da nossa comunidade acadêmica na SIAc. Este ano, foram submetidos 5.931 trabalhos à SIAc, dos quais 5.826 foram aprovados, o que demonstra a importância das três dimensões da Universidade.

Nestes Anais, estão contidos os trabalhos aceitos após avaliação, independente da sua apresentação.

Os trabalhos neste volume são a reprodução dos textos submetidos pelos autores após avaliação.

COMITÊ LOCAL

Coordenação Geral da JICTAC

Prof.ª Gisele Viana Pires
Pró-reitora de Graduação

Prof.ª Ivana Bentes
Pró-reitora de Extensão

Prof.ª Denise M.ª Guimarães Freire
Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa



Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Reitora

Prof.ª Denise Pires de Carvalho

Vice-reitor

Prof. Carlos Frederico Leão Rocha

Pró-reitora de Graduação (PR-1)

Prof.ª Gisele Viana Pires

Superintendente Geral de Graduação

Prof. Marcelo de Pádua

Superintendente Administrativo

Daniela de Souza Negreiros

Superintendente Acadêmico de Acesso e Registro

Prof.ª Vânia Maria Corrêa da Costa

Superintendente Executivo de Acesso e Registro

Ricardo Ballesteros Anaya

Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa (PR-2)

Prof.ª Denise Maria Guimarães Freire

Superintendente Acadêmico de Pós-graduação

Prof. José Luís Lopes da Silveira

Superintendente Acadêmico de Pesquisa

Prof.ª Ariane Cristina Roder Figueira

Superintendente Administrativa

Marília da Conceição Morais Lopes

Pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças (PR-3)

Prof. Eduardo Raupp de Vargas

Superintendente Geral de Planejamento Institucional

Prof.ª Maria de Fátima Bruno de Faria

Superintendente Geral de Planejamento e Desenvolvimento

George Pereira da Gama Júnior

Superintendente Geral de Finanças

Leilane Costa do Nascimento Tavares

Pró-reitora de Pessoal (PR-4)

Prof. Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca

Superintendente de Planejamento

Rita de Cassia Silveira dos Anjos

Superintendente Administrativa

Maria Tereza da Cunha Ramos

Pró-reitora de Extensão (PR-5)

Prof.ª Ivana Bentes Oliveira

Superintendente de Formação Acadêmica de Extensão

Prof. Alfred Sholl Franco

Superintendente de Integração e Articulação da Extensão

Bárbara Tavela da Costa

Superintendente Administrativa de Extensão

Sheila Camlot

Pró-Reitor de Gestão & Governança (PR-6)

André Esteves da Silva

Superintendente Geral de Gestão

Rodrigo Figueiredo da Gama

Superintendente de Governança

Claudia Ferreira da Cruz

Superintendente Geral de Patrimônio

Taiana Fortunato Araújo

Pró-reitor de Políticas Estudantis (PR-7)

Roberto Vieira

Superintendente Geral de Políticas Estudantis

Adilson Couto de Souza Filho

Superintendência da Tecnologia da Informação e da Comunicação

Superintendente Geral

Prof. Augusto Cesar Gadelha Vieira

Superintendente de Infraestrutura

Tiago Miranda

Superintendente de Gestão da Informação

Thiago Reis

Superintendente de Projetos

Joan Dias

Superintendente Administrativo

Leonardo Nogaroli

Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura (FCC)

Prof.ª Tatiana Marins Roque

Superintendente de Difusão Científica e Cultural

Adriana Schneider

Superintendente Administrativo

Flávio Ferreira Fernandes

Superintendente de Comunicação

Bruna Mariano Rodrigues

Prefeitura Universitária

Prefeito

Marcos Benilson Gonçalves Maldonado

COMITÊ INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Prof.ª Ana Paula Canedo Valente

Prof.ª Andrea Borde

Prof. Antônio Maurício Ferreira Leite Miranda de Sá

Prof.ª Bianca Pizzorno Backx

Prof.ª Bluma Guenther Soares

Prof. Bruno Lourenço Diaz

Prof.ª Carla Bernadete Madureira Cruz

Prof.ª Célia Regina dos Santos Lopes

Prof. Ciro Alexandre Ávila

Prof.ª Claudia Regina Lopes Cardoso

Prof. Cristiano Luís Rangel Moreira

Prof.ª Daniela Maeda Takiya

Prof.ª Elena Palmero González

Prof.ª Evelin Andrade Manoel

Prof. Fabianno Ferreira Dutra

Prof.ª Fernanda Veronesi Marinho Pontes

Prof.ª Hebe Signorini Gonçalves

Prof. Leonardo Maciel Moreira

Prof. Luiz Eduardo de Vasconcellos Figueira

Prof.ª Márcia Rosana Cerioli

Prof.ª Mossicléia Mendes da Silva

Prof.ª Nelilma Correia Romeiro

Prof. Renato Emerson

Prof.ª Sandra König

Prof.ª Sandra Oda

Prof. Thiago Ranniery

Prof. Tiago Lisboa Bartholo

Prof.ª Wania Wolff

COORDENAÇÃO PIBIC e PIBITI/UFRJ

Prof.ª Márcia Rosana Cerioli

COORDENAÇÃO TÉCNICA PIBIC e PIBITI /UFRJ

Daniel Borges Lopes

Júlio Gravina Marques

COMISSÃO PIBIAC/UFRJ

Prof.ª Daniel Alves Castello

Prof. Daniel de Augustinis Silva

Camila Pureza

Prof.ª Cassandra Marina da Silveira Pontes da Silva

Prof. Felipe Siqueira de Souza da Rosa

Prof.ª Juliana Vianna Valério

Prof.ª Maria das Graças dos Reis José

Prof.ª Nathalie Henriques Silva Canedo

COMISSÃO TÉCNICA PIBIAC/UFRJ

Rosiléia Castório Damasceno

Alexandre Monteiro Gonçalves

COORDENAÇÃO PIBIC-EM/UFRJ

Prof.ª Maria Alice Zarur Coelho

COMISSÃO DE SELEÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO PROFAEX/UFRJ

Ana Inês Sousa

Alfred Sholl Franco

Andreia Martins de Oliveira Santo

Beatriz Vieira Guimarães

Diego de Araújo Mendes

Edison Pedro Paixão

Erika Jennifer Honorio Pereira

Flávia Silva Martins

Marcia Meibel da Rosa Dantas

Patricia de Figueiredo Zurcher

Rafael Navarro Costa

Roberta Pereira de Paula Rodrigues

Camila Duarte Torres

Yuri Brito Neves Hutzlesz

Iasmim Maria Soares dos Santos

Ricardo de Paiva Gomes

Alexandre Vieira Santo

COORDENAÇÃO ACADÊMICA DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA (SIAc)

Prof. Leonardo Holanda Travassos Corrêa

Prof.ª Ana Inês Sousa

Prof.ª Vânia Maria Corrêa da Costa

COORDENAÇÃO TÉCNICA DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA (SIAc)

Divisão de Integração Acadêmica - DINAC /PR2

Paulo de Oliveira Reis Filho

Raphael da Silva Cavalcante

Renata Gaspar Nascimento

Bolsistas DINAC/PR2

Mylena da Cruz Figueira

Tiago Augusto Machado

Equipe de Comunicação - PR5:

Gisele Paz

Sérgio de Sena Tavares

Matheus Veiga Schottz

Beatriz Moreira de Azevedo Porto Gonçalves

Bolsistas - Comunicação PR5:

Ana Clara Galante

Ana Luiza Oliveira

Letícia Mercier

Luiza de Carvalho de Lima

Milena Velloso Cordeiro da Silva

Alicia Benincá

Diego Pires

Nathan Rocha

Edilana Vitória Damasceno Costa

Helena Peres

Pedro Henrique Nascimento

Stefany Oliveira

Brenda Barbosa

Superintendência Administrativa de Extensão

Sheila Camlot

Ricardo de Paiva Gomes

Tecnologia da Informação - PR5:

Bolsistas:

Luiz André Carvalho Tavares

Gabriel Cunha

Gabinete - PR5

Camila Duarte Torres

Yuri Brito Neves Hutflesz

Superintendência de Integração e Articulação da Extensão / PR5

Ana Cristina Barbosa de Andrade

Bárbara Tavela da Costa

Flávia Fortes de Souza

Luiza Teles Mascarenhas

Michelle Moreira da Silva

Paulo Roberto de Freitas

Pricila Vieira Magalhães Souza

Renata Correa Soares

Bolsistas SIARTE/PR5

Arthur Franklin Cardoso dos Santos

Beatriz Louise Nascimento Giandalia

Beatriz Ribeiro dos Santos

Maria Luísa Lopes Grimaldi

Mariana Gabriele Negreiros Arruda

Diretoria de Acessibilidade UFRJ

Alex Sandro Lins Ramos

Amélia Abigail Rosauro de Almeida

Prof.ª Claudia Fátima Morais Martins

Paulo Arruda de Souza

Nathalia Abadessa Lodi

Rafael Damaceno Dias

Ricardo Gomes Caus Amorim

Viviane Costa Leite

Diretoria de TIC - Polo Macaé/Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (STIC)

Adriano de Oliveira Gonçalves

Adriano Neves de Souza

Emanuel Victor Nogueira Gotardo

Emerson Luiz Florentino Borges

Enoque Gonçalves Ribeiro

Erick Araújo Bolorini

Helder Monteiro Cosme

Júlio César Carvalho Alves

Patrick Helder Alvarenga Belém

Paulo Freitas Silva Júnior

COORDENAÇÃO DA SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA (SIAc) DOS CENTROS/CAMPIS**CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA**

Prof. Bernardo Freitas Paulo da Costa

Prof.ª Danielle Maria P. de Oliveira Santos

Prof.ª Miriam Mendes Gadelman

Prof.ª Silvia Lorenz Martins

Representantes de Unidades

Prof. Adán José Corcho Fernandez

Alexandre Malheiros Meslin

Prof.ª Aline Domingos Gonçalves

Prof.ª Ana Lúcia de Lima

Prof. Benjamin Rache Salles

Prof. Claudson Ferreira Bornstein

Daniel Mello

Prof.ª Diana Paula Andrade

Prof.ª Dora Izzo

Elizabeth Maria Freire de Jesus

Prof.ª Elisa D'Ávila Costa Cavalcanti

Prof. Fabricio Polifke da Silva

Prof.ª Flávia Moraes Lins de Barros

Prof. Igor Vinicius Lima Valentim

Prof. João Antônio Recio da Paixão

Prof.ª Josilene Cerqueira Santos

Prof. Jorge de Jesus Picanço de Figueiredo

Júlio Tadeu Carvalho da Silveira

Prof.ª Lilian Paglarelli Bergqvist

Prof. Lino Augusto Sander de Carvalho

Prof. Marco Aurélio Palumbo Cabral

Prof. Rafael Silva de Barros

Prof. Rafael Winter Ribeiro

Prof. Rodolfo Santos Barboza

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Hilda Regina Vasconcellos Sena Martins

Prof. Luiz Antônio Ferreira Neves

Prof.ª Maria Clara Amado Martins

Prof.ª Silvia Fernandes da Fonseca Rodrigues

Representantes de Unidades

Prof. Alessandro Boechat de Medeiros

Prof. Álvaro José Rodrigues de Lima

Prof.ª Ana Regina Vaz Calindro

Prof. Clorisval Gomes Pereira Junior

Prof.ª Dalila dos Santos Cerqueira Pinto

Prof.ª Deise Cristina de Moraes Pinto

Prof. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Prof.ª Flavia Ferreira dos Santos

Prof.ª Gisele Batista da Silva

Prof.ª Gláucia Augusto Fonseca

Prof. James Shioiti Miyamoto

Prof.ª Karen Sampaio Braga Alonso

Prof.ª Lia Abrantes Antunes Soares

Prof.ª Lilian de Carvalho Soares

Prof.ª Maria Beatriz Licursi Conceição

Prof.ª Maria José B. Di Cavalcante

Prof.ª Marije Soto

Prof.ª Marilia Santanna Villar

Prof.ª Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa

Prof.ª Michelle Cunha Sales
Prof. Pedro Baroni Schimdt
Prof. Pedro Ribeiro Martins
Prof.ª Priscilla Alves Peixoto
Prof.ª Priscilla Mouta Marques
Prof.ª Reila Vargas Velasco
Prof. Roberto de Freitas Junior
Prof.ª Sonia Cristina Reis
Prof. Thiago Leitão de Souza

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Prof.ª Fátima Grave Ortiz
Prof.ª Juliana Beatriz Almeida de Souza
Prof.ª Juliana Marsico Correia da Silva

Representantes de Unidades

Prof.ª Alejandra Pastorini Corleto
Prof. Filipe Milagres Boechat
Gabriel Cid Garcia
Prof.ª Lúcia Helena Ferreira
Prof. Marcelo James Vasconcelos Coutinho
Prof. Márcio Jarek
Prof.ª Priscila Andrade Magalhães Rodrigues
Prof.ª Renata Lopes de Almeida Rodrigues
Prof. Sandro Torres de Azevedo
Prof.ª Silvina Verônica Galízia
Prof.ª Suzy dos Santos

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS

Prof. Antonio Luis Licha
Prof. Italo Pedrosa Gomes Martins
Prof.ª Sandra Maria Becker Tavares

Representantes de Unidades

Prof.ª Ana Carolina da Cruz Lima
Prof.ª Carolina Araújo de Azevedo Pizoeiro
Prof.ª Cláudia Affonso Silva Araújo
Prof. Cláudio Marcos Maciel da Silva
Prof. Daniel Capecchi Nunes
Prof.ª Daniele Dionísio da Silva
Prof.ª Eliane Ribeiro Pereira
Prof.ª Iderley Colombini Neto
Prof. Kaio Sousa Mascarenhas Pimentel
Prof.ª Lalita Kraus
Prof.ª Larissa Rosevics de Almeida
Prof. Lucas Martins Dias Maragno
Prof. Marcelo Castaneda de Araújo
Prof.ª Margarita Silvia Olivera
Prof.ª Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa
Prof.ª Renata Bastos da Silva

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Danielle Fernandes
Prof.ª Débora Henrique da Silva Anjos
Prof.ª Evelin Andrade Manoel
Prof. Heitor Affonso de Paula Neto
Prof. Theo Luiz Ferraz de Souza

Representantes de Unidades

Prof.ª Alessandra D'Almeida Filardi
Prof.ª Aline Tany Posch
Prof.ª Ana Alice Amaral Ibiapina Parente
Prof.ª Ana Cristina Nunes Ruas
Ana Maria Bezerra Bandeira
Prof.ª Ana Maria Mazotto de Almeida
Prof.ª Ana Letícia Monteiro Gomes
Prof.ª Andréa de Castro Domingos Vieira
Aurea Ferreira Chagas
Prof.ª Beatriz Akemi Takeiti
Prof.ª Beatriz de Freitas Salles
Prof.ª Blanche Christine Bitner-Mathé
Prof. Bruno Netto dos Reys
Prof. Carlos Frederico Leite Fontes

Prof. Cesar Claudio da Silva
Prof. Cristiano Valentim da Silva Lazoski
Danielle Amaral de Freitas
Prof. David Majerowicz
Denise Maria Quelha Sá
Denilson da Silveira Vasconcelos
Prof. Eduardo Arcoverde de Mattos
Prof.^a Erika Michele Avelino Negreiros Goncalves
Prof.^a Fátima Carneiro Fernandes
Prof.^a Fernanda de Avila Abreu
Prof.^a Fernanda Ferreira Cruz
Prof.^a Fernanda Oliveira das Chagas
Florence de Farias Brasil Vianna
Prof. Gabriel Eduardo Schutz
Grasiella Maria Ventura Matioszek
Prof.^a Graciele Oroski Paes
Prof. Gustavo Arantes Camargo
Prof. Hilton Antônio Mata dos Santos
Prof.^a Isabela Maria Azevedo Gama Buarque
Isalira Peroba Rezende Ramos
Prof.^a Ivonete Siviero
Janaina Oliveira Caetano
Prof.^a Jocelene de Fátima Landgraf
Prof. José Marcus Raso Eulálio
Prof.^a Juliana Mynssen da Fonseca Cardoso
Prof.^a Juliana Rezende Montenegro Medeiros de Moraes
Prof.^a Karis Maria de Pinho Rodrigues
Katerine Moraes dos Santos
Prof.^a Letícia Ferreira Tavares
Prof.^a Lívia Maria Santiago
Prof. Luan Pereira Diniz
Lucia Maria Pereira de Oliveira
Prof.^a Luciana Pereira Rangel
Ludmila Ribeiro de Carvalho
Prof.^a Márcia Aparecida Ribeiro de Carvalho
Prof.^a Marcia Mendonça Lucena
Prof.^a Maria Eliza Assis dos Passos
Maria Kátia Gomes
Prof.^a Magdalena Nascimento Rennó
Prof. Marcus André Acioly
Prof. Michel Silva Reis
Prof.^a Michele Pereira de Souza da Fonseca
Michelle Rodrigues de Moraes
Prof.^a Miria Gomes Pereira
Prof.^a Patrícia de Andrade Risso
Prof.^a Patricia Pestana Garcez
Prof.^a Paula Fernandes de Brito
Prof.^a Paula Ramos
Prof. Raí Silva Gome
Prof.^a Renata de Mello Perez
Prof. Ricardo Lopes Correia
Prof.^a Sandra König
Prof. Sergio Augusto Lopes de Souza
Prof. Sergio Duarte Dantas Junior
Prof.^a Tais de Souza Lopes
Prof.^a Tania Vignuda de Souza
Prof.^a Tatiana de Castro Abreu Pinto
Prof.^a Tatiana Silveira Feijó Cardozo
Prof.^a Thadia Turon Costa da Silva
Prof.^a Thalita Fernandes de Abreu
Verônica Pinheiro Viana
Prof.^a Yonatta Salarini Vieira Carvalho

CENTRO DE TECNOLOGIA

Prof. Francisco Thiago Sacramento Aragão
Prof.^a Paula Farencena Viero
Prof.^a Raquel Massad Cavalcante

FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

Prof. Marcelo Ribeiro de Britto
Prof.^a Marcela Laura Monne
Prof.^a Valeria Pereira Silva

Representantes de Unidades

Patrícia Pizzigatti Klein
Lívia Mascarenhas de Paula Cunha

CENTRO MULTIDISCIPLINAR UFRJ - CAMPUS MACAÉ

Prof. Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets
Prof. Henrique Rocha Mendonça
Jorge Anselmo
Marcelo Brandão Araújo
Mariana Cantuaria Waldmann Brasil
Prof. Moises Clemente Marinho Cavalcante
Prof.ª Renata Borba de Amorim Oliveira

CAMPUS DUQUE DE CAXIAS

Prof.ª Andrea Claudia Freitas Ferreira
André Martins de Moura
Prof.ª Bianca Ortiz da Silva
Prof.ª Mariella Alzamora Camarena
Prof.ª Joanna Maria Teixeira de Azeredo Ramos
Prof. William Correa Tavares
Representantes de Unidades
Prof.ª Ana Paula Santos da Silva de Oliveira

Diagramação

Sérgio de Sena Tavares
Programador Visual - PR5

Identidade Visual do Evento

Gisele Paz
Programadora Visual - PR5



Realização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

PR-1

Pró-Reitoria de
Graduação

PR-2

Pró-Reitoria de
Pós-Graduação e Pesquisa

Apoio



Caderno de Resumos: Forum de Ciencia e Cultura

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 41

TITULO: ESPÉCIE NOVA DE SOOSIULUS DO ESTADO DO PARÁ, NORTE DO BRASIL (INSECTA: HEMIPTERA: CICADELLIDAE: CICADELLINI)

AUTOR(ES) : STÉPHANIE RIEHL DE CARVALHO,NATHALIA HILUY PECLY

ORIENTADOR(ES): VICTOR MARCOS CORDEIRO QUINTAS,GABRIEL MEJDALANI

RESUMO:

Cicadellidae (cigarrinhas), com aproximadamente 25.000 espécies conhecidas, é a maior família de Hemiptera. Cicadellinae inclui aproximadamente 2.400 espécies distribuídas em 330 gêneros e duas tribos, Cicadellini e Proconiini. Os cicadelíneos alimentam-se exclusivamente nos vasos xilemáticos de suas plantas hospedeiras. Aqui apresentamos uma espécie nova do gênero *Soosiulus* Young, 1977 proveniente do município de Belterra, Pará, Brasil (Floresta Amazônica). Esse gênero possui 27 espécies conhecidas e se distribui da Costa Rica em direção sul, através da região amazônica do Brasil e para o Peru e Bolívia (Young, 1977). *Soosiulus* pode ser diagnosticado pela seguinte combinação de características (Young, 1977): (1) coloração dorsal vermelha ou laranja com manchas pretas contrastantes; (2) coroa com a área entre os ocelos achatada ou ligeiramente côncava, sem uma fóvea mediana; (3) asas anteriores convexas apicalmente, área apical membranosa distinta; (4) pigóforo masculino com numerosas macrocerdas, geralmente estendendo-se em um grupo diagonal do meio do disco para a margem dorsoapical, sem processos; (5) placas subgenitais delgadas e triangulares, não se estendendo posteriormente ao ápice do pigóforo; (6) paráfise presente e geralmente pareada e simétrica (exceção: *S. fulgidus* Young, 1977, onde ela é reduzida a um esclerito em forma de barra longitudinal localizado no ápice do conectivo). Foram coletados 19 exemplares da espécie nova, incluindo fêmeas e machos. Esses espécimes pertencem às seguintes coleções: Departamento de Entomologia, Museu Nacional, UFRJ (MNRJ), Coleção Entomológica Prof. José Alfredo P. Dutra, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, UFRJ (DZU) e Coleção Entomológica Pe. Jesus de Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, UFPR (DZU). As estruturas das terminálias masculina e feminina foram preparadas em KOH 10% e dissecadas. Foram elaboradas fotografias e ilustrações, em nanquim, das partes externas do corpo e das estruturas genitais. A espécie nova apresenta seguinte combinação de características: (1) coloração dorsal laranja, com diversas manchas pretas, incluindo um par na transição da coroa para a face; (2) edeago, em vista lateral, com a haste ligeiramente curvada dorsalmente; ápice com um par de conspicuos processos dorsais espiniformes; (3) paráfise, em vista dorsal, com haste curta e articulada com o ápice do conectivo; com par de ramos alongados, delgados e afilados apicalmente; (4) esternito VII feminino com a margem posterior convexa em cada lado de um recorte mediano distinto. O edeago da espécie nova é bastante similar aos de *S. ruber* Young, 1977 e *S. hastatus* Young, 1977, pois as três apresentam um par de processos dorsoapicais. Entretanto, o edeago das duas últimas possui também um processo ventroapical, que não está presente na espécie nova. Essa é a primeira espécie descrita para o gênero após a sua proposição em 1977.

BIBLIOGRAFIA: Young, D.A. Taxonomic study of the Cicadellinae (Homoptera: Cicadellidae). Part 2. New World Cicadellini and the genus Cicadella. Bulletin of the North Carolina Agricultural Experiment Station, 1977, n. 239, p. 1-1135.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 341

TITULO: ENCONTRANDO O PASSADO NA PAISAGEM: A REGIÃO ARQUEOLÓGICA DE SAQUAREMA

AUTOR(ES) : EVELYN COELHO CIDADE

ORIENTADOR(ES): SILVIA BARREIROS DOS REIS

RESUMO:

A região de Saquarema tem sido alvo de pesquisas interdisciplinares desde o século XX, principalmente os trabalhos desenvolvidos por Lina Maria Kneip que iniciaram em meados da década de 70. A presente pesquisa em andamento tem por objetivo mapear, sistematizar e analisar os dados disponíveis sobre os sítios arqueológicos da região a partir do cadastro nacional de sítios arqueológicos e a base de georreferenciamento do Instituto IPHAN, juntamente das pesquisas publicadas até o momento. Sobretudo, analisando a contemporaneidade dos sítios, buscando entender como um complexo dinâmico no passado. Buscamos assim sistematizar informações pertinentes para o desenvolvimento e realização da segunda etapa da pesquisa sobre a presença e o papel histórico da representação dos "sambaquis" como marco de paisagem no presente para os habitantes, concentrando-se na importância de reconhecer o passado deste patrimônio histórico cultural para a região. Dessa forma, partimos da perspectiva da arqueologia pública, na qual é importante que as pesquisas científicas sejam desenvolvidas em diálogo com a sociedade. Esta pesquisa busca contribuir com subsídios para promover essa relação dialógica.

BIBLIOGRAFIA: KNEIP,L.M Preservação e Proteção do Patrimônio pré-histórico de Saquarema/RJ.Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, (texto impresso).1999 KNEIP,L.M. 1998. Os pescadores-coletores e caçadores pré-históricos da área arqueológica de Saquarema, RJ. R Arqueol Amer 15: 12-20. MBC.Guimarães. 2007. A ocupação pré-colonial da região dos Lagos, RJ: sistema de assentamento e relações intersocietais entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da tradição Una.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 364

TÍTULO: ESTUDO POLÍNICO DE ESPÉCIES DO GÊNERO DENDROPHORBIUM (CUATREC.) C. JEFFREY (SENECIONAE, ASTERACEAE) OCORRENTES NO BRASIL

AUTOR(ES) : THAYNÁ ROSA BATISTA MARTINS

ORIENTADOR(ES): RAQUEL SOUZA-SOUZA, ROBERTO ESTEVES, CLAUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA, VANIA GONÇALVES-ESTEVES

RESUMO:

Asteraceae é considerada a terceira maior família botânica em número de espécies no mundo, podendo ser encontrada em quase todos os continentes, com exceção da Antártica. Atualmente são aceitas 44 tribos, sendo Senecioneae Cass. a maior em número de espécies. No Brasil essa tribo contém 95 espécies distribuídas em 12 gêneros: *Adenostyles* Cass., *Dendrophorbiump* (Cuatrec.) C. Jeffrey, *Emilia* (Cass.) Cass., *Erechtites* Raf., *Euryops* (Cass.) Cass., *Graphistylis* B. Nord., *Gynura* Cass., *Hoechnephytum* Cabrera, *Jacobsia* Mill., *Pentacalia* Cass., *Pseudogynoxys* (Greenm.) Cabrera e *Senecio* L. (Roque et al. 2020). *Dendrophorbiump* é reconhecido por possuir arbustos semelhantes a árvores, folhas grandes geralmente dentadas e capítulos irradiados de coloração amarela ou branca. O gênero apresenta cerca de 13 espécies, sendo encontrado em todo o território brasileiro, principalmente da região sudeste do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Este trabalho teve como objetivo o estudo palinotaxonômico de 7 espécies de *Dendrophorbiump*. São elas: *D. brachycodon* (Baker) C. Jeffrey, *D. bradei* (Cabrera) C. Jeffrey, *D. catharinense* (Dusén ex Cabrera) C. Jeffrey, *D. fruticosum* (Vell.) C. Jeffrey, *D. limosum* (Dusén) C. Jeffrey, *D. pellucidinerve* (Sch. Bip. ex Baker) C. Jeffrey e *D. pluricephalum* (Cabrera) C. Jeffrey. O material botânico foi retirado dos herbarios HB, R e MBM, de acordo com o Index Herbariorum (Thiers et al. continuous update). Os botões florais foram acetilizados pelo método de Erdtman (1952), o sedimento polínico foi montado em lâminas com gelatina glicerinada, para realizar as análises polínicas e a fotografia sob o microscópio de luz. Foram realizadas medidas dos diâmetros polar e equatorial, das aberturas e da espessura da parede dos grãos de pólen. Os resultados obtidos mostraram grãos de pólen em móndades, isopolares, de tamanho médio, com forma variando de oblato-esferoidal a prolató-esferoidal, 3-colporados, área polar pequena, colpo longo, apresentando membrana ornamentada e margem, endoabertura lalongada com extremidade afilada, constricção mediana ou sem essa característica (*D. pellucidinerve*), sexina espinhosa com perfurações maiores na base dos espinhos, sexina mais espessa que a nexina; exina com cávea. Com base nos resultados encontrados pode-se concluir que os grãos de pólen são homogêneos, podendo ser diferenciados pela forma e pelas dimensões das aberturas e dos espinhos. Agradecimentos: CNPq, FAPERJ

BIBLIOGRAFIA: Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy-Angiosperms. Almqvist & Wiksell, Stockholm. Roque, N. et al. Asteraceae in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB55>>. Acesso em: 06 out. de 2021. Thiers, B. Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff: New York botanical Garden's Virtual herbarium. Disponível em: <http://sweetgum.nybg.org/ih/2010>

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta

ARTIGO: 473

TÍTULO: CERAMBYCIDAE (COLEOPTERA) ASSOCIADOS A ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA (ARAUCARIACEAE, CONIFERAES) FRENTE À AMEAÇA DE EXTINÇÃO

AUTOR(ES) : GABRIELLE CABRAL FERNANDES BARROSO

ORIENTADOR(ES): MARCELA LAURA MONNE FREIRE, DIEGO DE SANTANA SOUZA

RESUMO:

Cerambycidae é uma das famílias mais diversas da ordem Coleoptera, com mais de 38.000 espécies descritas. São besouros fitófagos com comprimento que variam de 3 a 200 mm, com olhos emarginados, antenas longas, e tarsos pseudotetrameros. Os cerambícideos constituem um grupo de destaque tanto do ponto de vista agrícola, como ecológico, atuando diretamente na ciclagem de nutrientes (Monné et al., 2017). Cerca de 100 espécies de insetos utilizam araucária (*Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze) como planta hospedeira, incluindo 40 espécies de besouros. A *A. angustifolia*, ou pinheiro-do-paraná, é uma espécie nativa e a única do gênero *Araucaria* Juss. ocorrente no Brasil, tendo uma distribuição ampla nos estados do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, em Misiones na Argentina e no Alto Paraná no Paraguai. É uma espécie arbórea muito representativa no âmbito cultural, econômico e ambiental. Lamentavelmente, a exploração da madeira resultou numa grave ameaça à sua sobrevivência (Mecke, 2002). O desmatamento indiscriminado fez com que entrasse para o Livro Vermelho da Flora do Brasil, classificada como Em Perigo (EN) (Martinelli & Morais, 2013). A situação crítica da araucária coloca em risco uma série de consumidores naturais dessa árvore, dentre eles espécies de Cerambycidae. Nesse sentido, neste trabalho objetivou-se listar as espécies de Cerambycidae que utilizam a *A. angustifolia* como planta hospedeira e inferir o risco que populações desses besouros poderiam sofrer já que elas tem somente essa planta como hospedeira. Através de levantamento bibliográfico, foram reunidas informações sobre distribuição geográfica e registro de plantas hospedeiras das espécies de Cerambycidae que se desenvolvem em araucária. Das espécies que possuem *A. angustifolia* como única planta hospedeira registrada, a distribuição geográfica do hospedeiro foi correlacionada com a distribuição do consumidor natural para inferir uma possível relação de exclusividade. Como resultados, foram identificadas 11 espécies de Cerambycidae que utilizam *A. angustifolia* como planta hospedeira: *Leptocometes virescens* (Melzer), *Leptostylus perniciosus* Monné & Hoffmann, *Taurorus chabriallacii* Thomson, *Taurorus mourei* Marinoni, *Aegomorphus juno* (Fisher), *Steirastoma marmoratum* (Thunberg), *Strangalia melanura* (Redtenbacher), *Parandra (Parandra) glabra* (De Geer), *Nathrius brevipennis* (Mulsant), *Huequenia araucana* (Cerda), e *Huequenia livida* (Germain). Dessas, de acordo com registros da literatura, quatro espécies são possivelmente monófagas, utilizam exclusivamente *A. angustifolia* como planta hospedeira: *L. virescens* (Melzer), *S. melanura* (Redtenbacher), *T. mourei* Marinoni, e *A. juno* (Fisher). Os próximos passos do estudo incluem a confecção de mapas de distribuição geográfica para essas quatro espécies e investigação através de análises de modelagem de nicho, do potencial risco de extinção dessas espécies de Cerambycidae.

BIBLIOGRAFIA: Mecke, R. (2002): Insetos do Pinheiro Brasileiro - Insekten der brasiliianischen Araukarie - Insects of Brazilian Pine. Attempto Service GmbH, Tubingen, Germany, 79p., 103 figs. Monné, M. L., Monné, M. A., & Wang, Q. (2017). General Morphology, Classification, and Biology of Cerambycidae. In Cerambycidae of the World (pp. 15-84). CRC Press. Martinelli, G. & Morais, M. A. (2013) Livro vermelho da flora do Brasil. Tradução: Flávia Anderson, Chris Heatt. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobs.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 477****TITULO: CERAMBYCIDAE (INSECTA: COLEOPTERA) E SUAS PLANTAS HOSPEDEIRAS: ESTUDO DA OCORRÊNCIA DE ESPÉCIES EM FABACEAE NO BRASIL****AUTOR(ES) : CAMILA DA SILVA CARLI****ORIENTADOR(ES): MARCELA LAURA MONNE FREIRE,DIEGO DE SANTANA SOUZA,CAIO ANTUNES DE CARVALHO****RESUMO:**

Cerambycidae Latreille, 1802 é uma das maiores famílias da ordem Coleoptera, com mais de 38.000 espécies descritas. Os cerambícideos são insetos fitófagos consideravelmente diversificados taxonomicamente e estreitamente relacionados com suas plantas hospedeiras, podendo ser monófagos ou polífagos. Adultos de Cerambycidae se alimentam de partes verdes das plantas, enquanto as larvas são essencialmente xilófagas e se alimentam de madeira morta (HAACK, 2017). Fabaceae Lindley, 1830 é a família botânica com maior riqueza de espécies no Brasil, estando presente de forma abundante em todos os domínios fitogeográficos do território brasileiro. De acordo com Martinelli & Moraes (2013), cerca de 86 espécies de Fabaceae estão classificadas em níveis como Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e Vulnerável (VU). Estes níveis de ameaça de extinção são considerados os mais altos de acordo com a União Internacional para Conservação da Natureza. Este estudo objetiva reunir e analisar dados da literatura sobre os cerambícideos que utilizam como plantas hospedeiras espécies da família Fabaceae que ocorrem no Brasil. Como metodologia para obtenção de dados, foi realizado levantamento bibliográfico referente a Cerambycidae e Fabaceae no Brasil. Foram realizadas análises de dados em catálogos taxonômicos, como o *Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Neotropical Region* (MONNÉ, 2021), e em bancos de dados atualizados de forma on-line, para, posteriormente, produzir tabelas e mapas com a ocorrência das espécies de Cerambycidae em espécies de Fabaceae no Brasil. Resultados preliminares indicam que 11 espécies de cerambícideos utilizam fabáceas como plantas hospedeiras no Brasil, incluindo duas espécies classificadas como Em Perigo, como o pau-brasil (*Paubrasilia echinata* Lamarck) e o acapu (*Vouacapoua americana* Aubl.), e duas espécies classificadas como Vulnerável, como o jacarandá-da-bahia (*Dalbergia nigra* (Vell.) Allemão ex Benth.) e o angelim (*Hymenolobium excelsum* Ducke). Dentre as espécies de Cerambycidae, *Hypsioma basalis* Thomson, 1860 apresenta distribuição geográfica registrada em dois estados do Sudeste brasileiro (ES e RJ), coincidindo com a distribuição geográfica da sua planta hospedeira, o jacarandá-da-bahia, espécie endêmica da Floresta Atlântica com ocorrências registradas no Nordeste (AL, BA, CE, PB, PE, e SE), Sudeste e Sul (PR) do Brasil. Tais resultados corroboram a ideia de que os cerambícideos estão fortemente vinculados às formações vegetais, justificando o fato de suas ocorrências serem influenciadas pelo estado de conservação das regiões que eles habitam, incluindo o estado de conservação de suas plantas hospedeiras. As próximas etapas do estudo incluem a confecção de mapas de distribuição geográfica para as espécies de Cerambycidae e a realização de análises de modelagem de nicho para estimar o potencial risco das espécies de Cerambycidae associadas às fabáceas ameaçadas de extinção.

BIBLIOGRAFIA: HAACK, R. A. 2017 Feeding Biology of Cerambycids. In: WANG, Qiao (ed.). *Cerambycidae of the World: Biology and Pest Management*. 1. ed. Boca Raton: Taylor & Francis. p. 105-132. MARTINELLI, G.; MORAIS, M. A. 2013 Livro vermelho da flora do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1100 p. MONNÉ, M. A. 2021. Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Neotropical Region. Disponível em: <https://cerambycids.com/catalog>.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 518****TITULO: PALINOLOGIA DE ESPÉCIES SELECIONADAS DE BACCHARIS L. (ASTEREAE - ASTERACEAE) NO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA.****AUTOR(ES) : JEANE N. NASCIMENTO****ORIENTADOR(ES): RAQUEL SOUZA-SOUZA,ROBERTO ESTEVES,CLAUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA,VANIA GONÇALVES-ESTEVES****RESUMO:**

No Brasil, *Baccharis* L. está representado por 179 espécies, dessas 116 são endêmicas (Roque et al. 2020). O Parque Nacional do Itatiaia é o primeiro parque nacional do Brasil e localiza-se na região sudeste, no domínio Mata Atlântica (Monteiro & Guimarães 2008), registrando-se 37 espécies de *Baccharis* onde a maioria ocorre nos Campos de Altitude. *Baccharis* é um dos poucos gêneros dioicos em Asteraceae, suas espécies distribuem-se nas Américas, em maioria no Neotrópico. O presente estudo tem como objetivo examinar e caracterizar a morfologia polínica de espécies selecionadas de *Baccharis* (*B. erioclada* DC., *B. lateralis* Baker, *B. organensis* Baker e *B. serrulata* (Lam.) Pres.). O material botânico foi coletado em campo, posteriormente herborizado e depositado no herbario do Museu Nacional/UFRJ (R). As anteras foram retiradas de botões florais em pré antese e submetidas ao método acetolítico estabelecido por Erdtman (1952). Em seguida foram preparadas lâminas e estas foram medidas, examinadas sob microscopia de luz e fotomicrografadas. Foram mensurados 25 grãos de pólen dos diâmetros polar e equatorial quando em vista equatorial. Foram realizadas 10 medidas do diâmetro equatorial e lado do apocolpo quando em vista polar, dos diâmetros da abertura e da espessura das camadas da exina. Os táxons analisados apresentam grãos de pólen médios, isopolares, 3-colporados, oblato-esferoidais (prolatos-esferoidais em *B. erioclada*) e área polar pequena. Os colpos são longos (maior comprimento, ca. 14,4 μ m em *B. lateralis* e menor, ca. 13,0 μ m em *B. erioclada*), largos (maior dimensão ca. 3,9 μ m em *B. erioclada* e menor, 3,0 μ m em *B. lateralis*), a endoabertura é nitidamente alalongada em *B. lateralis* (3,8x8,0 μ m) e *B. organensis* (3,5x6,0 μ m), ligeiramente alalongada em *B. serrulata* (3,3x4,3 μ m) e lolongada *B. erioclada* (5,3x5,2 μ m). A sexina é equinada, os espinhos são cónicos, longos (maior comprimento ca. 4,5 μ m em *B. lateralis* e menor, ca. 3,3 μ m em *B. erioclada*). A sexina é sempre mais espessa que a nexina. Os grãos de pólen das espécies analisadas são semelhantes quando são analisadas a forma, abertura e o padrão geral da exina porém, quantitativamente podem ser separadas pelas dimensões das aberturas e dos espinhos, permitindo caracterizar o grupo. (CNPq, FAPERJ).

BIBLIOGRAFIA: Erdtman G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy-Angiosperms. Almqvist & Wiksell, Stockholm. p.539. Monteiro D., Guimarães EF. 2009. Flora do Parque Nacional do Itatiaia - Brasil: Manekia e Piper (Piperaceae). Rodriguesia 60(4): 999-1024. Roque, N. et al. Asteraceae in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB55>>. Acesso em: 06 out. de 2021

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 536****TITULO: ANATOMIA E RECURSO FLORAL DE CLUSIA ORGANENSIS (CLUSIACEAE)****AUTOR(ES) : CAMILA RAPOSO****ORIENTADOR(ES): BÁRBARA DE SÁ HAIAD****RESUMO:**

O gênero neotropical *Clusia* é considerado o maior de Clusiaceae, com 300-400 espécies distribuídas desde a Flórida, nos Estados Unidos, até Rio Grande do Sul, no Brasil (Nascimento Jr & Alencar, 2020). Apesar de algumas espécies apresentarem néctar ou pólen como recurso para os polinizadores, a maioria secreta resina. A produção de resina floral é incomum nas angiospermas, sendo considerada rara e atraindo polinizadores específicos (Carmo & Franceschinelli, 2002). As resinas florais geralmente são coletadas por abelhas fêmeas sociais que as usam com a finalidade de forrar seus ninhos, onde agem como um impermeabilizante de lenta decomposição e de ação antimicrobiana. *Clusia organensis* Planch. & Triana, espécie arbustiva, dióica e endêmica do Brasil, ocorre na região Sudeste, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (Nascimento Jr & Alencar, 2020) e possui flores aparentemente resiníferas. Objetiva-se, através de análises anatômicas e histoquímicas, responder às perguntas: o recurso oferecido aos polinizadores pelas flores de *C. organensis* é a resina? Quais os sítios de produção da resina nestas flores? Botões florais e flores, estaminados e pistilados, foram coletados no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ, Brasil), fixados, emblocados em Historesin® e seccionados com navalha de vidro em micrótomo rotativo. As flores de *C. organensis* estão dispostas em dicásios; são pediceladas, diclamídeas, unissexuadas e hipogínas. Flores estaminadas possuem estames e pistilódio. Flores pistiladas possuem estaminódios circundando o gineceu. Os frutos são cápsulas septifragas obovadas, com muitas sementes ariladas. O pedicelo apresenta epiderme uniestratificada, regiões cortical e medular parenquimáticas, contendo cavidades e canais secretores e idioblastos drusíferos. O sistema vascular, composto por feixes colaterais, está disposto em anel e é acompanhado de bainha amílfila. Os espaços secretores ocorrem em sépalas, pétalas, androceu e gineceu e secretam resina, evidenciada pela reação positiva ao acetato cíprico. Sépala e pétala apresentam epiderme uniestratificada em ambas as faces e mesofilo parenquimático onde ocorrem feixes vasculares colaterais, idioblastos drusíferos e espaços secretores. No androceu da flor estaminada, os estames estão dispostos em 3 séries. Os filetes apresentam epiderme uniestratificada, estratos de parênquima contendo idioblastos drusíferos, além de cavidades e canais secretores e feixe vascular colateral central. As anteras são bitecas, tetraesporangiadadas e rimosas. Apresentam epiderme uniestratificada, estrato de endotécio com espessamento em barra e tapete degenerado. O septo é formado por estratos de parênquima contendo idioblastos drusíferos. O conectivo possui cavidades secretoras que se rompem na antese, liberando resina. Apesar de parciais, os resultados já permitem afirmar que o recurso oferecido aos polinizadores pelas flores de *C. organensis* é a resina produzida em cavidades e canais no androceu.

BIBLIOGRAFIA: Carmo, R. M.; Franceschinelli, E. V. Polinização e biologia floral de *Clusia arruda* Planchon & Triana (Clusiaceae) na Serra da Calçada, município de Brumadinho, MG. Brazilian Journal of Botany, 2002. v. 25, n. 3, p.351-360. Nascimento Jr, J.E.; Alencar, A.C. *Clusia* in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB6830>>. Acesso em: 07 out. 2021

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 538****TITULO: ANATOMIA E RECURSO FLORAL DE NEOMARICA CAERULEA (IRIDACEAE)****AUTOR(ES) : ANA ARAUJO****ORIENTADOR(ES): BÁRBARA DE SÁ HAIAD****RESUMO:**

As flores, em espécies de Iridaceae, apresentam cores, formas, odores e recursos variados, podendo oferecer, pólen, néctar ou óleo para os polinizadores. Na África, as espécies nectaríferas parecem ser mais frequentes (Goldblatt et al. 2008). Para o neotrópico, a literatura aponta espécies produtoras de óleo a partir de elaióforos presentes nas tépalas ou na coluna estaminal. A espécie *Neomarica caerulea* (Ker Gawl.) Sprague é endêmica do Brasil e ocorre na Mata Atlântica, podendo ser encontrada em área antrópica, campo rupestre, floresta ombrófila e em afloramentos rochosos (Gil & Hall, 2020). Objetiva-se, através de análises histoquímicas e anatômicas responder às perguntas: qual o recurso oferecido aos polinizadores pelas flores de *N. caerulea*? Qual o sítio de produção deste recurso? Botões florais e flores foram coletados de indivíduos adultos de *N. caerulea* cultivados no Horto Botânico do Museu Nacional/UFRJ, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro. As amostras foram fixadas, emblocadas em Historesin® e seccionadas com navalha de vidro em micrótomo rotativo. As flores estão dispostas em ripídios, são pedunculadas, homoclámidas, perfeitas, epígenas e trímeras. As tépalas externas são elípticas, com estriações ferrugíneas na base e as internas, oblongas com estriações ferrugíneas na base e região médio-apical, portando faixa central branca e estriações vináceas. As tépalas externas são anfiestomáticas e apresentam epiderme uniestratificada em ambas as faces, cujas células são alongadas axialmente na face abaxial e quadradas na adaxial. O mesofilo possui estratos parenquimáticos e feixes vasculares colaterais. As tépalas internas apresentam epiderme uniestratificada com células alongadas axialmente em ambas as faces. Na face adaxial ocorrem tricomas glandulares unicelulares com citoplasma denso, núcleo redondo, conspicuo, ocupando a porção proximal da célula e com nucleólo evidente. A porção distal do tricoma é globosa, posicionada acima do nível das demais células epidérmicas. O conteúdo destes tricomas reagiu positivamente aos testes com PAS e vermelho de ruténio, indicando presença de polissacarídeos/mucilagem. Os estames possuem anteras bitecas e tetraesporangiadadas. A parede da antera é composta por epiderme, endotécio e camada média colapsada. Em anteras de botões em pré-antese observa-se restos de tapete e grãos de pólen em fase de microgametófitos bicelularizados. O conectivo parenquimático apresenta feixe vascular central. O estilete possui contorno triangular, epiderme uniestratificada, mesofilo parenquimático contendo idioblastos de conteúdo fenólico, feixes vasculares e canal estilar central, circundado por epiderme e estratos subepidérmicos com células de citoplasma denso e com grãos de amido. Apesar de parciais, os resultados permitem sugerir que o recurso oferecido aos polinizadores pelas flores de *N. caerulea* é uma solução contendo polissacarídeos, produzida nos tricomas presentes na face adaxial das tépalas internas.

BIBLIOGRAFIA: Gil, A.S.B.; Hall, C.F. *Neomarica* in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17833>>. 2020. Acesso em: 07 out. 2021 GOLDBLATT, P. et al. Iridaceae 'Out of Australasia'? Phylogeny, biogeography, and divergence time based on plastid DNA sequences. Systematic Botany, 2008. v. 33, n. 3, p. 495-508.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 603****TITULO: OS SIMULIIDAE(INSECTA, DIPTERA) DEPOSITADOS NA COLEÇÃO ENTOMOLÓGICA DO MUSEU NACIONAL - UFRJ****AUTOR(ES) : MATHEUS VILLAR, IVYN KARLA LIMA DE SOUSA, DURVAL DA SILVA SANTOS****ORIENTADOR(ES): LEONARDO H. GIL AZEVEDO****RESUMO:**

Os insetos da ordem Diptera são conhecidos popularmente como moscas e mosquitos. É uma das ordens mais diversas de insetos, tanto em número de espécies quanto nos hábitos. A família Simuliidae, conhecidos popularmente como borrachudos ou piuns, é encontrada em todos os continentes e abriga mais de 2000 espécies em 31 gêneros. As fêmeas dos simulídeos têm hábitos hematófagos e suas picadas podem gerar reações alérgicas severas, causando prejuízos econômicos no turismo e agropecuária, além de ser um problema de saúde pública. O objetivo deste estudo foi analisar a representatividade e o crescimento do material da família Simuliidae depositado na Coleção Entomológica do Museu Nacional- UFRJ (MNRJ); e fazer uma análise comparativa antes e depois do incêndio de setembro de 2018, para avaliar o processo de reestruturação do acervo. Desde outubro de 2018 houve diversas campanhas de coleta com objetivo de recuperar o acervo, além do recebimento de doações. Após as coletas, o material foi levado para o laboratório e iniciado o processo de triagem. Os espécimes da família Simuliidae foram separados e posteriormente identificados no menor nível possível. Logo após esse processo, os exemplares foram tombados em planilha digital e acondicionados corretamente na coleção. Foi feita uma comparação dos números de gêneros, subgêneros e espécies que foram depositadas na coleção e sua abrangência geográfica. Antes do incêndio haviam 123 espécies, 21 subgêneros e 20 gêneros registrados. Com registros para 12 países de três continentes (Américas, Europa e Oceania). Havia material do Brasil de sete estados (CE, MG, PI, RJ, RS, SC e SP). Infelizmente todo esse material foi perdido no incêndio. No entanto, a Coleção Entomológica tem crescido exponencialmente após setembro de 2018, mesmo com as dificuldades impostas pela perda do espaço físico e da pandemia. Até o momento foram depositadas 45 espécies, dez subgêneros e sete gêneros de três países (Brasil, Chile e Peru, mas ainda com material da África do Sul e Espanha para serem identificados e tombados). No Brasil foram depositados exemplares de dez estados (BA, ES, GO, MG, MT, PR, RJ, RR, SC e SP). Das 45 espécies depositadas, 31 foram recuperadas (das 123 espécies representadas pré-incêndio) e 14 espécies não haviam sido representadas antes. Estes resultados indicam que embora estejamos longe de recuperar a abrangência do acervo antigo, o acervo tem crescido em uma boa velocidade. O que pode ser confirmado pelo número de exemplares depositados, 13211 pré-incêndio, contra 6644 pós incêndio. Fazendo uma análise nas doações, se observou que o material doado antes do incêndio, era de 72 espécies provindas de dez países, após o incêndio esse número se reduziu para 16 espécies junto com a diminuição da abrangência da origem do material doadores (Brasil, Chile e Peru). É importante intensificar as doações e permutas com coleções de outros países para aumentar a abrangência do acervo.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 929****TITULO: PALINOTAXONOMIA DE ESPÉCIES DE OOCEPHALUS (BENTH.) HARLEY & J.F.B. PASTORE (LAMIACEAE)****AUTOR(ES) : ANDRIELLE BEZERRA ALVES****ORIENTADOR(ES): RENATA JACOMO PAIXÃO DE CARVALHO, VANIA GONÇALVES-ESTEVES, CLAUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA****RESUMO:**

O gênero *Oocephalus* (Benth) Harley & J.F.B. Pastore está subordinado à subtribo Hytidinae, família Lamiaceae (APG IV, 2016) e comprehende cerca de 20 espécies, sendo estas endêmicas dos campos rupestres da Serra do Espinhaço que se estende pelos estados de Minas Gerais a Bahia e no Planalto Central Brasileiro de Goiás (Harley et al. 2019). O presente estudo palinológico teve o propósito de examinar, caracterizar a morfologia polínica e avaliar o potencial taxonômico dos grãos de pólen, permitindo uma melhor compreensão da delimitação dos táxons da subtribo. Até o momento nove espécies de *Oocephalus* foram estudadas: *O. crassifolius* (Mart. ex Benth) Harley & J.F.B. Pastore, *O. grazielae* Harley, *O. hagei* Harley (Harley & J.F.B. Pastore), *O. halimofolius* (Mart. ex Benth.) Harley & J.F.B. Pastore, *O. lythroides* (Pohl ex Benth.) Harley & J.F.B. Pastore, *O. oppositiflorus* (Schrank) Harley & J.F.B. Pastore, *O. piranii* (Harley) Harley & J.F.B. Pastore, *O. silvinae* (Harley) Harley & J.F.B. Pastore e *O. tenuithrysus* Harley. Foram analisadas amostras disponíveis de excisas depositadas nos herbaríos nacionais. Os botões florais foram acetolisados, segundo a metodologia de Erdtman (1952) e o sedimento polínico foi depositado em lâminas, com gelatina glicerinada, para as análises e fotomicrografias sob microscopia de luz. Foram tomadas 25 medidas em vista equatorial (diâmetros polar e equatorial), em vista polar (diâmetro equatorial e lado do apocolpo); 10 medidas dos diâmetros das aberturas e da espessura das camadas da exina dos grãos de pólen, seguida do tratamento estatístico usual em palinologia. Para análise em microscopia eletrônica de varredura, as anteras foram rompidas e os grãos de pólen não acetolisados, espalhados sobre suportes previamente recobertos por fita dupla face de carbono. Todos os táxons analisados apresentam grãos de pólen em mônades, de tamanho médio, são isopolares, apresentam exina reticulada, 6-(8)colpados, são prolato-esferoidais (suboblatos em *O. grazielae* e *O. oppositiflorus*) (oblato-esferoidais em *O. silvinae*, *O. oppositiflorus* e *O. hagei*) e apresentam área polar muito pequena (pequena em *O. hagei*). Colpos longos (maior - ca. 26,8 µm em *O. silvinae* e menor - ca. 16,5 µm em *O. oppositiflorus*) e largos (maior - ca. 4,2 µm em *O. lythroides* e menor - ca. 2,7 µm em *O. tenuithrysus*). A sexina é mais espessa que a nexina. A partir dos dados obtidos, conclui-se que há pouca variação no tamanho, no número de aberturas e na ornamentação da sexina. Porém, é possível observar que algumas espécies de *Oocephalus* apresentam variações em sua forma, no comprimento e na largura das aberturas e da área polar que permite considerar o gênero euripolínico. As análises realizadas até o momento são insuficientes para inferir o posicionamento dos táxons do grupo, havendo necessidade de ampliar os estudos sobre a subtribo Hytidinae. (CNPq, FAPERJ).

BIBLIOGRAFIA: APG IV - Angiosperm Phylogeny Group. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. Bot. J. Linnean Soc. 181:1-20. Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy-Angiosperms. Almqvist & Wiksell, Stockholm. Harley, R.M., Souza S.A., Pastore, J.F.B. *Oocephalus viscaria* (Hytidinae: Lamiaceae), a well-known new species from Central Brazil. Brittonia, v.71, p. 389-393, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12228-019-095>

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1176****TÍTULO: ESTUDO DO MAGMATISMO TOLEÍTICO RELACIONADO AO BREAK UP DE GONDWANA, MUNICÍPIO DE ARRAIAL DO CABO (RJ)****AUTOR(ES) : LETÍCIA DE SOUZA CARDOSO****ORIENTADOR(ES): ELIANE GUEDES FERREIRA****RESUMO:**

O município de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos (RJ), é marcado pela expressiva ocorrência de uma série de intrusões, como diques, *sills* e *stocks*. Essas feições registram um magmatismo de afinidade toleítica, relacionado ao *break up* de Gondwana e um magmatismo de composição alcalina, relacionado à reativação da Plataforma Sul Americana. Esta atividade magmática encontra-se alojada nas rochas do embasamento, constituído por ortognaisses do Complexo Região dos Lagos e anfibolitos. Tanto os corpos intrusivos quanto as rochas do embasamento são cortadas por diversas fraturas e falhas. Esse trabalho, ainda em desenvolvimento, tem como principal objetivo detalhar a geologia de Arraial do Cabo, com o enfoque atual na geoquímica do magmatismo. Para isto, o método de trabalho adotado foi a compilação bibliográfica acerca da ocorrência deste magmatismo no estado do Rio de Janeiro, utilizando-se o banco de dados Georock e publicações sobre o tema na região. Uma base de dados foi produzida em Excel, integrando os dados geoquímicos encontrados. A análise química inicial contou com o cálculo da norma CIPW e diversos diagramas para classificação de litotipos e de ambiência tectônica dessas rochas. A análise dos diagramas aponta para dois conjuntos distintos de rochas. O primeiro é caracterizado por abranger uma maior quantidade de amostras, sendo classificado segundo os diagramas AFM e FeOt/MgO-SiO₂ em um magmatismo de afinidade toleítica. Nos diagramas TAS e Nb/Y - Zr/Ti estas rochas são classificadas predominantemente como basaltos. O segundo conjunto de acordo com o diagrama TAS é corroborado pela norma CIPW representa rochas de afinidade com a série alcalina, sendo classificadas pelos diagramas Nb/Y - Zr/Ti e TAS como fonolitos e traquitos. Os dados da norma CIPW apontam ainda para a presença de quartzo toleítos e olivina toleítos no conjunto toleítico. A análise dos dados pelos diagramas Harker aponta para a subdivisão das rochas da série toleítica segundo seu conteúdo de TiO₂, caracterizando um conjunto de alto TiO₂ e um de baixo TiO₂. Observando em detalhe os dados de Arraial do Cabo e os novos dados produzidos neste trabalho, identificou-se somente a presença de amostras de baixo TiO₂ para esta região. No diagrama de ambiência tectônica o conjunto toleítico plota como E-MORB e novamente é possível observar a separação do conjunto toleítico das rochas de caráter alcalino. No diagrama Zr-Ti as amostras da série alcalina plotam predominantemente como de ambiência intraplaca. Este magmatismo toleítico no estado segue o observado em outras províncias magmáticas com a presença de dois conjuntos, um de alto e um de baixo TiO₂, sendo que em Arraial ocorre somente tipos de baixo TiO₂. Para o magmatismo alcalino, novos dados devem ser inseridos no banco de dados, englobando principalmente maciços do estado, para que a química possa ser detalhada.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1203****TÍTULO: A PROGRAMAÇÃO MUSICAL DA RÁDIO UFRJ: O QUE TOCAR E EM QUE ORDEM?****AUTOR(ES) : CAROLINA DESOTI FERNANDES,GUSTAVO BERNARDES ALMEIDA****ORIENTADOR(ES): MARCELO KISCHINHEVSKY****RESUMO:**

Qual o papel da programação musical de uma rádio universitária? Para muitos, pode ser simplesmente a trilha sonora de fundo para conteúdos educativos e/ou institucionais. Entende-se neste trabalho, no entanto, a música como fator decisivo na construção de laços com a audiência, auxiliando a negociação de identidades e até dinamizando cenas locais e projetando artistas sem espaços na mídia de referência.

A pesquisa envolve a equipe de Curadoria Musical da Rádio UFRJ, emissora educativa desenvolvida pelo Núcleo de Rádio e TV, órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, sob orientação do professor Marcelo Kischinhevsky. O trabalho integra ensino, pesquisa e extensão, articulando-se com disciplinas oferecidas na Escola de Comunicação da UFRJ e com ações extensionistas no âmbito do programa "Construindo um rádio dialógico". Considera-se que a mídia sonora encontra-se, cada vez mais, tensionada entre a mediação algorítmica do streaming e a curadoria humana, condicionada pelos softwares de automação.

A preocupação em construir uma programação musical diversa e atualizada, com faixas que representem a diversidade artística desejável para uma rádio universitária, norteia a pesquisa. Isso significa estabelecer regras básicas de escolha que tornem o trabalho possível, já que o volume de lançamentos atuais vai muito além da capacidade de avaliação de qualquer equipe, por maior que seja. A partir de pesquisa de opinião sobre o que se esperava da Rádio UFRJ, realizada em 2019, foram estabelecidos critérios que balizam o repertório musical: ênfase na música brasileira independente, privilegiando artistas fora do circuito mainstream da indústria fonográfica e contemplando diversos gêneros. A rádio pode ser ouvida em: <https://radio.ufrj.br/>

Tais critérios são condizentes com as conclusões de relatório da Unesco sobre o papel da radiodifusão pública (2001) e estão em consonância com outras pesquisas. Em estudo sobre a programação musical da Rádio Unesp, Ribeiro e Monteiro (2020) discutem o "interesse público" e a função social desse tipo de mídia. A audiência baixa típica das rádios públicas associadas a uma clara discrepância com o que toca nas emissoras comerciais apontam para questionamentos essenciais e constantes para pensar o presente e o futuro da música na radiodifusão. O quanto é de "interesse público" a opção por uma programação distinta do que podemos considerar "música massiva"?

Para além da escolha de repertório, o encadeamento das faixas na programação também passa por uma reflexão sobre tecnologia e novas formas de escuta. O streaming já é um fenômeno concreto para milhões de pessoas que escutam música frequentemente e sua forma de organizar os lançamentos entre gêneros e "moods" (KISCHINHEVSKY et al., 2021) deve ser levada em conta na elaboração da programação de emissoras, oferecendo alternativas a algoritmos que não trazem, em sua gênese, compromisso com a representatividade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais.

BIBLIOGRAFIA: KISCHINHEVSKY, M.; FERREIRA, G.; GÓES, C.; SEIDEL, A.; MONTEIRO, L. Entre o algoritmo e a curadoria: Programação radiofônica, gêneros musicais e repetição. *Comunicação Mídia e Consumo*, São Paulo-SP, v. 18, n. 51, p. 144-165, jan./abr. 2021. RIBEIRO, H. L; MONTEIRO, C. J. B. Rádio universitária e interesse público: Uma análise a partir da programação musical. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p.159-178, set./dez.2020. UNESCO. *Public Broadcasting: Why? How? Conseil mondial de la radiotélévision (Canada)*, 2001. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000124058>>

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1229****TITULO: RECONFIGURAÇÕES DA MÍDIA SONORA NO CONTEXTO DO RÁDIO EXPANDIDO****AUTOR(ES) : PRISCILA FIRMINO CARNEIRO****ORIENTADOR(ES): MARCELO KISCHINHEVSKY****RESUMO:**

O objetivo do estudo, sob a orientação do professor Dr. Marcelo Kischinhevsky e em cooperação com o Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), consiste na análise de dados da cartografia de rádios universitárias. Através de informações compiladas desde 2017, a ideia central da pesquisa maior consiste na análise da cartografia de rádios universitárias, visto que o campo da radiodifusão universitária encontra-se em constituição no Brasil e são poucas as pesquisas relacionadas a esse tema. No presente relatório, tendo um recorte de estudo, buscou-se identificar como, ao longo do tempo, as mudanças advindas das evoluções tecnológicas, em relação às redes sociais, impactaram em uma nova reestruturação e na utilização destas como forma de divulgação por parte dessas rádios. De maneira que foi feito um levantamento de como essas estão distribuídas e como é feito esse trabalho de divulgação por parte dessas rádios nas redes sociais advindos consequentemente das novas tecnologias.

BIBLIOGRAFIA: KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MALERBA, João Paulo; MONTEIRO, Liana. Rádios universitárias entre a comunicação institucional e o jornalismo. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 10, n. 02, pp.29-48, jul./dez. 2019. KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de; HANG, Lorena. Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), v. 7, n. 2. São Paulo: Rede Alcar, 2018.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1352****TITULO: DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO: A ATUAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO DO FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA****AUTOR(ES) : PAULA ISABELLE TEIXEIRA DE SOUZA,ANA CATHARINA CORDEIRO DUARTE BRAGA,STEPHANIE CHRISTINA DO CARMO SILVA,MATTHAEUS BRAGA DA SILVA****ORIENTADOR(ES): BRUNA MARIANO RODRIGUES****RESUMO:**

Este resumo tem como objetivo apresentar a atuação dos bolsistas da Superintendência de Comunicação (Supercom) do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. O Fórum é a unidade responsável por coordenar a política cultural e de divulgação científica da Universidade, e estrutura-se em três superintendências: Difusão Cultural, Administrativa e de Comunicação.

Cabe à Supercom a tarefa de divulgar as ações e projetos do Fórum, não apenas internamente, mas também junto ao público externo. Para isso, a Superintendência conta com uma equipe de servidores e bolsistas. No total, quatro bolsistas - sendo dois de graduação e dois de pós-graduação - atuam na produção e veiculação de conteúdo nas redes sociais e no site do Fórum. Atualmente, o Fórum conta com perfis nas seguintes redes: Facebook, Instagram, Twitter, YouTube e LinkedIn.

Os bolsistas colaboram com a pesquisa de conteúdo e com o planejamento de divulgação em todas as cinco plataformas digitais em que o Fórum está presente, sendo suas atividades divididas por área de atuação.

1- PRODUÇÃO DE CONTEÚDO: Apoio na elaboração de estratégias e desenvolvimento de plano de conteúdo; Produção de material para alimentação das redes sociais; Elaboração de pautas e matérias jornalísticas e colaboração com atividades de edição gráfica e audiovisual.

2- DESIGN: Tratamento e edição de imagens; Criação e diagramação de arte gráfica para mídias digitais e impressas; Criação de identidades visuais e derivados online e offline e desenvolvimento de peças para redes sociais, e-mail marketing e site.

3- AUDIOVISUAL: Captação e edição de imagens; Apoio à realização de eventos remotos; Apoio à transmissão de lives e demais atividades online e produção de material audiovisual a ser utilizado nas redes sociais.

Por meio da realização das atividades listadas, os estudantes podem aplicar o conhecimento teórico obtido em sala de aula, desenvolvendo suas habilidades, sempre com orientação de profissionais especializados na área. Os resultados da atuação dos bolsistas podem ser mensurados pelo aumento do alcance das redes sociais do Fórum (a título de exemplo, o canal do Fórum no YouTube, criado em 2020, já conta com mais de 15.000 inscritos), mas também por meio do enriquecimento do aprendizado dos estudantes, que atuam diretamente na disseminação do conhecimento científico por meio de suas atividades no Fórum de Ciência e Cultura.

BIBLIOGRAFIA: CAMARGO, A. Comunicação científica na sociedade em rede: a representação da ciência nos ambientes da nova mídia. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 2012. MASSARANI, L. (Org.). Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002. PORTO, C. A internet e a cultura científica no Brasil. Salvador: EdUFBA, 2009.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1415****TITULO: ARQUEOBOTÂNICA DE POPULAÇÕES CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INTEGRATIVA.****AUTOR(ES) : ISABEL MESQUITA DE OLIVEIRA SILVA****ORIENTADOR(ES): RITA SCHEEL-YBERT****RESUMO:**

A Arqueobotânica é a disciplina que se dedica a entender culturas passadas através de restos botânicos encontrados em sítios arqueológicos. Ela busca compreender as relações entre os povos do passado e os recursos vegetais, por meio de interpretações sobre paleoambiente, dieta, preparo de alimento etc. A Arqueobotânica é definida como sendo a "análise e interpretações das interrelações diretas entre humanos e plantas com qualquer objetivo, desde que manifesto em registro arqueológico" (FORD, 1978:640). As pesquisas arqueobotânicas no Brasil começaram a partir da década de 1990, com estudos antracológicos (Scheel-Ybert, 1999), e desde então vêm se diversificando, com a formação de novos pesquisadores e o desenvolvimento de outros temas. Sendo uma disciplina tão recente, há muito ainda a ser pesquisado e descoberto no que se refere às múltiplas interrelações das sociedades originárias com a vegetação. Isto inclui as pesquisas acerca dos povos ceramistas pré-coloniais. A literatura científica demonstra que as sociedades ceramistas pré-coloniais utilizavam diversos recursos vegetais e possuíam um vasto conhecimento botânico, mas as publicações são esparsas e pouco divulgadas. Portanto, o objetivo deste trabalho foi contribuir para uma compilação e divulgação, por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, das pesquisas arqueobotânicas sobre os povos ceramistas pré-coloniais no que concerne à manipulação da paisagem, à alimentação e à produção de alimentos. As revisões bibliográficas podem ser divididas em duas categorias: As revisões narrativas e as revisões sistemáticas. A revisão bibliográfica integrativa insere-se na segunda categoria, sendo um tipo de investigação científica que reúne e avalia de forma crítica uma síntese de dados de estudos primários (Felix, 2014). Este trabalho consistiu em buscar por artigos, teses e dissertações em plataformas acadêmicas, que apresentem pesquisas arqueobotânicas e de áreas afins e que estejam relacionadas à Arqueobotânica em sítios pré-coloniais de ocupação de povos ceramistas pré-coloniais brasileiros. Foram encontrados 56 textos relacionados à temática desta pesquisa. Dentre os textos encontrados, temos 37 artigos, 11 dissertações, 5 teses e 3 monografias. Os textos encontrados se baseavam na análise de microvestígios botânicos, carvões e carpologia, além de alguns textos sobre múltiplos vestígios e revisões bibliográficas. O motor de pesquisa que se sobressaiu e demonstrou melhor eficácia no sentido de busca foi o Google Acadêmico, compondo 66% do total de textos achados. Todos os cinquenta e seis textos foram analisados de forma crítica e integrados à base de dados de pesquisas e referências sobre os povos ceramistas pré-coloniais do Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem do Museu Nacional/UFRJ.

BIBLIOGRAFIA: FÉLIX, G. M. B. Arqueobotânica: Uma revisão bibliográfica integrativa. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014. P. 10-67. FORD, R. I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: FORD, R. I. (ed.) The nature and status of ethnobotany. Michigan: Museum of Anthropology Univ. Michigan, 1978. P. 639-640. SCHEEL-YBERT, R. Paleoambiente e paleoetnologia de populações sambaquiadoras do sudeste do Estado do Rio de Janeiro. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1999. P. 43-59.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1418****TITULO: DIÁLOGOS EM SAÚDE: CAMINHOS PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA****AUTOR(ES) : JOAO PAULO MORAES DA SILVA****ORIENTADOR(ES): LIVIA MASCARENHAS DE PAULA****RESUMO:**

A divulgação científica tem sido fundamental para uma participação mais ativa do cidadão nas questões que permeiam o desenvolvimento científico e tecnológico, em qualquer lugar do mundo. Dessa forma, podemos dizer que a cidadania só pode ser plenamente exercida se o indivíduo possuir conhecimentos mínimos que o auxiliem em uma escolha consciente. Alguns dos inúmeros temas sobre os quais a divulgação científica pode tratar são os relacionados à saúde, e, principalmente, em decorrência da pandemia de SARS-CoV-2, essa discussão se mostra necessária e urgente. Os museus e centros de ciência podem ser espaços muito profícios para essas discussões, tanto em suas ações físicas quanto nas virtuais. Atualmente, muitos museus de ciência aumentaram significativamente suas produções em ambiente virtual: sejam exposições, oficinas síncronas e assíncronas, blogs e mídias sociais digitais. Dessa forma, o presente projeto, ainda em fase inicial, tem como proposta a criação de conteúdos relativos a temas de saúde para as mídias sociais digitais da Casa da Ciéncia da UFRJ, bem como a análise sobre como esse conteúdo está sendo consumido pelo público. Os resultados serão analisados no intuito de avaliar os impactos da ação, em termos de aceitação do público, e aprimorar as ações a serem desenvolvidas no próprio projeto. Para tanto, serão levantados que tipo de publicação e/ou atividade gera mais interesse e mais interação do público. Consideraremos que tanto o interesse quanto a interação são fundamentais para que a informação científica seja percebida pelo público, especialmente naqueles que utilizam as mídias sociais como fonte de informação sobre saúde. Por fim, apontamos que os resultados deste projeto poderão contribuir com a reflexão acerca da veiculação da ciéncia nas mídias sociais e a relação entre ciéncia e sociedade. Importa ainda ressaltar que este projeto possui financiamento de bolsa de Iniciação Científica através da FAPERJ.

BIBLIOGRAFIA: MASSARANI, L; LEAL, T.; WALTZ, I. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. Cad. Saúde Pública. V.36, Sup 2, p. 1-14. 2020. RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversão e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso, XXVIII(68):114-124, maio-agosto 2014.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 1446****TÍTULO: SISTEMA LATEROSENSORIAL E PADRÃO DE ESCAMAÇÃO EM PEIXES DA ORDEM ZEIFORMES (TELEOSTEI)****AUTOR(ES) : LUCAS CANES GARCIA****ORIENTADOR(ES): CRISTIANO LUIS RANGEL MOREIRA****RESUMO:**

A ordem Zeiformes é composta por peixes carnívoros, geralmente com corpo alto, e que em sua maioria habitam profundidades superiores a 400 metros. No Brasil, ocorrem ao longo de toda a costa, sendo amplamente capturados em pesca de arrasto. Eles são representados por cinco famílias no Brasil: Grammicolepididae (2 espécies), Oreosomatidae (2 espécies), Parazenidae (1 espécie), Zeidae (1 espécie) e Zeniontidae (1 espécie). Apesar de comuns, informações a respeito de alguns complexos morfológicos dos Zeiformes são bastante escassas, que é o caso do sistema laterosensorial, bem como a morfologia e padrão de distribuição das escamas. As descrições na literatura destes dois complexos são limitadas apenas a dados de contagens de escamas da linha lateral (canal laterosensorial do tronco), e descrições simples da morfologia das escamas em trabalhos mais gerais em Teleostei. De maneira a preencher esta lacuna do conhecimento e aproveitando a grande quantidade de material de algumas espécies desta ordem depositadas na coleção ictiológica do Museu Nacional, este estudo se propõe a analisar e descrever o sistema laterosensorial do crânio, bem como da morfologia das escamas de nove regiões do corpo e sua distribuição nas espécies brasileiras de Zeiformes. Durante o estudo serão analisados exemplares das cinco famílias que ocorrem na costa brasileira com base em material depositado na coleção do Museu Nacional/UFRJ: *Allocyttus verrucosus* (Gilchrist, 1906) (Família Oreosomatidae), *Cyttopsis rosea* (Lowe, 1843) (Família Parazenidae), *Grammicolepis brachiusculus* Poey, 1873 e *Xenolepidichthys dalgleishi* Gilchrist, 1922 (Família Grammicolepididae), *Zenion hololepis* (Goode & Bean, 1896) (Família Zeniontidae), e *Zenopsis conchifer* (Lowe, 1852) (Família Zeidae). Os exemplares serão diafanizados e corados, ou apenas corados com vermelho de alizarina para a observação das escamas, bem como do padrão dos canais laterosensoriais céfálicos. Até o momento, analisamos a morfologia das escamas e distribuição em espécimes de Grammicolepididae, Zeidae e Zeniontidae. Na primeira família, existem duas séries de escamas verticalmente alongadas no corpo, uma dorsal entre o supraoccipital e o pedúnculo caudal e uma ventral entre a região pré-pélvica e o início da base da nadadeira anal. Já em Zeidae foi observado que as escamas estão ausentes no corpo, tendo apenas placas ósseas na base da nadadeira dorsal e na parte ventral do corpo. Em Zeniontidae, as escamas são pequenas espinóides, possuindo 5-8 séries de espinhos grandes alinhados. As bases das nadadeiras dorsal e anal possuem uma série de placas variando entre 31-36 na dorsal e 22-29 na anal. Na linha lateral essa espécie possui 71-89 escamas espinóides de formato hexagonal na parte anterior do corpo e circular na parte posterior. Estes resultados preliminares, já apontam que a variação encontrada até o momento é maior que a já descrita na literatura, e que os dados levantados são potencialmente úteis na taxonomia do grupo.

BIBLIOGRAFIA: Jawad, L. A. (2005). Comparative scale morphology and squamation patterns in triplefins (Pisces: Teleostei: Perciformes: Tripterygiidae). *Tuhinga*, 16(1), 137-168. Tyler, J. C., O'Toole, B., & Winterbottom, R. (2003). Phylogeny of the genera and families of zeiform fishes, with comments on their relationships with tetraodontiforms and caproids. *Smithsonian Contributions to Zoology*. Webb, J. F.. Morphological diversity, development, and evolution of the mechanosensory lateral line system. In: Coombs, S., Bleckmann, H., Fay, R. R., & Popper, A. N. (Eds.). (2014). *The lateral line system*. New York: Springer. (pp. 17 - 72)

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1517****TÍTULO: INFERÊNCIAS PALEOCLIMÁTICAS DA FORMAÇÃO LÓPEZ BERTODANO (MAASTRICHTIANO), ILHA SEYMOUR, ANTÁRTICA: MUDANÇAS A PARTIR DE ANÁLISES PALINOLÓGICAS****AUTOR(ES) : DIANA ROBERTS LOURENÇO BARRETO****ORIENTADOR(ES): MARCELO DE ARAUJO CARVALHO****RESUMO:**

O Período Cretáceo é geralmente interpretado como um dos mais quentes períodos na história da Terra. No entanto, estudos conduzidos por Bowman et al (2013) sugerem um resfriamento significativo durante o Maastrichtiano da Antártica, inclusive com presença efêmera de placas de gelo. Este trabalho objetiva, prioritariamente, compreender as mudanças paleoclimáticas em uma seção (LB2) maastrichtiana da Formação López Bertodano da Bacia Larsen (Antártica), a partir da identificação dos palinomorfos marcadores de clima, seguindo a metodologia para as amostragens no campo seguiu o protocolo estabelecido para rochas siliciclasticas. A idade atribuída a Formação López Bertodano é maastrichtiana com base em datação por estrônio (67,5 Ma) (Crame et al. 2004). A seção maastrichtiana dessa formação alcança cerca de 1100 metros de espessura, sendo uma das mais espessas no hemisfério sul. A Formação López Bertodano é constituída basicamente por siltitos arenosos e arenitos finos a médio. A seção que será estudada (LB2) possui 20,2 metros de espessura. A litologia da seção estudada é constituída basicamente por siltitos arenosos e arenitos finos a médio. A coleta de amostras foi realizada no verão austral de 2019-2020, durante expedição à Ilha Seymour no quadro do projeto "FLORANTAR" - Paleoflora da Península Antártica (PROANTAR-CNPq). Foi elaborado um perfil litológico no campo e posteriormente de forma digital. Seis amostras de sedimentos foram preparadas, seguindo a metodologia padrão para palinologia, que consistiu na recuperação de palinomorfos destruindo o conteúdo mineralógico através de ataque de ácido clorídrico (eliminação de carbonatos) e fluorídrico (eliminação de silícios) e separação por líquido denso (cloreto de zinco). A identificação dos palinomorfos se baseará nas características morfológicas. A terminologia descritiva seguirá bibliografia especializada, glossários (e.g. Jansoni & Hills, 1976-2006). A análise quantitativa consistirá na contagem de mínimo 200 palinomorfos por lâmina usando microscópio de luz branca transmitida. As análises qualitativas e quantitativas dos palinomorfos deverão permitir a construção de curvas de abundância de alta-resolução de grupos bioclimáticos de palinomorfos do paleoclima do Maastrichtiano da Antártica. Espera-se também, que curvas de índices ecológicos (e.g. diversidade, dominância) permitam identificar mudanças paleoclimáticas na seção estudada.

BIBLIOGRAFIA: BOWMAN, V. C., FRANCIS, J.E., and RIDING J. B., 2013. Late Cretaceous Winter Sea Ice In Antarctica? *Geology*, v.14, 1227-1230. CRAME, J.A.; FRANCIS, J.E.; CANTRILL, D.J. & PIRRIE, D. 2004. Maastrichtian stratigraphy of Antarctica. *Cretaceous Res.* 25, 411-423. JANSONIUS, J., HILLS, L. V., and HARTKOPF-FRÖDER, C., 1976-1996. Genera File of Fossil Spores and Pollen, Spec. Pub., Dept. of Geology, University of Calgary, Alberta

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1534****TITULO: ESPÉCIES MELITÓFILAS E SEUS RECURSOS FLORAIS NA RESERVA ECOLÓGICA DE GUAPIAÇU (REGUA): DADOS PRELIMINARES****AUTOR(ES) : ANA ARAUJO****ORIENTADOR(ES): CRISTIANA KOSCHNITZKE****RESUMO:**

As abelhas adultas alimentam-se de recursos florais como néctar e pólen, as larvas se alimentam também do óleo, e o óleo e as resinas são usadas para a construção de ninhos. As abelhas macho das Euglossini também coletam odores florais que possivelmente são precursores de seus feromônios (Pinheiro et al. 2014). Este trabalho está sendo realizado na REGUA, localizada em Cachoeiras de Macacu, RJ, área de restauração da Mata Atlântica. Objetiva-se elaborar um levantamento de plantas herbáceas cujas flores são visitadas e/ou polinizadas por abelhas e ainda verificar o recurso oferecido. Diferentes trilhas foram percorridas e observadas espécies em floração, cujas flores estavam sendo visitadas por abelhas. As plantas foram observadas por período de uma hora, porém, quando várias espécies de abelhas visitaram as flores, foi aumentada mais uma hora de observação. Foram realizados registros fotográficos e vídeos das visitas das abelhas às flores. Material botânico e algumas abelhas foram coletados para espécimes testemunho. De 13 a 15 de setembro de 2021 foram estudadas duas espécies. *Spathiphyllum cannifolium* (Dryand. ex Sims) Schott (Araceae) apresenta inflorescências que exalam forte odor agradável, e, de um a cinco machos das abelhas *Euglossa* sp. visitaram as inflorescências ao mesmo tempo. Essas abelhas rasparam com o primeiro par de pernas a espádice, próximo às flores, depois levantaram voo e ficavam pairando bem próximo da espádice transferindo o conteúdo coletado para o segundo par de pernas e depois para o terceiro, voltando a pousar na espádice logo em seguida, porém em local diferente da inflorescência. As abelhas macho de *Euglossa* sp. coletam odor floral em espádices de *S. cannifolium* (Jiménez et al. 2019). A segunda espécie observada foi *Cyrtocymura scorpioides* (Lam.) H. Rob. (Asteraceae). Essa espécie apresenta flores tubulares de cor lilás e branco, sem odor perceptível, com néctar como recurso oferecido. Foram observadas sete espécies de abelhas: *Trigona* sp., *Apis mellifera*, duas espécies de Megachilidae, *Tetrapedia* sp. outras duas espécies ainda não identificadas. A visitação de *Trigona* sp. foi mais frequente e com mais indivíduos. Devido ao retorno parcial das atividades presenciais, os dados aqui descritos são apenas da primeira saída de campo, pretende-se obter mais informações até a data do SIAC em fevereiro.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, M.P.; Gaglianone, M.C.; Nunes, C.E.P.; Sigrist, M.R. & Santos, I.A. 2014. Polinização por abelhas. In: Rech, A.R.; Agostini, K.; Oliveira, P.E.; Machado, I.C. (org.) Biologia da Polinização. Editora Projeto Cultural, Rio de Janeiro, p. 205-234. Jiménez ,P.D.; Henrich,H.; Aguilar-Rodríguez,P.A.; Krömer,T.; Chartier,M.; MacSwiney,M.C.; Gibernau,M.A.2019. Review on the pollination of aroids with bisexual flowers. Annals of the Missouri Botanical Garden, 104 (1): 83-104.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1601****TITULO: PROJETO DE EXTENSÃO REPÓRTER NATUREZA: VERSÃO ON-LINE****AUTOR(ES) : ANA CAROLINA ASSUMPÇÃO CAMARGO NEVES,GABRIEL ERICKSON DOS SANTOS OLIVEIRA,ANA ARAUJO,CARINA DOS SANTOS ALMEIDA,CECÍLIA B. PEREIRA****ORIENTADOR(ES): CRISTIANA KOSCHNITZKE****RESUMO:**

O Projeto de Extensão Repórter Natureza ocorreu pela primeira vez de forma presencial em 2019, com a visita de escolas públicas ao Horto Botânico do Museu Nacional onde as atividades de observação da natureza foram realizadas. Também houve uma ida da equipe do Projeto a escola para o término das atividades, ensinando os alunos a postarem seus textos no blog do Projeto (Costa et al. 2021). A versão online visou estimular, alunos da rede pública de ensino, a observação de plantas que ocorrem ao redor de suas residências, fazendo registros fotográficos. Através de e-mail, os monitores do Projeto orientam os alunos participantes a pesquisarem através da internet sobre a planta observada; os alunos então redigem um texto que seria postado no blog do Projeto. Também estava prevista uma reunião, através da plataforma zoom, com um grupo de alunos, onde estes falariam das suas plantas e no final um pesquisador convidado falaria de uma planta do seu grupo estudado mostrando fotos de ambientes naturais. Três escolas públicas foram convidadas para participar. Na primeira, o professor responsável demonstrou enorme disposição e divulgou, inicialmente, para os alunos do terceiro ano do ensino médio, mas estes não se interessaram, alegando preocupação em investir seu tempo em se preparar para o ENEM. Então o professor divulgou para as outras turmas do ensino médio e somente uma aluna se inscreveu, mas depois desistiu no meio do processo. A segunda escola, inicialmente, respondeu que adoraria participar, porém apenas para o próximo ano, presencialmente, alegando que este ano letivo está corrido e muitos alunos estão com suas atividades atrasadas, além da mesma questão citada pela escola anterior, na qual os alunos de terceiro ano ainda acrescentam a preocupação com o ENEM e vestibular. E a terceira escola, de ensino fundamental, apesar de ter demonstrado entusiasmo em participar, a princípio pediram que esperássemos o período de avaliações passar, mas após esse período a sala de leitura da escola, onde seria realizado a atividade, entrou em reforma e a secretaria da educação do município resolveu aplicar mais provas. Sendo assim as professoras pediram para que as atividades do nosso Projeto de Extensão fossem realizadas no próximo ano. Essa foi nossa experiência com as atividades de extensão remota durante a pandemia.

BIBLIOGRAFIA: Costa, F. G. C. M.da; Pereira, C. B.; Nunes, T.; Silva-Batista, I. C. da; Silva, V. P.; Koschnitzke, C.. Repórter Natureza:observações botânicas no Ensino Fundamental. Revista Educação Pública, v. 21, nº 6, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em:<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/6/reporter-natureza-observacoes-botanicas-no-ensino-fundamental>

ÁREA PRINCIPAL: Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta

ARTIGO: 1720

TITULO: CIÊNCIA, ARTE E CULTURA: COMUNICAÇÃO PARA A POPULARIZAÇÃO

AUTOR(ES) : CATARINA XAVIER LOPES DA SILVA

ORIENTADOR(ES): LIVIA MASCARENHAS DE PAULA

RESUMO:

A Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro desenvolve projetos com diferentes linguagens em busca da popularização do conhecimento científico. As atividades revelam ao público os resultados obtidos pela ciência, associados ao cotidiano do visitante, em ambientes que estimulam a curiosidade e a imaginação para a descoberta de forma lúdica. Em suas ações, a Casa da Ciência preza pela demonstração ao público da relação indissociável entre arte, ciência e cultura. Com essa perspectiva, a busca de interatividade e estímulo ao debate ocorre na construção dos projetos da Casa, tanto físicos quanto digitais. Compreende-se, portanto, que toda ação desenvolvida pelo espaço de ciência constitui-se como uma ação comunicativa e que essas são de extrema importância, para que cada vez mais pessoas possam acessar esses aparelhos culturais. Castelfranchi (2016) aponta a necessidade do engajamento do público nos assuntos da ciência e a atuação dos centros e museus de ciência nesse sentido. Partindo desses pressupostos, este projeto ainda em fase inicial, tem por objetivo a realização de ações comunicativas que busquem ampliar a divulgação e o acesso a temas científicos, integrando ciência e arte, por meio da atuação nas mídias sociais da Casa da Ciência da UFRJ. Para abarcá esse objetivo, o projeto está dividido em três etapas que contemplam: formação e capacitação, desenvolvimento de intervenções virtuais integrando ciência e arte (posts, lives, contações de história, eventos online etc.) que atuem na promoção de reflexões de temas de ciência e sociedade e por fim: acompanhamento e monitoramento do material produzido. Será elaborado, portanto, conteúdo criativo, visual ou audiovisual e acessível, a fim de promover espaços virtuais de reflexão sobre a ciência e sua relação com a sociedade e a cultura. Acredita-se, portanto, que a divulgação de temas científicos, por meio de uma abordagem criativa, provocativa, questionadora e acessível, integrando arte e ciência, pode promover um ambiente cada vez mais propício ao debate e à reflexão sobre ciência e sociedade.

BIBLIOGRAFIA: CASTELFRANCHI, Y. O museu como catalisador da cidadania científica. In: Massarani, L.; NEVES, R.; AMORIM, L. (org.). DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E MUSEU DE CIÊNCIA: O olhar do visitante - memórias do evento. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, RedPop. p. 37-46. 2016.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 1831

TITULO: EFEITO DA APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA REMOÇÃO DE CIANOBACTÉRIAS (FLOC & LOCK) SOBRE O PICOPLÂNCTON AUTO E HETOROTRÓFICO EM UMA LAGOA COSTEIRA TROPICAL EUTROFIZADA

AUTOR(ES) : FABIO FONTES CASTANHEDA JUNIOR

ORIENTADOR(ES): VERA LUCIA HUSZAR

RESUMO:

A eutrofização de sistemas aquáticos caracteriza - se pela concentração excessiva de nutrientes, principalmente fósforo e nitrogênio. Resulta, assim, no aumento da biomassa de produtores primários, sobretudo cianobactérias formadoras de florações potencialmente tóxicas. Frente a essa problemática, a técnica de geoengenharia *Floc & Lock* é utilizada como possível mitigação de elevadas concentrações de nutrientes e cianobactérias. Desenvolvida a partir de uma combinação de floculantes com adsorventes de fósforo (P) em fase sólida (lastro) à base de argilas, a técnica tem o intuito de remover da coluna d'água o P dissolvido e particulado, incluindo as cianobactérias, e impedir a liberação do P do sedimento. Pouco se sabe sobre os efeitos desses compostos nas comunidades planctônicas, incluindo o picoplâncton auto (PPA) e heterotrófico (PPH), importantes integrantes da rede trófica, incluindo as alças microbianas. As hipóteses deste estudo são que a aplicação da técnica *Floc and Lock*: H1) diminui a abundância absoluta do PPA e PPH; H2) aumenta a contribuição relativa do PPA para a biomassa fitoplanctônica total; e H3) ocorre mudança da dominância no PPA de picoeucariotos para picocianobactérias. Para tanto, foram realizados experimentos em uma lagoa costeira (lagoa de Jacarepaguá) no período seco/frio (setembro/outubro de 2018). Foram montados mesocosmos em quadruplicata, comparando o controle (sem adição), com tratamento 1 (adição de PAC + LMB = cloreto de polialumínio e bentonita modificada com lantânia) e tratamento 2 (adição de PAC+LMB+Zeólite, ZEO), durante 27 dias, com coletas em T0, T1, T7, T21 E T27. As frações picoplancônicas foram analisadas por citometria de fluxo. A interação entre controle e tratamentos foram analisadas no software R, através do Modelo de Efeitos Mistos Lineares (LMM) e Médias Marginais Estimadas (EMM). Os resultados parciais mostraram que houve interação entre tempo e tratamentos para PPA e PPH. A biomassa de PPA aumenta e de PPH diminui com o tempo. No entanto, o efeito de remoção de PPA e PPH nos dois tratamentos foram observados apenas pontualmente: PPA em T21 e PPH em T7. A primeira hipótese (H1) foi parcialmente verificada com redução na abundância de PPH com o tempo, mas não de PPA. A verificação ou não das demais hipóteses encontra - se em fase de análise.

BIBLIOGRAFIA: Paerl, H.W., Paul, V.J. 2012. Climate change: links to global expansion of harmful cyanobacteria. Water Research 46: 1349-1363. Lürling, M., Van Oosterhout, F. 2013. Case study on the efficacy of a lanthanum-enriched clay (Phoslock®) in controlling eutrophication in Lake Het Groene Eiland (The Netherlands). Hydrobiologia 710: 253-263. Viana, I. 2020. Dinâmica da comunidade fitoplancônica e respostas do fitoplâncton à aplicação da técnica Floc & Lock para a mitigação da eutrofização em uma lagoa costeira tropical. PPGBot, Museu Nacional, UFRJ. (Dissertação de Mestrado).

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1834****TÍTULO: AS ABELHAS TÊM PREFERÊNCIA POR ALGUM TIPO DE FLOR?****AUTOR(ES) : VICTORIA NASCIMENTO DA SILVA****ORIENTADOR(ES): CRISTIANA KOSCHNITZKE****RESUMO:**

As abelhas exploram vários tipos florais e são as polinizadoras da maioria das espécies de plantas (Potts et al. 2010). A coleta de recursos florais requer das abelhas caracteres ajustados com a morfologia da flor, resultando em interações estreitas entre certos tipos de flores e grupos de abelhas com adaptações morfológicas e/ou comportamentais específicas para a coleta dos recursos (Pinheiro et al. 2014). Esse trabalho faz parte do Projeto “Averiguação da situação reprodutiva das espécies vegetais cultivadas no Horto Botânico do Museu Nacional / UFRJ”, voltado para alunos do Ensino Médio (PIBIC-EM e PIC-Jr). Tem o objetivo de relatar as principais características florais de algumas espécies melítófilas que ocorrem no Horto Botânico do Museu Nacional – UFRJ (HBMN). Como o trabalho presencial não pode ser realizado, pesquisou-se, através do Google Acadêmico, trabalhos científicos sobre biologia floral, polinização ou levantamentos de abelhas, que citavam espécies de planta que ocorrem no HBMN e cujas flores são visitadas e/ou polinizadas por abelhas. Posteriormente características das flores, como: formato da corola (aberta ou tubular), cores, recurso oferecido, foram obtidas através de outros trabalhos científicos de taxonomia sobre essas plantas. Vinte e quatro espécies vegetais do HBMN, cujas flores são visitadas/polinizadas por abelhas, foram estudadas. Estas espécies são desde plantas herbáceas (10), trepadeiras (2), palmeira (1) até árvores (11) de 21 famílias. Somente 41% dessas espécies são nativas do Brasil, as demais são exóticas. A cor amarela da corola predominou sendo 58% de amarelo com outra cor e 31,1% totalmente amarelas. Corolas tubulares foram 54% e flores abertas com as estruturas reprodutivas expostas 46%. A maioria das espécies oferece néctar como recurso floral principal, somente três espécies tem o pólen como recurso único e uma espécie tem o odor floral como único recurso. Portanto, dentre essas espécies de plantas estudadas as abelhas preferem flores amarelas, tubulares com néctar como recurso floral.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, M.P.; Gaglianone, M.C.; Nunes, C.E.P.; Sigrist, M.R. & Santos, I.A. 2014. Polinização por abelhas. In: Rech, A.R.; Agostini, K.; Oliveira, P.E.; Machado, I.C. (org.) Biologia da Polinização. Editora Projeto Cultural, Rio de Janeiro, p. 205-234. Potts, S.G.; Biesmeijer, J.C.; Kremen, C.; Neumann, P.; Scheiger, O. & Kunin, W.E. 2010. Global pollinator declines: trends, impacts and drivers. Trends in Ecology and Evolution 25(6): 345- 353.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 1922****TÍTULO: IDENTIFICAÇÃO PRELIMINAR DE FÓSSEIS DE CONDRICHTHYES DO CRETÁCEO SUPERIOR DA PENÍNSULA ANTÁRTICA****AUTOR(ES) : LARISSA FARIA MARQUES DA SILVA,ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER****ORIENTADOR(ES): MARINA BENTO SOARES****RESUMO:**

Dentre os depósitos do Cretáceo da Península Antártica, a sub-Bacia James Ross é a que tem produzido o maior número de fósseis de vertebrados, especialmente concentrados em três unidades, relacionadas ao Grupo Marambio: Formação Santa Marta, Formação Snow Hill e Formação López-Bertodano. Neste trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico para acessar o conteúdo de fósseis de vertebrados dessas três formações geológicas, que revelou serem Condrichtyes e Plesiosauria os grupos taxonômicos mais abundantes. Fósseis de Chondrichthyes do Grupo Marambio vem sendo regularmente reportados na literatura desde 1984, sendo identificados sete grupos taxonômicos: Chimaeriformes, Hexanchiformes, Lamniformes, Pristiophoriformes, Squaliformes, Squatiniformes e Synechodontiformes. Os elementos recuperados são unicamente dentes isolados (95%) e vértebras isoladas (4,6%), sendo a maioria dos registros referente aos pelágicos elasmobranquios Lamniformes. Com base nesse banco de dados obtido da literatura, partiu-se para identificar espécimes de Condrichtyes coletados durante expedições de campo do Projeto Paleoantartar na Formação Santa Marta (Santoniano-Campaniano) da Ilha James Ross, igualmente representados por dentes isolados e vértebras desarticuladas, restritos a Elasmobranchii. Dentre os dentes, puderam ser identificados preliminarmente, elementos relacionados a Hexanchiformes, *Chlamydoselachus thompsoni* (*Chlamydoselachidae*) e *Notidanodon dentatus* (*Hexanchidae*), e a Lamniformes, tentativamente atribuídos a Odontaspidae. Dentes de *C. thompsoni* caracterizam-se por três proeminentes cúspides cônicas lingualmente recurvadas. O espécime recuperado apresenta essas características, porém a cúspide central está quebrada junto à base. O dente de *N. dentatus* também está incompleto, preservando apenas duas cúspides agudas, de tamanho equivalente, e inclinadas distalmente. Os dentes atribuídos a Odontaspidae apresentam coroa alta e alongada, sutilem sigmoidal em vista mesial. As vértebras de Condrichtyes são, em geral, de pouca informação taxonômica, mas comparações com a literatura permitem afirmar se tratar de vértebras de Lamniformes, caracterizadas por centro anfíclico, e padrão de bandas concêntricas regulares de cartilagem, conservando o canal notocordal (Richter & Ward, 1990; Otero et al., 2014). Estes táxons já eram conhecidos anteriormente para a Formação Santa Marta e corroboram o ambiente sedimentar caracterizado por depósito marinho plataformal. *C. thompsoni* é uma forma endêmica da Antártica, *Notidanodon* é característico de mares de altas latitudes (Antártica-Patagônia-Nova Zelândia), e os lamniformes apresentam distribuição cosmopolita. Novos materiais coletados estão sendo identificados, a fim de contribuir no conhecimento sobre a diversidade de Condrichtyes do Cretáceo Superior da Península Antártica.

BIBLIOGRAFIA: Otero, R.A., Gutstein, C., Vargas, A., Rubilar-Rogers, D., Yury-Yanez, R., Bastías, J., Ramírez, C., 2014. New chondrichthyans from the Upper Cretaceous (Campanian-Maastrichtian) of Seymour and James Ross Islands, Antarctica. Journal of Paleontology 88, 411e420. Richter, M., D. J. Ward. 1990. Fish remains from the Santa Marta Formation (Late Cretaceous) of James Ross Island, Antarctica. Antarctic Sciences 2:67-76.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 1989

TÍTULO: CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DOS ADULTOS DE MESTRA HERSILIA HYPERMESTRA HÜBNER, [1825] (LEPIDOPTERA: NYMPHALIDAE: BIBLIDIINAE)

AUTOR(ES) : CAIQUE DANTAS

ORIENTADOR(ES): THAMARA ZACCA,FREDDY BRAVO

RESUMO:

Dentre os gêneros de Biblidini, *Mestra* Fabricius, 1776 ainda é pouco estudado do ponto de vista taxonômico e morfológico. Possui três espécies: *M. amyname* (Ménétriés, 1857), *M. dorcas* (Fabricius, 1775) e *M. hersilia* (Fabricius, 1776), esta última com duas subespécies no Brasil, *M. hersilia hypermesta* Hübner, [1825] e *M. hersilia apicalis* (Staudinger, 1886). O objetivo deste trabalho é realizar a caracterização morfológica dos adultos de ambos sexos de *M. hersilia hypermesta*, a fim de descrever seu dimorfismo sexual e fornecer subsídios para futuros estudos filogenéticos. Trinta e dois exemplares de *M. hersilia hypermesta* foram obtidos no campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O estudo morfológico dos tagmas e apêndices de ambos sexos seguiram os protocolos padronizados para Lepidoptera, incluindo a diafanização das asas e dissecção com imersão das estruturas em hidróxido de potássio a 10%, em banho maria, por cerca de 10 minutos. As estruturas foram analisadas sob estereomicroscópio óptico Leica EZ4, ilustradas com auxílio de câmera clara Leica MZ6 e vetorizadas no programa GIMP. As estruturas estudadas foram armazenadas em microtubos contendo glicerina e depositadas no Laboratório de Sistemática de Insetos (LASIS-UEFS). A interpretação dos resultados foi feita através da comparação com descrições disponíveis na literatura sobre morfologia de Biblidinae (ex.: Leite et al. 2013, 2017). De modo geral, machos e fêmeas de *M. hersilia hypermesta* são similares, especialmente com relação ao padrão dos elementos alares. As principais diferenças entre os sexos são as seguintes: vértice medialmente projetados nos machos; frontoclípeo subpentagonal nos machos; área subgenal sem projeção globular nas fêmeas; antenas com 40 flagelômeros nas fêmeas ($N = 8$ exemplares) e 38 nos machos ($N = 8$); veia disco celular média vestigial nas fêmeas; veia humeral bifida nos machos; estruturas que compõem o tórax das fêmeas são maiores que as dos machos, exceto pela redução do processo notal anterior; tibia das fêmeas é maior em relação aos machos, assim como o tarso é dividido em quatro segmentos, o que difere do tarso único no macho; e esternitos abdominais mais largos que compridos nas fêmeas. A genitália masculina assemelha-se à de outras espécies de Biblidinae (Leite et al. 2013; Zubek et al. 2015), com o edeago e o saco alongados e a valva subretangular. Em vista dorsal, o hipândrio é sub-retangular, bifido distalmente e, em vista lateral, a porção distal é mais curvada em direção à porção dorsal, distinguindo-se do hipândrio de *M. hersilia apicalis*, um forte indicativo de o status taxonômico das subespécies poderá ser alterado com um estudo mais aprofundado. Conclui-se que os estudos morfológicos comparativos são importantes para a delimitação dos táxons, avaliação de dimorfismo sexual e obtenção de informações robustas para estudos filogenéticos futuros da subfamília.

BIBLIOGRAFIA: Leite LAR et al. 2013. External morphology of the adult of *Dynamine postvera* (Cramer) and patterns of morphological similarity among species from eight tribes of Nymphalidae. Rev. Bras. Ent. 57(2). Leite LAR et al. 2017. Comparative study on the hypandrium of the Neotropical Biblidinae (Lepidoptera: Nymphalidae). SHILAP 45(178) Zubek et al 2015. Hypandrium as a key character in resolving species-level taxonomy on the example of *Perisama oppeliae* (Latreille). Zootaxa 3990(1).

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 2152

TÍTULO: ESTUDO POLÍNICO DE WISSADULA MEDIK. (MALVOIDEAE: MALVACEAE) NO BRASIL

AUTOR(ES) : GABRIELA CONDE DE MELLO ALVES

ORIENTADOR(ES): MASSIMO GIUSEPPE BOVINI, CLAUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA,VANIA GONÇALVES-ESTEVES

RESUMO:

Malvaceae está dividida em nove subfamílias, dentre elas, Malvoideae. Nessa organização, a família possui 245 gêneros e cerca de 4465 espécies. Sobre as espécies que ocorrem em território brasileiro, são encontrados ca. 817 táxons, subordinados a 77 gêneros (Flora do Brasil 2020, em construção). No Brasil, são encontradas duas seções: *Wissada* com a única espécie, *Wissadula stipulata* Bovini e *Wissadula* onde estão concentradas as demais espécies. O presente estudo tem como objetivo conhecer os grãos de pólen de *Wissadula* Medik. (Malvaceae) e comprovar ou não a existência das duas seções do gênero com a morfologia do pólen. Foram analisadas até o presente, treze espécies de um total de 19 táxons pertencentes as duas seções. São elas: *W. stipulata* (seção *Wissada*) e 12 espécies da seção *Wissadula*. O material botânico, foi retirado de exsicatas depositadas nos herbaríos do Museu Nacional (R), Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e do Museu Botânico Municipal de Curitiba, Paraná (MBM). O material botânico foi submetido ao processo de acetólise (Erdtman 1952), posteriormente foram confeccionadas lâminas, e então examinado mediante a microscopia de luz e fotomicrografados. A terminologia seguiu Punt et al. (2007). Os resultados mostram grãos de pólen em mônades, isopolares, grandes, forma suboboblata na maioria das espécies e subprolata apenas em *W. wissadifolia*; âmbito circular subcircular, área polar pequena na maioria das espécies e grande em *Wissadula amplissima*, *W. contracta*, *W. decora*, *W. excelsior*, *W. stipulata* e *W. wissadifolia*, tricolporados, colpos grandes na maioria das espécies e curtos em *W. contracta*, *W. decora*, *W. excelsior*, *W. stipulata* e *W. wissadifolia*, endoabertura lalongada, de difícil mensuração devido à posição de queda dos grãos de pólen nas lâminas. A sexina é espessa devido à presença de espinhos, ornamentação espinhosa com grânulos entre os espinhos. Estes são longos (ca. 5,0-5,2 μ m), largos, base tão larga quanto o comprimento (5,0-5,1 μ m), a base mais estreita (ca. 4,8 μ m) foi encontrada em *W. boliviensis*, *W. macrantha* e *W. stipulata*, os espinhos são distantes entre si (ca. 7,7-10,8 μ m), os mais próximos (ca. 7,7 μ m) foram registrados em *W. contracta*. A sexina é sempre mais espessa que a nexina e as mais espessas (4,4 e 4,2 μ m) foram encontradas, respectivamente, em *W. hernandioides*, *W. amplissima* e *W. parviflora*, e a menos espessa (ca. 2,4 μ m) em *W. decora*. Com base nas características encontradas até o momento no estudo palinológico das duas seções do gênero, confirma-se que as espécies ocorrentes no Brasil são muito semelhantes quando são considerados o tamanho, a forma, o tipo e número de abertura, bem como a ornamentação da sexina. Não sendo possível, palinologicamente, separar os representantes das duas seções. (CNPq, FAPERJ)

BIBLIOGRAFIA: Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy - Angiosperms. Almqvist & Wiksell, Stockholm, 539p. Flora do Brasil 2020, em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Available at: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Accessed on: 26 May 2020 Punt, W.; Blackmore, S.; Nilsson, S. & Thomas, A. 2007. Glossary of pollen and spore terminology. Review of Palaeobotany and Palynology 143: 1-81.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 2202****TITULO: PLANTAS, USOS E INFORMANTES NA HISTORIA NATURALIS BRASILIAE (1648): UMA ANÁLISE PRELIMINAR****AUTOR(ES) : JÉSSICA DE ANDRADE JERÓNIMO****ORIENTADOR(ES): MARIANA REIS DE BRITO,MARIA FRANCO TRINDADE MEDEIROS****RESUMO:**

A análise de documentos históricos resulta em um melhor entendimento da relação do conhecimento tradicional e científico ao longo do tempo. A considerada primeira obra de caráter científico é intitulada *História Naturalis Brasiliæ* (História Natural do Brasil) de 1648, escrita pelos naturalistas Guilherme Piso e George Marcgrave, durante o período do domínio holandês no nordeste brasileiro. O presente estudo teve como objetivos (1) identificar os diferentes grupos de informantes que auxiliaram os naturalistas com dados sobre a flora brasileira; (2) revelar as plantas nativas com indicação de uso; (3) verificar o status de conservação das espécies. Para a síntese de dados sobre os informantes do século XVII e as espécies nativas do Brasil foi feita uma análise da obra em sua versão em língua portuguesa e no estudo sobre a obra de Pickel (2008), concentrando esforços na identificação de pistas taxonômicas e de grupos humanos mencionados pelos naturalistas em comentários providos para cada planta. A partir deste conjunto de nomes científicos, nomes populares e grupos humanos indicados na obra, um levantamento bibliográfico foi realizado a partir de acervos das bibliotecas: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Biblioteca Nacional (BN). Além de consulta nas bases de dados: Google Acadêmico, Portal Periódico CAPES e Minerva. Para verificação do status de conservação das espécies foi feita uma consulta no site Flora do Brasil 2020 em construção. Os dados levantados até o momento foram incorporados em uma planilha eletrônica. Os resultados preliminares indicaram três grupos de informantes: indígenas (40,87%); brasilienses (39,13%), povos escravizados da costa africana (12,17%) e não identificados (7,83%). Foram identificadas 172 espécies nativas com indicação de uso, dentre as quais, um elenco de 68 plantas (39,30%) tinha relação direta com os informantes. Porém, foi observado que em nenhuma das obras levantadas destacava a importância dos informantes como auxílio aos naturalistas na construção da obra de 1648. Quanto ao grau de ameaça, 10 plantas nativas encontram-se ameaçadas de extinção. Conclui-se até aqui o papel fundamental de pesquisas etnobotânicas para a discussão sobre a importância dos conhecimentos locais, bem como o fundamental auxílio dos informantes aos naturalistas para a construção do conhecimento científico e conservação da flora brasileira.

BIBLIOGRAFIA: Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 07 Abril 2021. PICKEL, D.B.J. Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marcgrave: no século XVII. Recife: EDUFRPE, 2008. PISO, W.; MARCGRAVE, G. *História Naturalis Brasiliæ: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Elzevier, 1648. Editado e anotado por Johannes de Laet. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/marcgrave-1648-historia>>. Acesso em: Nov. 2020.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 2325****TITULO: DISTRIBUIÇÃO E ABUNDÂNCIA DE DACTYLOCALYX PUMICEUS NA FOZ DO RIO AMAZONAS (PORIFERA: HEXACTINELLIDA)****AUTOR(ES) : JULIA MARTINS MOSER****ORIENTADOR(ES): GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY****RESUMO:**

O gênero *Dactylocalyx* Stutchbury, 1841 possui duas espécies aceitas, *Dactylocalyx pumiceus* Stutchbury, 1841 e *Dactylocalyx subglobosus* Gray, 1867. O gênero é amplamente distribuído no Atlântico Ocidental, com variação de 91–1.966 m de profundidade. Suas microscleras são discohexásteres (que podem ser divididos em dois tipos dependendo da espécie) e raros onicohexásteres (REISWIG, 2002).

Nesse trabalho são descritas a distribuição e a abundância da espécie de Hexactinellida *D. pumiceus* no setor Sul do Maranhão na Foz do Rio Amazonas entre as profundidades de 145 – 222 m. Dois espécimes foram coletados ao largo da Foz do Amazonas pelo submersível Deep Rover, operado pelo navio oceanográfico MS Alucia, e tombados na coleção de Porifera do Museu Nacional-UFRJ. Foram feitos vídeos e fotografias na Foz do Rio Amazonas mostrando a população de *D. pumiceus* da região. Foram feitas lâminas de espícululas dissociadas com ácido nítrico e lâminas de cortes histológicos espessos feitos à mão com um bisturi a partir de fragmentos embebidas em parafina, retirados de várias partes do corpo dos dois espécimes coletados. As lâminas foram analisadas em microscópio ótico para identificação da espécie.

No estado do Maranhão foi encontrada uma comunidade de esponjas relativamente densa dominada por uma grande população de *D. pumiceus*. Esta população foi registrada na encosta superior, colonizando uma rampa de fundo duro íngreme parcialmente coberta por sedimento carbonático fino. Foi feita uma análise quantitativa de 183,2 m² da região por meio de imagens que mostrou um total de 277 indivíduos de *D. pumiceus*. A maior densidade de *D. pumiceus* foi registrada entre 170 e 175 m de profundidade, atingindo 4,5 indivíduos por m² e 6,5% de cobertura da área do fundo. Estes dados indicam que *D. pumiceus* tem uma grande densidade de indivíduos ao largo.

No âmbito biogeográfico, *D. pumiceus* anteriormente tinha uma distribuição disjunta, ocorrendo no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e no Caribe (Barbados, Cuba), Bahamas e Bermudas. A descoberta da espécie na Foz do Rio Amazonas preenche em parte essa lacuna, sugerindo que a distribuição da espécie no Atlântico Tropical Ocidental é, na realidade, contínua e não disjunta.

BIBLIOGRAFIA: REISWIG, H. M. *Systema Porifera: A Guide to the Classification of Sponges*. 2nd ed. New York: Springer Nature, 2002.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta

ARTIGO: 2338

TÍTULO: DESCRIÇÃO DE UMA NOVA ESPÉCIE DO GÊNERO TETRALOPHOPHORA (PORIFERA, HOMOSCLEROMORPHA)

AUTOR(ES) : ANA CARINA ALMEIDA DA ROCHA

ORIENTADOR(ES): ANAÍRA LAGE DE SANTA LUZIA DE JESUS,GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY

RESUMO:

O gênero *Tetralophophora* Rützler et al., 2014 tem como principal característica a presença exclusiva de espículas do tipo calthrops tetralofosos. Atualmente, o gênero tem apenas uma espécie, *Tetralophophora mesoamericana*, que foi coletada em uma pequena ilha de coral situada em Belize, no mar do Caribe (RÜTZLER et al., 2014). A espécie apresenta consistência firme, porém compressível e cor amarelo ocre. Suas espículas geralmente são calthrops tetralofos com raios com 2-5 espinhos apicais e às vezes também 1-2 espinhos mediais.

O objetivo do presente trabalho é descrever uma nova espécie do gênero *Tetralophophora* coletada em Porto Rico. Foram feitas fotografias submarinas antes da coleta e, em seguida, o único espécime (holótipo) foi fixado e preservado em etanol 70% e depositado na coleção de Porifera do Museu Nacional. Foram confeccionadas lâminas de corte espesso e de espículas para microscopia ótica, além de *stubs* para observação das espículas em microscopia eletrônica de varredura (MEV).

A nova espécie é marrom, incrustante, com a superfície ondulada com abundantes ósculos pequenos (< 1 mm de diâmetro) e um único ósculo grande, com 0.5 cm de diâmetro. O esqueleto é desorganizado, sem especialização ectosomal. As espículas são calthrops trilofos e tríodos trilofos, além de diferentes formas de calthrops tetralofos, alguns com raios que apresentam 1-6 espinhos distribuídos médio-distalmente e outros que apresentam 1-4 espinhos exclusivamente apicais. *Tetralophophora* sp. nov. se caracteriza pela diversidade de tipos de espículas, já que a única outra espécie do gênero, *T. mesoamericana*, possui apenas um tipo de calthrops lofosos. A descoberta desta nova espécie demonstra que o gênero *Tetralophophora* é mais diverso e mais amplamente distribuído do que se pensava, apesar de continuar restrito ao Mar do Caribe.

BIBLIOGRAFIA: RUTZLER, K.; PIANTONI, C.; VAN SOEST, R.W.M.; DÍAZ, M.C. (2014) Diversity of sponges (Porifera) from cryptic habitats on the Belize barrier reef near Carrie Bow Cay. Zootaxa. 3805(1): 1-129.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta

ARTIGO: 2388

TÍTULO: COMISSÃO DA MEMÓRIA E VERDADE: DIVULGAÇÃO E ACERVOS

AUTOR(ES) : LAURA DOS SANTOS SUPRANI

ORIENTADOR(ES): LUCIANA LOMBARDO COSTA PEREIRA

RESUMO:

O presente projeto de pesquisa resgata a trajetória da Comissão da Memória e da Verdade da UFRJ até o momento, aponta para a mudança de conjuntura política em 2018 e o necessário enfrentamento do negacionismo histórico por meio de uma política de divulgação científica ampla, por um lado, e, por outro, da sistematização e disponibilização de documentos e testemunhos do passado ditatorial com vistas a uma política de não-repetição.

Se levarmos a sério a radicalidade das mudanças na conjuntura e no quadro de políticas de memória, verdade e reparação, torna-se necessário colocar a questão sobre o papel de uma Comissão da Verdade universitária neste momento. Afinal, a mudança no cenário político não se limita apenas ao encerramento do ciclo de atuação das comissões da verdade, com a esmagadora maioria dos órgãos já tendo encerrado seus trabalhos. Trata-se, acima de tudo, do avanço e da consolidação de um discurso público de legitimação e apologia à tortura e à ditadura, que pode ser caracterizado, sem receio de incorrer em exageros, como uma forma de negacionismo histórico.

Nesse sentido, a resposta à questão colocada acima é que levar adiante os trabalhos de uma Comissão da Verdade faz, sim, sentido, mas somente na medida em que repensem essa institucionalidade, adequando-a para enfrentar os desafios da atual conjuntura. E o desafio fundamental é precisamente o de enfrentar o negacionismo.

Para tanto, e retomando os dois objetivos presentes no momento da constituição da CMV/UFRJ, isso significa dar maior atenção à dimensão do olhar para fora da universidade, expressa nos seguintes objetivos apresentados na portaria de instalação da comissão: produzir material impresso, audiovisual e digital sobre o período; organizar campanhas de sensibilização sobre o tema; organizar exposições e eventos com debates, imagens, documentos e depoimentos; estimular o debate sobre a temática no conjunto da UFRJ.

BIBLIOGRAFIA: SCHMIDT, Benito. De quanta memória precisa uma democracia? Uma reflexão sobre as relações entre práticas memoriais e práticas democráticas no Brasil atual. Anos 90, Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 153-177, dez. 2015. LOMBARDO, Luciana. Nos arquivos da política política: reflexões sobre uma experiência de pesquisa no Dops do Rio de Janeiro. Acervo, v. 27, n. 1, p. 254-267, 28 abr. 2014.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 2551****TITULO: IMAGENS DA HISTÓRIA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA ICONOGRÁFICA EM TEMPOS PANDÉMICOS****AUTOR(ES) : ISIS CAVALCANTE DO NASCIMENTO, GLÓRIA HASHIMOTO, GIOVANNA HOURI, ERIKA MARIA LAURENTINO DE OLIVEIRA****ORIENTADOR(ES): MÍRIAM STAROSKY****RESUMO:**

O relato aqui apresentado faz parte da pesquisa para o projeto "A UFRJ faz 100 anos", desenvolvido pelo Fórum de Ciência e Cultura (FCC) da UFRJ, com apoio das bolsas PROART 2020. O projeto procurou construir uma perspectiva inédita para contar a história da instituição, que completou seu primeiro centenário em 07 de setembro de 2020, conectando sua história com a história política e social do Brasil. Compusemos o corpo de auxiliares de pesquisa iconográfica, com orientação coletiva de pesquisadores participantes. O projeto geral visava construir dois resultados, uma exposição física e um documentário para ser disponibilizado nos meios de mídia audiovisual. Ao final do processo a intenção de realizar a mostra física foi descartada por conta do andamento da pandemia, e ficamos assim responsáveis somente pelo levantamento direcionado à captação de vestígios históricos, entre imagens, vídeos e documentos para o documentário, que também foi utilizado no site comemorativo dos 100 anos da UFRJ. Abordaremos, a partir de relatos de experiência, os principais caminhos, desde a importância até os desafios, que permearam as pesquisas. O processo de investigação consistiu na busca por arquivos iconográficos que retratassem os diversos aspectos da Universidade, feita unicamente em acervos virtuais e outras plataformas digitais, devido à disseminação da COVID-19 e ao fechamento dos espaços físicos. A metodologia utilizada baseou-se em um estudo teórico-prático, identificando e levantando uma iconografia partindo de leituras, de notícias e da bibliografia histórica da universidade. Partiu-se de uma distribuição de tarefas entre bolsistas inicialmente feita por uma divisão de marcos cronológicos, orientados pelas mudanças institucionais que a atual UFRJ passou historicamente, criando as perspectivas que guiassem cada parte da pesquisa. Esses recortes se dividem em: Universidade do Rio de Janeiro (URJ), Universidade do Brasil (UB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e os Bens Tombados da Universidade. De modo geral, as buscas foram complementadas pela relação mútua com o objeto, ou seja, nas descobertas realizadas em contato com as obras iconográficas e como essas nos apresentavam informações que possibilitavam uma análise que indicasse sua categorização. Essa perspectiva veio a suprir alguns desafios encontrados na trajetória da investigação, como a falta de informações completas nos acervos e também a baixa qualidade de algumas imagens disponibilizadas. Outro grande desafio foi a omissão das instituições em digitalizar os acervos e disponibilizá-los, principalmente em momentos urgentes, dificultando seu acesso. Contudo, a pesquisa se fez importante para a experiência prática acerca da utilização e manuseio das bases arquivísticas, agregando o conhecimento na utilização de acervos digitais como fonte, além do contato com a iconografia pouco conhecida sobre a instituição, assim, aprimorando nosso desenvolvimento como historiadoras e pesquisadoras.

BIBLIOGRAFIA: BORGES, Daniel Cabral. Imagem e comunicação visual no discurso político da Era Vargas. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes & Design, PUC RJ. p 66-110. FREIRE, Miguel. Imagética Germânica na Construção do Olhar Fotográfico nos tempos do Estado Novo. 1. ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2016. 316p. PANOFSKY, Erwin - Iconografia e iconologia uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: Significado nas artes visuais. São Paulo Perspectiva, 1976. p 47-87.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 2704****TITULO: A IMPORTÂNCIA DE AÇÕES DE EXTENSÃO NO ENSINO REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSIONISTAS DA UFRJ****AUTOR(ES) : HIEZA BERNADINA TEIXEIRA SCHLEWEIS SQUEIRA, LAÍS SOUZA MARTINS SILVA, ELIZA CHRISTINA DO NASCIMENTO MELO, WEVERSON CAVALCANTE CARDOSO, ATILES REIS JUNIOR, SARAH DOMINGUES FRICKS RICARDO, CECÍLIA B. PEREIRA, CHRISTIAN GOMES FARIA, MARIA FRANCO TRINDADE MEDEIROS, FILIPE COSTA, ISABELLE GOMES CARDOSO MACHADO DA COSTA****ORIENTADOR(ES): BÁRBARA DE SÁ HAIAD****RESUMO:**

As atividades de extensão têm como finalidade a integração entre a universidade e a sociedade. "Botânica no Museu" é um curso de extensão que possibilita aos discentes do Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica) (PPGBOT), Museu Nacional (UFRJ), oportunidade para a prática docente e divulgação de pesquisa de ponta para alunos de graduação. Graduandos da UFRJ também participam como extensionistas. Devido à pandemia da COVID-19, a 3ª edição do curso (2020-2021) foi adaptada para o formato online. A divulgação foi feita no site do PPGBOT e nas redes sociais do curso. O curso consistiu de aulas síncronas e atividades assíncronas, realizadas no GSuite (Meet, Classroom, Forms). O presente trabalho objetivou relatar as percepções das monitoras extensionistas durante a realização do curso, em sua modalidade virtual. Esta edição ofertou seis vagas à extensionistas. As inscrições foram feitas via Sistema Integrado de Gestão Acadêmica, totalizando carga horária de 60 horas. Os dias e horários de atuação foram definidos através de escala. As atividades foram de apoio à comissão organizadora, aos discentes e aos cursistas. As tarefas realizadas foram: auxílio na preparação de slides introdutórios, revisão da adequação do conteúdo em nível de graduação, leitura de perguntas no chat, verificação das atividades no Google Classroom, controle de frequência e participação dos alunos, além de participação nas reuniões periódicas e preenchimento de relatório semanal de atividades. Os meios de divulgação foram eficientes, fazendo com que os limites geográficos do curso ultrapassassem as fronteiras do estado do Rio de Janeiro. Todas as inscrições de extensionistas foram de mulheres de diferentes campi da UFRJ que, mesmo de longe, atuaram na organização e nas salas de aula. O modo remoto permitiu às extensionistas dividir o tempo entre a graduação, o trabalho e as atividades pessoais, sem sobrecarga. Não houve dificuldades na prática da monitoria, pois a plataforma GSuite é de fácil acesso e didática, atendendo às necessidades. A pandemia não foi um impedimento para a realização da ação: todas as etapas foram online, possibilitando ampla participação. Apesar das vulnerabilidades do ensino remoto (perda de conexão com a internet e falhas de equipamentos), as aulas foram cumpridas e a organização, bem sucedida. As extensionistas familiarizaram-se com o GSuite, com a organização do curso e ainda aprofundaram o seu conhecimento em Botânica. O período de distanciamento social trouxe efeitos negativos principalmente para a saúde mental das pessoas (Guinancio et al. 2020). A adequação ao formato remoto enriqueceu o curso e ampliou seu alcance, além de contribuir para diminuir os efeitos negativos do isolamento interpessoal com a troca de saberes nas reuniões frequentes. O Botânica no Museu cumpre papel importante na extensão da UFRJ e este relato pode contribuir com o planejamento de outras ações de extensão no formato remoto.

BIBLIOGRAFIA: GUINANCIO, J. C. COVID - 19: Desafios do cotidiano e estratégias de enfrentamento frente ao isolamento social. Research, Society and Development, v. 9, n. 8, e259985474, 2020. Disponível em:<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5474/4789>> Acesso em 12 out. 2021.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 2762

TITULO: O CAMPUS DA PRAIA VERMELHA: ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

AUTOR(ES) : CARLOS OTÁVIO SERRADOR FERREIRA JÚNIOR,BRENDA CHRISTINE BARBOSA SAYÃO

ORIENTADOR(ES): MONICA CRISTINA DE MORAES

RESUMO:

A Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro se constitui como espaço de popularização e de divulgação científica, no *Campus* da Praia Vermelha. De forma lúdica e acessível, explora as diversas áreas do conhecimento, através de linguagens variadas: exposições interativas, ciclo de debates, palestras, espetáculos teatrais, cinema, música, turismo científico etc. Assim, visa disseminar o conhecimento plural e investigativo da academia para públicos diversos.

A Casa implementou seu Centro de Memória, como um lugar de pesquisa, reflexão, salvaguarda documental e de memória institucional. E é dentro deste programa que o presente trabalho se encontra em curso. A partir da realização de pesquisa documental e iconográfica, relatos orais e visitas locais, buscamos reunir informações da Casa da Ciência e do seu entorno com a finalidade de construir um roteiro de turismo histórico/científico no *Campus* Praia Vermelha. Além disso, o projeto também se propõe a transformar o conteúdo pesquisado em produtos, dinâmicos e interativos, para as mídias sociais da Casa.

Nossa motivação principal é difundir a história da Praia Vermelha, que em parte mescla-se com a história da cidade do Rio de Janeiro e da ciência nacional, para os frequentadores deste espaço, sejam internos ou externos à UFRJ. Ter consciência da importância histórica da Casa da Ciência, assim como do *Campus* como um todo, é fundamental para que a população reconheça o seu valor histórico/científico e contribua para sua preservação.

Entendemos que ações desta natureza são cada vez mais necessárias, pois é inegável a possibilidade de apagamento desta história pela transformação, seja por conta dos ataques direcionados às instituições educacionais e públicas, que vêm sendo desmoralizadas por políticas de desmonte e perda de verbas, ou pelos planos de venda e reutilização desses espaços. Ameaça que já foi cogitada em outras ocasiões, como na transferência de unidades da Praia Vermelha para a Cidade Universitária, em 1973, e que atualmente ressurge com o projeto Viva UFRJ.

BIBLIOGRAFIA: SIMÕES, Luciane Correia; MORAES, Monica Cristina de. A casa, o espaço e suas funções sociais: a ressignificação do passado no presente. Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, v. 15, 2016. SIMÕES, Luciane Correia; SANTOS, Nadja Paraense dos; OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. A Casa da Ciência e os desafios de um centro cultural de divulgação científica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 28, p. 745- 760, 2021. CONTI, B. R.; ELICHER, M.J.; LAVANDOSKI, J. Revisão sistemática da literatura sobre Turismo Científico. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 15 (2), e-1981, maio/ago. 2021.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta

ARTIGO: 2791

TITULO: ANÁLISE PRELIMINAR DA TRAJETÓRIA DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA REGIÃO DE BÚZIOS, RJ

AUTOR(ES) : IASMIN DE CARVALHO OLIVEIRA

ORIENTADOR(ES): SILVIA BARREIROS DOS REIS

RESUMO:

Segundo Almeida (2003), o princípio da Arqueologia Pública é a construção da investigação arqueológica com a população, a fim de ajudar na preservação de sítios arqueológicos e estimular a preocupação com a memória e o patrimônio cultural. Porém, é necessário, como primeira etapa, um levantamento de questões para nortear a construção desse diálogo. Para, assim, em outra futura etapa poder atuar junto com a população. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é analisar de forma preliminar a trajetória dos estudos arqueológicos na região de Búzios (RJ). Esta região tem grande atrativo turístico e, por consequência, em diversos momentos, intensa intervenção urbanística causando impacto no patrimônio arqueológico. Assim, buscamos compreender o histórico de pesquisas e intervenções na região, a fim de, em uma próxima etapa, debater em que medida a população local se relaciona com esse patrimônio. Dessa forma, foi realizado levantamento e mapeamento dos sítios arqueológicos com base no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) e a base de georreferenciamento do IPHAN. Em paralelo, foi realizado o levantamento bibliográfico das pesquisas publicadas. Com isso, foi possível traçar preliminarmente uma trajetória dos debates e pesquisas arqueológicas sobre a região. Buscamos, assim, contribuir com subsídios para a manutenção de uma relação dialógica sobre patrimônio arqueológico e a herança cultural com a sociedade do Estado do Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA: Bezerra de Almeida, M. - O Público e o Patrimônio Arqueológico no Brasil: reflexões para a Arqueologia Pública no Brasil. Habitus, v. 1(2): 275-295, 2003.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 2855

TÍTULO: ANATOMIA DO LENHO, ECOLOGIA E USOS DE ESPÉCIES DA FAMÍLIA ASTERACEAE NATIVAS DO BRASIL

AUTOR(ES) : BRUNA DOS SANTOS GOMES LOPES

ORIENTADOR(ES): RITA SCHEEL-YBERT

RESUMO:

A anatomia da madeira de espécies tropicais ainda não é bem conhecida, principalmente devido à alta diversidade florística presente nessas regiões. No Brasil, a maior parte das espécies descritas são de madeiras comerciais, sendo as não-comerciais praticamente desconhecidas anatomicamente (Gonçalves & Scheel-Ybert, 2016). Isso constitui um problema para a realização de análises antracológicas, que dependem de um amplo conhecimento da anatomia do lenho. A antracologia, através da análise e interpretação da anatomia da madeira carbonizada encontrada em sítios arqueológicos, permite a reconstituição da vegetação e da paisagem passadas assim como um melhor entendimento dos hábitos de povos antigos. Além disso, os estudos antracológicos também são importantes para a fiscalização contra a comercialização ilegal de carvão, um problema latente no Brasil que vem crescendo de forma agravante nos últimos anos, especialmente em razão de que grande parte dessa produção é proveniente de vegetações nativas, como o Cerrado (Scheel-Ybert & Gonçalves, 2017). Nesse contexto, o desenvolvimento de estudos de anatomia do lenho e do carvão são fundamentais para o sucesso das pesquisas. Tendo em vista a insuficiência de dados antracológicos referentes a espécies tropicais, a constituição de coleções de referência torna-se fundamental para a compreensão anatômica dessas espécies (Scheel-Ybert et al, 2006). Sendo assim, a importância da reconstituição da antracoteca do Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem do Museu Nacional/UFRJ (LAP/MN) é crucial, já que ela tem sido um importante subsídio para estudos antracológicos através da comparação e descrição anatômica das espécies. Para contribuir com esse esforço, esse trabalho visou realizar um levantamento bibliográfico acerca de 17 espécies da família Asteraceae da antracoteca do LAP/MN que já haviam sido previamente descritas. Foi feito um levantamento de dados de anatomia do lenho, assim como aspectos botânicos, ecológicos e possíveis usos. Nossa objetivo foi comparar as descrições anatômicas realizadas no laboratório com dados de descrições existentes na literatura, visando fazer uma discussão da possível variabilidade destes caracteres; assim como completar e subsidiar os bancos de dados do LAP com dados de características botânicas e ecológicas e usos das plantas. Em última análise, nosso trabalho visa contribuir para melhorar a identificação e a interpretação dos carvões de espécies vegetais encontradas em contextos arqueológicos. Esse trabalho visa também aprimorar o conhecimento da anatomia do lenho de espécies tropicais para as análises de fragmentos de madeira carbonizada provenientes de sítios arqueológicos e também para a conservação de vegetações nativas.

BIBLIOGRAFIA: GONCALVES, T. & SCHEEL-YBERT, R. 2016. Charcoal anatomy of Brazilian species. I. Anacardiaceae. Anais da Academia Brasileira de Ciências 88(3): 1711-1725. SCHEEL-YBERT, R.; CARVALHO, M.; MOURA, R.; GONÇALVES, T.; SCHEEL, M. & YBERT, J.P. 2006. Coleções de referência e banco de dados de estruturas vegetais: Subsídios para estudos paleoecológicos e paleoetnobotânicos. Arquivo do Museu Nacional 64: 255-266. SCHEEL-YBERT, R. & GONÇALVES, T. 2017. Primeiro Atlas Antracológico de Espécies Brasileiras / First Anthracological Atlas of Brazilian Species. Série Livros Digital 10. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 2913

TÍTULO: DIAGNÓSTICO E INVENTÁRIO DA COLEÇÃO DE MINERALOGIA APÓS O INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL

AUTOR(ES) : MATHEUS ROCHA VIOLENTE, OLÍVIA MARIA SOUZA SANTOS

ORIENTADOR(ES): GISELE RHIS FIGUEIREDO, FABIANO FAULSTICH

RESUMO:

O incêndio que atingiu o Museu Nacional no mês de setembro de 2018 afetou todas as coleções do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP), dentre as quais se encontra a Coleção de Mineralogia. Esta contava com mais de 7500 amostras de elevada importância científica e histórica, possuindo diversas espécies minerais das mais variadas procedências. As altas temperaturas atingidas durante o incêndio foram responsáveis por alterações físicas e químicas e pela remoção dos lastros, que continham o número de identificação, de quase todas as amostras pertencentes à coleção. Após a retirada do acervo do Palácio de São Cristóvão, em fevereiro de 2020, foi iniciada a etapa de inventário das amostras atingidas pelo incêndio, onde torna-se necessária a identificação das espécies minerais resgatadas, bem como a recuperação dos números de tombo originais. Para compreender melhor os efeitos que as chamas e o calor causaram na coleção, foram previamente compilados dados experimentais disponíveis na literatura, a fim de prever o comportamento e as possíveis alterações físicas e/ou químicas de determinadas espécies minerais após o incêndio. A partir destas informações também é possível inferir temperaturas às quais as amostras foram submetidas segundo os produtos resgatados da coleção. O método de trabalho utilizado nesta etapa do inventário consiste na correlação por meio de fotos, do livro de tombo e de planilhas anteriores ao incêndio com as informações obtidas após o resgate, como a localização das amostras no palácio, identificação macroscópica dos minerais, principais alterações observadas, entre outras. Documentos anteriores ao incêndio são raros (livros de tombo, por exemplo, estavam apenas parcialmente digitalizados), mas quando presentes podem conter informações relevantes sobre as peças tombadas e, por vezes, são suficientes para uma identificação positiva de determinada amostra. Atualmente está em andamento a etapa de registro fotográfico e identificação macroscópica do acervo retirado do palácio para o inventário do resgate. Já foram fotografadas 1764 amostras resgatadas, sendo que 483 delas tiveram sua identificação mineralógica já realizada. Em relação à identificação do número de tombo original, para as amostras até o número MN0500-M que têm registro fotográfico anterior ao incêndio, foram contabilizadas 380 amostras resgatadas, das quais 206 foram identificadas. Além destas, outras 18 amostras foram assinaladas como possíveis correlações (necessitam de um maior detalhamento na identificação), totalizando uma taxa de correlação superior a 50% para esse conjunto de amostras. Para as amostras cuja identificação não pôde ser confirmada, ou para aquelas que necessitem um estudo mais detalhado, estão previstas análises avançadas como difratometria e fluorescência de raios-X (DRX e FRX), microscopia eletrônica de varredura com análises químicas (MEV-EDS) e espectroscopia Raman.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 2951

TÍTULO: CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DOS CONULARÍDEOS (CNIDARIA) DO DEVONIANO DA BORDA NOROESTE DA BACIA DO PARANÁ, BRASIL

AUTOR(ES) : CAIO BITTENCOURT GUEDES

ORIENTADOR(ES): SANDRO MARCELO SCHEFFLER, FERNANDA

RESUMO: Os conularídeos são cnidários marinhos bentônicos (Vendiano - Triássico) (Van Iten et al., 2006) que possuem uma teca fosfática piramidal, geralmente com quatro faces (Leme, 2002). Até a década de 2000, os conularídeos brasileiros, de maneira geral, e especificamente do Devoniano da Bacia do Paraná, não haviam sido alvo de muitas pesquisas, permanecendo, desse modo, inadequadamente descritos e com pouca informação. A partir desse período foram desenvolvidos trabalhos envolvendo espécimes coletados na borda leste da Bacia do Paraná, com abordagens voltadas à taxonomia, tafonomia e significado paleobiológico desse grupo. A descrição de conularídeos devonianos da borda noroeste da Bacia do Paraná, no entanto, é uma novidade na literatura e tem o potencial de contribuir com o refinamento das análises sistemáticas desse grupo. Dessa forma, a presente pesquisa objetiva ampliar os estudos relativos à morfologia desses cnidários fósseis a partir da análise de material coletado em afloramentos devonianos do estado do Mato Grosso do Sul, na borda noroeste. Para tanto, foram utilizados os fósseis recuperados no resgate do Museu Nacional. Nesse esforço, foram localizados 21 exemplares da coleção de paleoinvertebrados e outros que ainda não haviam sido catalogados, que estão sendo preparados, com o auxílio de sondas odontológicas e pincéis, para posterior análise em estereomicroscópio. As descrições morfológicas foram feitas utilizando-se de caracteres usualmente adotados na literatura para descrição e identificação taxonómica do grupo. Em uma primeira triagem foi possível agrupar os exemplares em quatro morfotipos, sendo eles afins aos gêneros *Paraconularia* Sinclair, 1940, *Conularia* Miller, in Sowerby 1821 e *Reticulaconularia* Babcock & Feldmann, 1986. O morfotipo 1 (possível *Paraconularia*) é caracterizado pela maioria de seus cordões alternados na linha mediana, com articulação predominantemente górica curva. Além disso, seus cordões são bem espaçados e não foram observados nodos ou cristas. O morfotipo 2 (possível *Conularia*) possui a maioria de seus cordões contínuos na linha mediana, com articulação circular angulada e com nodos e cristas presentes. O morfotipo 3 (possível *Conularia*) apresenta a maioria dos seus cordões contínuos, muito pouco espaçados e com articulação predominantemente górica. Por fim, o morfotipo 4 (possível *Reticulaconularia*) possui mais de 60% dos cordões alternados na linha mediana, em que são bem espaçados e possuem um pronunciado padrão reticulado. Esta pesquisa apresenta grande potencial de contribuição com dados acerca da morfologia desse grupo, além de abrir caminho para mais discussões e investigações que abordem a sistemática e distribuição paleobiogeográfica dos conularídeos na Bacia do Paraná. [Apóio: FAPERJ] e PIBIC/CNPQ, processo 159750/2021-0]

BIBLIOGRAFIA: Leme, J.M. 2002. Revisão sistemática dos Conulatae Collins et al. 2000, Formação Ponta Grossa, Devoniano (?Lochkoviano- Frasniano), Bacia do Paraná, Brasil: implicações paleobio-geográficas e comentários sobre as relações filogenéticas entre os Conulatae. Programa de Pós-graduação em Geologia Sedimentar, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 100 p. VAN ITEN, H.; LEME, J.M.; SIMÕES, M.G.; MARQUES, A.C. & COLLINS, A.G. 2006. Reassessment of the phylogenetic position of conularids (?Vendian-Triassic) within the subphylum Medusozoa (phylum Cnidaria). Journal of Systematic Palaeontology, 4(2), 109-118.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 3004

TÍTULO: DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO PALEOHISTOLÓGICA DE FRAGMENTOS ÓSSEOS CRETÁCEOS DA SUB-BACIA JAMES ROSS (PENÍNSULA ANTÁRTICA)

AUTOR(ES) : BRUNO ALVES BULAK, GEOVANE ALVES DE SOUZA, ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER

ORIENTADOR(ES): MARINA BENTO SOARES

RESUMO:

Localizado na Península Antártica, o arquipélago James Ross é local das expedições do projeto PALEOANTAR, coordenado pelo Museu Nacional/UFRJ e inserido no Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). Geologicamente, a área situa-se na sub-bacia sedimentar James Ross, onde afloram depósitos marinhos de idade Cretáceo-Eocênica do Grupo Marambio, caracterizado por um paleoambiente deposicional de mar plataforma raso (Olivero, 2012). A paleofauna conhecida de vertebrados cretáceos do Grupo Marambio da Ilha James Ross é composta de peixes cartilaginosos e ósseos, répteis marinhos e arcossauros (Martin & Crame, 2006; Kellner et al., 2019). Os fósseis dessa localidade são, frequentemente, bastante fragmentários e de difícil identificação. Logo, a paleohistologia se apresenta como uma ferramenta que fornece dados com potencial de complementar as identificações taxonómicas. Neste contexto, foram selecionados fragmentos ósseos não identificados, exibindo diferentes padrões macroscópicos, para confecção de lâminas histológicas. Os fósseis foram seccionados com uma serra elétrica, impregnados em resina epóxi, lixados e polidos em série de lixas d'água (G80, G600 e G1200) e fixados em lâminas de vidro para análise no microscópio óptico. A primeira amostra, 012.064, possui córtex compacto e proporcionalmente fino e canais vasculares predominantemente longitudinais. Duas marcas cíclicas de crescimento estão presentes na região cortical, indicando redução sazonal no crescimento ósseo. A região medular é composta por osso trabecular, que ocupa aproximadamente 2/3 do raio da secção transversal. Essas características remetem ao padrão observado em répteis marinhos, especialmente mosassauros. A segunda amostra (012.061) exibe um córtex compacto, proporcionalmente fino e altamente vascularizado. Uma cavidade medular ampla circundada por cavidades de reabsorção ocupa 2/3 do raio da secção transversal. Essas características são compatíveis com padrão osteohistológico observado nos dinossauros terópodes. A terceira (s/n) e a quarta (AF8P1MN10) amostras apresentam córtex espesso, com canais vasculares longitudinais e radiais. As regiões medulares são formadas por tecido esponjoso. Cavidades de reabsorção estão espalhadas por toda a secção transversal. As transições entre as regiões medulares e corticais são graduais. Essas duas últimas amostras remetem ao padrão osteoporótico geral de répteis marinhos, em especial ao padrão observado nos plesiossauros elasmossaurídeos. Os próximos passos envolvem a confecção de mais lâminas osteohistológicas e análises comparativas mais refinadas dos materiais amostrados. Com os resultados finais das análises, espera-se conseguir identificar os materiais a níveis taxonómicos menos inclusivos, contribuindo para a ampliação do conhecimento da paleofauna de vertebrados da sub-bacia James Ross.

BIBLIOGRAFIA: Kellner, A. W. A. et al. Pterodactyloid pterosaur bones from Cretaceous deposits of the Antarctic Peninsula. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 2019. v. 91. Martin, J. E. & Crame, J. A. Paleobiological significance of high-latitude Late Cretaceous vertebrate fossils from the James Ross Basin, Antarctica. Geological Society of London Special Publications, 2006. v. 258, p. 109-124. Olivero, E. B. Sedimentary cycles, ammonite diversity and paleoenvironmental changes in the Upper Cretaceous Marambio Group, Antarctica. Cretaceous Research, 2012. v. 34, p. 348-366.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 3090****TITULO: CERAMBYCIDAE (COLEOPTERA) ASSOCIADOS A ARECACEAE NO BRASIL****AUTOR(ES) : FABIANE VENTURA CABRAL LEAL****ORIENTADOR(ES): MARCELA LAURA MONNE FREIRE,DIEGO DE SANTANA SOUZA****RESUMO:**

A Ordem Coleoptera constitui o maior e mais diverso grupo de insetos, com cerca de 400 mil espécies descritas. Os Cerambycidae são besouros das mais diversas formas e tamanhos, podendo alcançar até 20 cm, e constituem um grupo importante do ponto de vista florestal e agrícola já que as larvas são xilófagas, broqueando os troncos e galhos. A família Cerambycidae compreende cerca de 7 subfamílias, 4.000 gêneros e 38.000 espécies no mundo e caracteriza-se, principalmente, pelas antenas longas, olhos emarginados e tarsos pseudotetrâmeros. Dentro as subfamílias de Cerambycidae, em Prioninae destaca-se a espécie *Macrodonia cervicornis* (Linnaeus, 1758), que possui ampla distribuição no Brasil, sendo encontrada nos seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Santa Catarina. A família Arecaceae é o grupo mais diversificado das monocotiledôneas, com cinco subfamílias, 240 gêneros e aproximadamente 2700 espécies descritas. As arecáceas são comumente conhecidas como palmeiras e representam a terceira família botânica mais importante para o ser humano. Suas espécies possuem uma diversidade de usos e são de grande importância alimentar, medicinal, sócio-cultural e econômica. O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das espécies de Cerambycidae que utilizam Arecaceae como planta hospedeira com a finalidade de avaliar o potencial de extinção dos cerambycídeos que se desenvolvem em Arecaceae ameaçadas de extinção no Brasil. Através do estudo da literatura pertinente e dos bancos de dados de Cerambycidae e de Arecaceae no Brasil foi possível verificar que 7 espécies de Cerambycidae utilizam espécies de Arecaceae como planta hospedeira, sendo elas: *Paraprobatus bucki* (Breuning, 1955), *Macrodonia cervicornis* (Linnaeus, 1758), *Eusapia guyanensis* (Huedepohl, 1988), *Tenthra obliteratus* (Thomson, 1864), *Paratenhras martinisi* (Monné, 1998), *Steirastoma breve* (Sulzer, 1776) e *Lophopoeum timbouvae* (Lameere, 1884). Dentre as 15 espécies de Arecaceae utilizadas por Cerambycidae, 3 estão classificadas como Vulnerável de acordo com acordo com a Lista Vermelha da Flora do Brasil: *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc., *Butia yatay* (Mart.) Becc. e *Euterpe edulis* Mart. Ainda foi constatado que uma espécie Cerambycidae, *Macrodonia cervicornis* (Linnaeus, 1758) também está em risco de extinção, sendo considerada vulnerável segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Esta espécie está associada com 9 espécies de Arecaceae: *Attalea compta* Mart., *Attalea funifera* Mart., *Attalea maripa* (Aubl.) Mart., *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng, *Cocos nucifera* L., *Elaeis oleifera* (Kunth) Cortés, *Euterpe catinga* Wallace, *Mauritia flexuosa* L.f. e *Oenocarpus bataua* Mart. (*Jessenia weberbaueri* Burret).

BIBLIOGRAFIA: Monné, M. L., Monné, M. A., & Wang, Q. (2017). General Morphology, Classification, and Biology of Cerambycidae. In Cerambycidae of the World (pp. 15-84). CRC Press. Lorenzi, H. Flora Brasileira. Arecaceae (Palmeiras). 1^a Edição. Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda. 2010 Martinelli, G.; Moraes, M. A. (org.). 2013 Livro vermelho da flora do Brasil. Tradução: Flávia Anderson, Chris Hieatt. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 1100 p.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 3175****TITULO: O QUE ENGORDA NÃO MATA: DESCRIÇÃO DE UM MECANISMO ANTIPREDAÇÃO DESCONHECIDO EM PEIXES.****AUTOR(ES) : DAIANA GALDINO PINTO DA SILVA****ORIENTADOR(ES): CRISTIANO LUIS RANGEL MOREIRA****RESUMO:**

Adaptações morfológicas que atuam como mecanismos contra predação, como por exemplo, estruturas rígidas recobrindo o corpo, toxinas, ou espinhos e projeções, são comuns em animais. Peixes, por sua vez, são notáveis pela diversidade destas estruturas, sendo talvez as mais comuns, a presença de espinhos. Espinhos surgiram independentemente em diversos grupos de peixes, podendo ter diferentes formas, e estar associados a diversas estruturas. Estes atuam de várias maneiras, como perfurar o tecido da cavidade orobranquial, servindo de veículo para inoculação de veneno, ou ainda aumentar o tamanho de embocadura necessária para engolir o indivíduo. Apesar de comuns em vários grupos de peixes, espinhos são raros em Characiformes, a ordem de peixes mais comum da região Neotropical. Uma exceção é o gênero *Jupiaba*. Este gênero possui 31 espécies de pequeno porte, em que os ossos pélvicos são alongados e afilados, podendo perfurar a pele da região ventral do animal e ficar exposto formando espinhos direcionados anteriormente. O mecanismo de como este espinho é protraído é desconhecido, bem como o porquê de alguns exemplares possuírem esta condição, e outros não. Desta forma, nosso objetivo é identificar este mecanismo e descrevê-lo. Para isto, ao menos dois exemplares (um com o espinho protraído, outro não) de *J. abramoides*, *J. acanthogaster*, *J. apenima*, *J. citrina*, *J. pirana* e *J. polylepis*, depositados na coleção do Setor de Ictiologia do Museu Nacional, foram dissecados. Adicionalmente, dois espécimes de *J. apenima*, *J. pirana* e *J. polylepis* foram microtomografados de maneira a se detalhar a estrutura osteológica e sua relação com partes moles. Não observamos qualquer musculatura especializada para a protração dos espinhos pélvicos, de maneira que o mecanismo envolve outras estruturas. Observamos que todos os exemplares com os espinhos protraídos possuem os estômagos muito distendidos dorsoventralmente. Mesmo quando estes possuíam comida, ela não ocupava todo o volume do estômago, levando à conclusão que eles estavam cheios de água quando foram fixados. Quando o estômago está distendido, a câmara cardíaca do estômago, que é uma região mais rígida, se posiciona entre os espinhos pélvicos. Nossa hipótese é de que quando o peixe se encontra ameaçado, ingere água, inflando o estômago, fazendo com que os espinhos se desloquem lateralmente. Por possuirem a extremidade anterior afilada e curvatura lateral, furam a derme e ficam expostos. A variação interespécífica é pequena, sendo restrita à variação no tamanho do espinho e no tamanho do estômago. Como peixes ictiófagos tendem a maximizar o tamanho de suas presas em relação ao tamanho da boca, e engolem as presas pela cabeça, qualquer ossificação dirigida anteriormente tem o potencial de diminuir a predação. A hipótese do mecanismo de protração dos espinhos, bem como o potencial antipredação destes, só pode ser adequadamente testada em experimentos com espécimes vivos, que vai além do escopo do presente estudo.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 3346****TÍTULO: ESPÉCIE DE CHAETOPTERUS CUVIER, 1830 (ANNELIDA: CHAETOPTERIDAE) BIOLUMINESCENTE DA BAÍA DO ARAÇÁ, SÃO SEBASTIÃO - SP****AUTOR(ES) : LAYLA FONTÃO DE LIMA, VINÍCIUS DA ROCHA MIRANDA, ANDERSON GARBUGLIO DE OLIVEIRA****ORIENTADOR(ES): JOANA ZANOL PINHEIRO DA SILVA****RESUMO:**

Chaetopterus (Chaetopteridae) apresenta corpo dividido em três tagmas (A, B e C) e cerca de 20 espécies válidas, sendo aproximadamente 10 destas bioluminescentes. Na costa brasileira, até o início do século XX, era registrada apenas a espécie *Chaetopterus pergamentaceus* Cuvier, 1830. Porém, algumas espécies do gênero, incluindo *C. pergamentaceus*, foram sinonimizadas à *C. variopedatus* (Renier, 1804). Logo, todos os registros do litoral brasileiro foram identificados como esta espécie, anteriormente considerada cosmopolita e hoje considerada um complexo de espécies. Deste modo, não está claro quais espécies deste gênero estão presentes na costa brasileira. O estudo tem o objetivo de identificar e descrever espécies de *Chaetopterus* presentes na Baía do Araçá (23°48'40,1" S 45°24'23,1" W; BAC) através de análises moleculares e morfológicas. Fragmento do gene citocromo oxidase I de seis dos doze indivíduos da localidade disponíveis na coleção de Polychaeta do Museu Nacional foi amplificado, sequenciado e analisado. Foi calculado a distância genética par a par com o modelo Kimura 2-parâmetros e análise filogenética de Máxima Verossimilhança incluindo outras espécies do gênero para as quais sequências estão disponíveis no Genbank. Características morfológicas como presença de olhos, número de setígeros do tagma A, forma do peristômio e do notopódio B1 (Moore et al., 2017; Nishi, 2001) foram observadas nos 12 espécimes com o auxílio de esteremicroscópio e microscópio composto. As distâncias genéticas entre os espécimes da BAC variam de 0-0,2%, entre eles e outras espécies do gênero, inclusive *C. variopedatus* da localidade tipo, são maiores que 20%, e entre eles, *Chaetopterus* sp. (Costa leste dos Estados Unidos) e *C. cf. variopedatus* (Inglaterra) (ambas sequências reidentificadas como *C. pergamentaceus*, Moore, J. comunicação pessoal) são 1% e 0,4% respectivamente. Ademais, estes táxons formam um grupo monofiletico com 80% de suporte de bootstrap. Com base nas características morfológicas observadas, os espécimes não se assemelham a nenhuma das outras espécies que também possuem tubo em forma de U e diferem de *C. pergamentaceus* na ausência de olhos. Porém, os espécimes da BAC variam entre si no comprimento e em características consideradas diagnósticas para espécies, como número de setígeros do tagma A, formato do peristômio, coloração das cerdas, coloração e número de cerdas cortantes e número de dentes, forma e medidas de comprimento e largura dos unicínios. Por isso, identificamos aqui preliminarmente com base nas sequências de COI os espécimes da BAC como *C. cf. pergamentaceus*. Análises moleculares utilizando outro marcador molecular e observações com microscópio eletrônico de varredura serão realizadas a fim de confirmar a identificação da espécie e entender se as variações observadas são intraespécíficas, o que levaria a necessidade de revisão das características morfológicas consideradas diagnósticas para identificação de espécies de *Chaetopterus*.

BIBLIOGRAFIA: Moore, J.M., E., Nishi, & G.W., Rouse. (2017). Phylogenetic analyses of Chaetopteridae (Annelida). *Zoologica Scripta* 46: 596-610. Nishi, E. (2001). Partial revision of Japanese Chaetopterus (Chaetopteridae, Polychaeta), including description of three new species from southern Pacific side of central Japan. *Actinia*, 14: 1-26.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 3587****TÍTULO: CORRELAÇÃO CRONOLÓGICA E PALEODEPOSIACIONAL DOS ARENITOS BETUMINOSOS DAS PRAIAS DE JACONÉ E DE JURUBATIBA, LITORAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.****AUTOR(ES) : VICTOR ELETHERIO CHAGAS, JAIRYSSON MELO DOS SANTOS ANDRADE****ORIENTADOR(ES): RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS, KÁTIA LEITE MANSUR****RESUMO:**

Arenitos betuminosos constituem depósitos escassos no litoral fluminense, sendo que a principal ocorrência está localizada no Parque Nacional de Jurubatiba, aflorante na faixa de praia adjacente à Lagoa Comprida. Este depósito possui cerca de 8 m de espessura e 800m de extensão na face de praia, podendo estender-se para o off shore proximal. Segundo Vasconcellos et al. (2019), foram descritas cinco camadas tabulares plano-paralelas de areia grossa a muito grossa, com grãos quartzoscos foscos bem selecionados, subangulosos, sendo que o betume atua como cimento. Barros et al. (2015) obtiveram idades ao radiocarbono de 43.500 anos AP (base do pacote) e 34.530 anos AP (topo). Na praia de Jaconé (município de Maricá), adjacente à principal ocorrência dos beachrocks de Darwin, são registrados na faixa de areia, após ressecas, fragmentos de arenito betuminoso. Estes não são aflorantes, devendo ocorrer abaixo dos beachrocks (que possuem idades em torno de 8.000 anos AP) na zona de arrebentação e, durante as ressecas, fragmentos dessa litologia são arrancados e lançados na face de praia. Foram registradas quatro litofácies (arenito fino-médio, arenito grosso, arenito grosso com conchas e lítito) e a análise petrográfica preliminar mostrou um arcabouço predominantemente quartzoso, com abundância de grãos de areia fina a média com elevada angulosidade, e uma menor proporção de grãos de areia grossa a muito grossa, mais arredondados. O objetivo desse trabalho é buscar correlacionar as duas ocorrências de arenitos betuminosos no que se refere às suas idades e paleoambientes de sedimentação. Os arenitos de Jurubatiba e de Jaconé apresentam granulometria entre areia grossa e muito grossa, sendo que a elevada angulosidade observada em ambos sugere aporte sedimentar predominantemente fluvial para corpos aquosos que, pelo elevado conteúdo de matéria orgânica, incluindo restos vegetais e até troncos e raízes (em Jurubatiba), devem ter constituído lagunas em processo de assoreamento e/ou áreas brejosas entre cordões arenosos. A análise do COT do material betuminoso apontou para teores de matéria orgânica bastante semelhantes em ambas as localidades, variando de 0,011 a 4,71% para Jaconé, e 0,046 e 4,54% para Jurubatiba. A idade dos arenitos betuminosos de Jaconé, caso a hipótese de estarem posicionado abaixo dos beachrocks estiver correta, seria mais antiga que 8.000 anos AP, sendo que amostras já foram enviadas para datação na UFF. O estudo desses arenitos betuminosos reveste-se de importância no que tange a caracterização paleoambiental do litoral fluminense no Pleistoceno Superior, durante o último período glacial, quando o nível do mar estava bastante abaixo do atual e o clima de modo geral mais seco.

BIBLIOGRAFIA: Barros, M. A. et al. 2015. Datações radiométricas e análise palinológica em sedimentos turfosos do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Estado do Rio de Janeiro. In: XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário, 2015. Anais, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, p. 24-25. Vasconcellos, F. M. et al. 2019. Sedimentologia, Geocronometria e Palinologia de depósitos arenoso-betuminosos quaternários aflorantes no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, norte fluminense. In: XXVI Congresso Brasileiro de Paleontologia, Uberlândia. Boletim de Resumos, Uberlândia, SBP, p. 204-205.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 3911****TÍTULO: OS TIPULIDAE (INSECTA, DIPTERA) DEPOSITADOS NA COLEÇÃO ENTOMOLÓGICA DO MUSEU NACIONAL - UFRJ****AUTOR(ES) : MARIA EDUARDA DE OLIVEIRA SILVA,JÉSSICA GOUVEA FERREIRA,AIDA VANESSA GÓMEZ FALCÓN****ORIENTADOR(ES): LEONARDO H. GIL AZEVEDO****RESUMO:**

Diptera constitui uma das ordens mais diversas de insetos incluindo muitas espécies importantes na transmissão de doenças, polinização de plantas, decomposição de material vegetal e animal, controle biológico e outros processos do ecossistema. A família Tipulidae é cosmopolita com 4461 espécies descritas em três subfamílias, 38 gêneros e 88 subgêneros no mundo. Os adultos são facilmente reconhecidos por apresentar o corpo delgado, com pernas longas e finas e o tórax com uma sutura em forma de "V". Os Tipulídeos estão associados com ambientes úmidos, tais como margens de rios, entretanto, também podem ser encontrados em lugares completamente terrestres, tais como bosques, pastos e áreas cultivadas com terra úmida ou material em decomposição. O objetivo desse estudo foi analisar a representatividade dos Tipulidae na Coleção Entomológica do Museu Nacional (MNRJ) antes e após o incêndio de setembro de 2018 e avaliar o crescimento da mesma por meio de uma análise comparativa, utilizando uma planilha de dados com informações dos exemplares depositados na referida coleção. Até o ano do incêndio haviam 3101 exemplares Tipulidae depositados na MNRJ, distribuídos em nove gêneros, oito subgêneros e 270 espécies, com registros de ocorrência para o Chile, Espanha e, principalmente, Brasil (Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul). Infelizmente, todo esse material foi perdido. No entanto, nestes três anos de reconstrução da Coleção Entomológica (desde o final de 2018), foram tombados 2627 exemplares de Tipulidae, proveniente de doações e, principalmente, de coletas, totalizando oito gêneros, seis subgêneros e 39 espécies, da família Tipulidae, com ocorrência para os seguintes estados brasileiros: Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Sergipe, São Paulo. Também há material do Chile, Colômbia e Peru. Esses indicadores demonstram que a Coleção Entomológica vem crescendo em um bom ritmo, mas é preciso intensificar as doações e coletas para que se recupere a representatividade pré incêndio.

BIBLIOGRAFIA:**ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa****MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 3922****TÍTULO: OS CULICOIDEA (INSECTA, DIPTERA) DEPOSITADOS NA COLEÇÃO ENTOMOLÓGICA DO MUSEU NACIONAL - UFRJ****AUTOR(ES) : VICTÓRIA GOMES CÂNDIDO,CAIO CEZAR DIAS CORRÊA****ORIENTADOR(ES): LEONARDO H. GIL AZEVEDO****RESUMO:**

Diptera é uma das ordens de insetos (Insecta) mais diversas existente, com cerca de 150 mil espécies distribuídas por todos os continentes. Dentro desta ordem está incluída a superfamília Culicoidea, que abriga as famílias Chaoboridae, Corethrellidae, Culicidae e Dixidae. Culicidae (mosquitos e pernilongos) apresenta grande importância médico-sanitária devido à algumas espécies terem o hábito hematófago, podendo ser vetores de diferentes arboviroses, como dengue, malária, febre-amarela etc. As demais famílias apresentam importância ecológica nos ambientes em que vivem. O objetivo do estudo foi analisar os dados sobre Culicoidea depositados na Coleção Entomológica do Museu Nacional (MNRJ), explorando como base a planilha digital de tombamento da coleção onde os dados estão inseridos. O incêndio de setembro de 2018 do MNRJ levou a perda de diversas coleções que estavam depositadas no palácio, dentre elas grande parte da Coleção Entomológica do Departamento de Entomologia, incluindo a Coleção de Culicoidea. Antes de setembro de 2018, a Coleção Entomológica possuía 881 lotes e 10113 espécimes de Culicoidea, sendo: Chaoboridae (151 lotes e 4577 spp.), Corethrellidae (533 lotes e 4678 spp.), Culicidae (33 lotes e 87 spp.) e Dixidae (164 lotes e 791 spp.). Estes exemplares pertenciam a várias regiões do Brasil, como norte (AC, AM e PA), nordeste (AL e SE), centro-oeste (MS), sudeste (ES, MG, RJ, SP) e sul (SC); e alguns países como Chile e Madagascar. Nos últimos três anos, através de doações e expedições de campo, foram tombados na MNRJ 430 lotes e 2668 spp. de Culicoidea, sendo: Chaoboridae (29 lotes e 277 spp.), Corethrellidae (38 lotes e 599 spp.), Culicidae (100 lotes e 257 spp.) e Dixidae (263 lotes e 1535 spp.), oriundos de várias regiões do Brasil, como norte (AM e PA), nordeste (BA, CE, MA, PE e PI), centro-oeste (MS), sudeste (MG, RJ e SP) e sul (PR e SC), além de Colômbia e Peru. Apesar do pouco tempo, a coleção de Culicoidea já conta com um significativo número de lotes e espécimes que foram depositados ao acervo pós-incêndio. Ações como permutas, doações e expedições de campos são essenciais para que o acervo continue crescendo e servindo de fonte para diferentes tipos de estudos com o grupo.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 3957****TÍTULO: MANUTENÇÃO EM LABORATÓRIO E ANÁLISE DA SOBREVIVÊNCIA DE ADULTOS, LARVAS E JUVENIS DA ESPÉCIE INCUBADORA DE OURIÇO-DO-MAR IRREGULAR CASSIDULUS MITIS (ECHINODERMATA: ECHINOIDEA)****AUTOR(ES) : MONALISA SOUSA PINTO DE OLIVEIRA****ORIENTADOR(ES): CARLOS RENATO REZENDE VENTURA****RESUMO:**

Cassidulus mitis é um ouriço-do-mar irregular endêmico do Rio de Janeiro, da ordem Cassiduloidea. Esta espécie da endofauna é incubadora. A fêmea mantém seus filhotes entre os espinhos desde a fertilização até a metamorfose. Portanto, sua dispersão geográfica é limitada. Essa espécie é frequente na Praia Vermelha (Baía de Guanabara). Supõe-se que houve um ancestral comum para os cassiduloides e clipeasteroides (bolachas-da-praia), pela similaridade morfológica da lanterna-de-Aristóteles (Smith, 2001). Apesar desta importância, a lanterna-de-Aristóteles dos cassiduloides ainda não foi plenamente estudada na sua forma, desenvolvimento e desaparecimento (Contins & Ventura, 2011). Este projeto pretende estudar pontos essenciais para a compreensão da história de vida de *C. mitis* que contribuirão para o estabelecimento desta espécie como modelo experimental em diversas áreas do conhecimento, como Evolução e Desenvolvimento, Ontogenia, Morfologia, Taxonomia, Comportamento e para a sua conservação no ambiente natural. A primeira parte deste projeto teve como objetivo manter adequadamente os indivíduos adultos deste ouriço-do-mar em laboratório. Foram desenvolvidos 4 sistemas de aquários e 2 desses são mais adequados para manter os indivíduos vivos por pelo menos 2 meses. A segunda parte do projeto tem como objetivos (1) analisar a sobrevivência de larvas e juvenis de *C. mitis* mantidos isolados das fêmeas adultas e; (2) testar a adoção ou rejeição das fêmeas adultas às larvas e juvenis gerados por outros indivíduos. Para ambos, o Teste Kaplan-Meier foi utilizado para analisar a trajetória da sobrevivência. As larvas utilizadas no início do experimento se desenvolveram em juvenis ao longo de 10 dias. Por isso, serão denominadas larvas/juvenis. Para a manutenção dos indivíduos em laboratório, foi utilizado um sistema de aquários com fluxo de água corrente. O sistema é composto por seis aquários retangulares de 7,5L cada e dois reservatórios de 30L. Um total de 11 indivíduos adultos foram distribuídos entre os aquários (2 adultos por aquário, exceto 1 aquário com 1 adulto). Dez larvas/juvenis foram distribuídas em 6 cestos pequenos (1 cesto por aquário), totalizando 60 indivíduos. A duração desse experimento foi de 2 semanas. Mais da metade de larvas/juvenis sobreviveu até o fim do experimento. Para o teste de adoção/rejeição foram transferidas duas larvas/juvenis para 3 fêmeas e 5 machos adotivos, de 2 fêmeas doadoras diferentes. Um total de 16 larvas/juvenis foi utilizado no experimento de adoção. A duração do teste foi de 10 dias. Os adultos adotivos (machos e fêmeas) não expulsaram qualquer larva/juvenil no momento da transferência. Após 3 dias, a ausência de 7 larvas sobre os adultos foi registrada (3 sobre fêmeas e 4 sobre machos).

BIBLIOGRAFIA: Contins, M.; Ventura, C.R.R. (2011). Embryonic, larval and post-metamorphic development of the sea urchin *Cassidulus mitis* (Echinoidea; Cassiduloidea): an endemic brooding species from Rio de Janeiro, Brazil. *Marine Biology*, 2011. v. 158, n.10, p. 2279-2288. Smith, A. B. (2001). Probing the cassiduloid origins of clipeasteroid echinoids using stratigraphically restricted parsimony analysis. *Paleobiology*, (27),392-404. Kier, P.M. (1962). Revision of the cassiduloid echinoids. *Smithsonian Miscellaneous Collections*, 114(3): 1-262.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 3971****TÍTULO: "ABELHAS E NÓS": UMA EXPERIÊNCIA SÍNCRONA DE MEDIAÇÃO MUSEAL ONLINE COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL****AUTOR(ES) : FERNANDA SILVA MONTEIRO PINTO,CAROLINA BRAGA SEDA****ORIENTADOR(ES): ANDREA FERNANDES COSTA,FRIEDA MARIA MARTI****RESUMO:**

Apresentamos a oficina online “As abelhas e nós: o cultivo de uma relação sustentável”, que integra o Projeto Mediação Museal Online: Museu Nacional e Popularização da Ciência nas Redes, desenvolvido pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional (UFRJ). Aprovado no edital Programa de Bolsas SIMAP 2021-2022 e iniciado em maio, o mesmo tem como objetivo geral realizar ações de educação museal online e popularização online das ciências, lançando mão da mediação para fomentar a participação ativa, dialógica e coautoral dos públicos. A oficina foi realizada na V Feira de Ciências do Colégio de Aplicação da UERJ, evento que contou com a parceria do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural (SIMAP). A escolha do tema resultou da proximidade com o Dia Nacional das Abelhas e de seu alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS - ONU), conforme demanda do evento, buscando estabelecer conversas sobre a relevância ecológica, econômica e cultural das abelhas. Realizada na plataforma de webconferência da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP - MCTI) e voltada a alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, a oficina foi constituída de dois momentos, usando o software *Genially* e exposições virtuais do Museu Nacional no *Google Arts & Culture*. Por meio de uma imagem interativa, abordamos os temas: características das abelhas, sua coevolução com angiospermas, relação histórica com o ser humano, importância das espécies nativas e impactos ambientais. O segundo momento propôs a criação coletiva de um jardim atrativo para as abelhas. Por meio de um de quiz de identificação dos nomes populares das plantas a partir de imagens, estas eram adicionadas ao jardim quando identificadas pelas crianças. Ao todo, 17 estudantes se inscreveram e seis participaram da oficina, possivelmente devido a problemas na divulgação do horário. A atividade, que teria 50min, durou cerca de 1h30min. Acreditamos que o tempo mais prolongado teve relação com a intensa participação dos alunos, com comentários, dúvidas, questionamentos e emoções, motivando alguns alunos a mostrarem objetos de suas casas associados ao tema. As professoras também mostraram interesse na oficina e usaram de sua relação próxima com os estudantes para estreitar conexões entre os mesmos e o tema. Os depoimentos dos alunos e a análise do processo nos leva a concluir que o objetivo da oficina foi alcançado, pois a mesma mobilizou os participantes à reflexão coletiva, a partilha de sentidos e a produção coletiva de conhecimentos. Pretendemos adaptar esta oficina para um novo formato online que possibilite a participação assíncrona de outros públicos. As bolsistas atuaram na escolha do tema, na pesquisa, na concepção e avaliação da oficina, no preparo de materiais e na mediação síncrona. A atuação no projeto tem promovido reflexões e interlocuções importantes para a formação acadêmica e cidadã das estudantes.

BIBLIOGRAFIA: Oliveira, W. J. D. S. (2020). ETNOBIOLOGIA DAS ABELHAS NATIVAS DO BRASIL NAS ETNIAS KAIABI, KAYAPÓ, XAVANTE E GUARANI (REVISÃO BIBLIOGRÁFICA). SANTOS, José Ozildo dos. Um estudo sobre a evolução histórica da apicultura. 2015. 95f. (Dissertação de Mestrado Profissional), Programa de Pós-graduação em Sistemas Agroindustriais, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Universidade Federal de Campina Grande - Pombal - Paraíba - Brasil, 2015. MARTI, Frieda Maria; DOS SANTOS, Edmá Oliveira. Educação museal online: A educação museal na/com a Cibercultura. Revista Docêncie e Cibercultura, v. 3, n. 2, p. 41-66, 2019.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4134****TITULO: DIFERENÇAS GEOQUÍMICAS ENTRE ORTOGNAISSES E METAGRANITOIDES DO CINTURÃO MINEIRO, ESTADO DE MINAS GERAIS****AUTOR(ES) : AMANDA MENDES, LETÍCIA DE SOUZA CARDOSO, DAVID DA COSTA MACHADO****ORIENTADOR(ES): CIRO ALEXANDRE ÁVILA****RESUMO:**

O estudo de ortognaisses e metagranitoídes no Cinturão Mineiro vem sendo um tema de grande discussão, principalmente em relação às feições químicas e idades. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as características geoquímicas e o ambiente de formação dos ortognaisses Cassiterita, Resende Costa, Fé e Morro do Resende e dos metagranitoídes Ritápolis e Gentio utilizando os elementos maiores, menores e traço, incluindo os elementos terras raras (ETR). O prefixo "meta" foi utilizado para litotipos com atributos primários preservados, enquanto rochas quartzo-feldspáticas oriundas de protólitos ígneos com foliação ou bandamento metamórfico foram classificadas como ortognaisses. O estudo em pauta envolveu a montagem de um banco de dados Excel com 115 amostras (52 de ortognaisses e 63 de metagranitoídes) e a interpretação das principais feições geoquímicas. De acordo com o diagrama Ab-An-Or normativo os ortognaisses e os metagranitoídes plotam no campo dos tonalitos-trondjemitos, sendo que o ortognaisse Fé e os metagranitos Ritápolis e Gentio também plotam no campo dos granitos. Os ortognaisses e os metagranitoídes apresentam coríndon normativo, são cálcio alcalinos, predominantemente peraluminosos e ferrosos, com exceção do corpo Cassiterita que é magnesiano e dos metagranitoídes que plotam tanto no campo dos ferrosos, quanto no campo dos magnesianos. No diagrama AFM todos os corpos são cálcio alcalinos, enquanto no diagrama K2O x SiO2 as amostras do corpo Fé e dos metagranitoídes são também cálcio alcalinas de alto-K. Em relação aos ETR, os ortognaisses Cassiterita e Resende Costa e o metagranitoide Gentio apresentam fracionamento acentuado dos ETR leves (ETRL) para os ETR pesados (ETRP), enquanto nos corpos Fé e Morro do Resende o fracionamento é mais sutil. O ortognaisse Fé e o metagranitoide Ritápolis apresentam 2 padrões de ETR distintos, sendo um com marcante anomalia negativa de Eu e enriquecimento nos ETRP e o outro com sutil ou sem anomalia de Eu e valores mais baixos nos ETRP. Os *spidergrams* desses corpos são bastante variados e normalmente com anomalia negativa de Nb, P e Ti (exceto o ortognaisse Resende Costa), apontando para a retenção de ilmenita, óxido de Ti e apatita. As anomalias positivas de U, Pb, Nd e Zr presente na maioria dos corpos apontam para contaminação crustal. Algumas anomalias positivas restritas correspondem ao Y no corpo Cassiterita, Y e K nos corpos Fé e Ritápolis e Sr no corpo Resende Costa. Em relação ao ambiente de formação, os ortognaisses Cassiterita e Resende Costa são tipicamente de arco magmático, enquanto para o metagranitoide Ritápolis e para o ortognaisse Fé parecem existir 2 conjuntos diferentes, sendo um de arco magmático e outro intra-placa ou pós-tectônico. Nos demais corpos permanecem dúvidas quanto ao ambiente tectônico.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4142****TITULO: CARACTERÍSTICAS GEOQUÍMICAS DOS METADIORITOS E METAGABROS DO CINTURÃO MINEIRO, MINAS GERAIS****AUTOR(ES) : LETÍCIA DE SOUZA CARDOSO, AMANDA MENDES, DAVID DA COSTA MACHADO****ORIENTADOR(ES): CIRO ALEXANDRE ÁVILA****RESUMO:**

O Cinturão Mineiro está localizado na borda meridional do Cráton São Francisco e é representado por arcos magmáticos siderianos e riacianos (2,47-2,1 Ga), que foram acrescionados ao paleocontinente arqueano no final da Orogenia Minas (2,5-1,9 Ga). O cinturão é composto por sequências metavulcanossedimentares, ortognaisses, rochas subvulcânicas-vulcânicas andesíticas-dacíticas e corpos plutônicos, representados por metagabros, metadioritos, metatonalitos e metagranitos. A metodologia utilizada envolveu a compilação das feições petrográficas e a montagem de um banco de dados em Excel das análises químicas de elementos maiores, menores e traço, incluindo elementos terras raras (ETR) do metagabro Vitoriano Veloso, do metaquartzo monzodiorito Glória e dos metadioritos Rio Grande, Brumado e Teixeira. Esses dados foram utilizados objetivando: (i) confecção de diagramas de classificação geoquímica, (ii) caracterização do tipo de magma envolvido e (iii) comparar os resultados dos ETR e dos *spidergrams*. Petrograficamente o corpo Vitoriano Veloso varia de gabbro a diorito, os corpos Rio Grande e Brumado de dioritos até tonalitos, enquanto o corpo Glória de quartzo diorito a quartzo monzodiorito. As rochas do metadiorito Teixeira por apresentarem granulação fina só foram classificadas quimicamente. No diagrama TAS as rochas do corpo Vitoriano Veloso correspondem a gabros, as do corpo Teixeira variam desde gabros até quartzo dioritos, as dos corpos Rio Grande e Brumado de dioritos a quartzo dioritos, enquanto as do corpo Glória envolvem dioritos, monzodioritos e monzonitos. Em relação aos elementos traço, os corpos Vitoriano Veloso e Teixeira correspondem a basaltos toleíticos de arco de ilha, enquanto os corpos Rio Grande, Brumado e Glória a basaltos cálcio alcalinos de arco de ilha. Em relação aos ETR, os corpos Rio Grande, Brumado e Glória apresentam padrão semelhante com fracionamento dos ETR leves (ETRL) para os ETR pesados (ETRP), razão La_N/Yb_N elevada (respectivamente de 4,61 a 35,28, 3,86 a 25,88 e 29,33 a 37,54) e sutil ou inexistente anomalia de Eu. A principal diferença está associada ao menor conteúdo de ETRL no corpo Brumado do que nos demais. Os corpos Vitoriano Veloso e Teixeira exibem padrão dos ETR distintos, sendo o primeiro levemente fracionado com razão La_N/Yb_N entre 2,38 e 4,28, enquanto o segundo exibe conteúdo muito baixo dos ETRL e razão La_N/Yb_N entre 0,65 e 1,38. Todos os corpos apresentam nos *spiders* anomalia negativa de Nb, P e Ti apontando para retenção de ilmenita, óxidos de Ti e apatita na fonte e positiva de Th-U, Pb e Nd indicando o envolvimento de componentes crustais na sua gênese. Essas feições sugerem que os corpos Vitoriano Veloso e Teixeira são toleíticos, de arco magmático e exibem padrão menos fracionado dos ETR, enquanto os corpos Glória, Brumado e Rio Grande são cálcio alcalinos de arco magmático, mais fracionados e poderiam ter um mesmo magma pai, diferindo somente pelo conteúdo mais elevado em K₂O e ETRL do primeiro.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4213****TÍTULO: BASE DE DADOS GEOQUÍMICOS RETRABALHADOS DO ORTOGNASSE LAVRAS, BORDA MERIDIONAL DO CRÁTON SÃO FRANCISCO, ESTADO DE MINAS GERAIS****AUTOR(ES) : DAVID DA COSTA MACHADO,AMANDA MENDES,LETÍCIA DE SOUZA CARDOSO****ORIENTADOR(ES): CIRO ALEXANDRE ÁVILA****RESUMO:**

A história da evolução geológica arqueana do Cráton São Francisco é um paradigma que ainda se torna presente na comunidade científica, principalmente pelas recentes descobertas realizadas nas unidades próximas ao Quadrilátero Ferrífero e naquelas do Complexo Metamórfico Campo Belo. Essa evolução envolve, pelo menos, quatro eventos tectono-metamórficos diferentes designados de Santa Bárbara (3,21 a 3,10 Ga), Rio das Velhas I (2,93 a 2,90 Ga), Rio das Velhas II (2,80 a 2,76 Ga) e Mamona (2,75 a 2,61 Ga). Os dois primeiros são representados principalmente por ortognasses TTGs, enquanto o terceiro envolve sequências greenstone e ortognasses tonalíticos a graníticos e o quarto principalmente corpos granodioríticos a graníticos de alto-K. Nesse contexto, o Complexo Metamórfico Campo Belo reúne rochas metaultramáticas, metagranitos, gnaisses migmatíticos, paragnases e ortognasses como os de Lavras, Fernão Dias, Campo Belo, Candeias, Oliveira e São Tiago. O Ortognasse Lavras, foco do presente trabalho, corresponde a um desses corpos que tem sido intensamente estudado em relação a sua cartografia geológica, petrografia, metamorfismo-deformação, geoquímica e geocronologia. O objetivo desse trabalho é detalhar os aspectos geoquímicos do Ortognasse Lavras buscando definir (i) o tipo de magma envolvido e (ii) o ambiente de cristalização desse. Para esse estudo foram utilizadas 13 amostras, e com isso análises envolvendo elementos maiores, menores e traço, inclusive elementos terras raras (ETR). Petrograficamente, o Ortognasse Lavras apresenta composição monzogranítica com somente uma amostra granodiorítica, enquanto no diagrama normativo de feldspatos todas as amostras correspondem a granitos (JOB, 2020). Quimicamente suas rochas são ferrosas, metaluminosas (apresentam hornblendita) e exibem elevado conteúdo de K2O, alinhando-se segundo o trend cálcio alcalino de alto-K. Em relação aos ETR exibe ETR leves (ETRL) mais elevado que os ETR pesados (ETRP) e pronunciada anomalia negativa de Eu, indicando fracionamento de plagioclásio. O conteúdo de ETRP normalizado é elevado destoando fortemente daqueles caracterizados para os TTGs arqueanos. Os spider diagram apresentam anomalias negativas de Ba, Nb-Ta, P e Ti (apontando para retenção de óxidos de titânio, ilmenita e apatita) e positivas de Th-U, Pb e Nd (indicando forte contribuição crustal) na sua gênese. Em relação aos diagramas discriminantes de ambiente tectônico, as rochas do ortognasse Lavras plotam no campo dos granitos tipo-A (intra-placas ou anorogênicos) ou dos corpos pós-colisionais, enquanto nos diagramas para granitos arqueanos plotam no campo de fontes híbridas. A idade de cristalização de 2724 ± 13 Ma e as características geoquímicas permitem inserir o Ortognasse Lavras no Evento Mamona (2,75 a 2,61 Ga) da borda meridional do Cráton do São Francisco, que é representado principalmente por granitos tipo-A associados a fusão de crosta continental com contribuição de rochas metassedimentares.

BIBLIOGRAFIA: Job, M.S. Geologia do Ortognasse Lavras (MG) e implicações para a gênese de granitóides potássicos no setor meridional do Cráton São Francisco. Dissertação de Mestrado - Geologia, Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2020.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4251****TÍTULO: NOVA ESPÉCIE GIGANTE DA FAMÍLIA EUNICIDAE (ANNELIDA) NA COSTA DO BRASIL****AUTOR(ES) : VITÓRIA FERREIRA CASTELO BRANCO REIS****ORIENTADOR(ES): JOANA ZANOL PINHEIRO DA SILVA****RESUMO:**

Os anelídeos são um dos grupos de invertebrados de maior diversidade e abundância no benthos marinho. A família Eunicidae habita desde regiões entre marés até profundidades abissais (Fauchald, 1992). Dentro dessa família, há uma grande variação de comprimento. Enquanto algumas espécies possuem no máximo poucos centímetros, outras espécies do gênero *Eunice* Cuvier 1817 podem chegar até 6 m, sendo considerados gigantes. Existe apenas uma espécie gigante registrada para a costa do Brasil, que é *Eunice sebastiani* Nonato, 1965, endêmica para o litoral norte do estado de São Paulo. Porém em Aracruz, no Espírito Santo, existem espécimes de *Eunice* gigante ainda não identificados. O objetivo do trabalho é identificar a espécie gigante de poliqueta de Aracruz. Para analisar os dados morfológicos, dois espécimes foram fixados em formol 4% e, para obtenção de dados moleculares, parte de um desses espécimes foi fixado em etanol 100%. A morfologia foi analisada em estereomicroscópio e microscópio composto e os dados obtidos comparados com descrições de outras três espécies válidas e gigantes do gênero: *E. sebastiani*, *E. aphroditois* Pallas 1788 (localidade tipo Sri Lanka), e *E. roussaei* Quatrefages 1866 (localidade tipo Saint-Jean-de-Luz, França). O resultado a partir das análises feitas até agora é de que *Eunice* sp. difere de *E. sebastiani* na forma das maxilas - a primeira possui dentes mais pontiagudos, nas brânquias no começo e no número de filamentos, cerdas falcígeras compostas - em *Eunice* sp. não são pontiagudas - e nas cerdas pectinadas, com diferenças nos dentes. Difere de *E. aphroditois* na forma das maxilas - com dentes mais arredondados - no começo das brânquias, na forma e na quantidade máxima de filamentos, no começo do gancho subacicular, nas cerdas falcígeras - *Eunice* sp. apresenta dentes mais arredondados - e nas cerdas pectinadas, onde *Eunice* sp. apresenta um dente mais longo na extremidade. Apresenta semelhanças com *E. roussaei*, nas cerdas pectinadas - um dente mais longo e mais profundo na extremidade. As diferenças entre *Eunice* sp. e *E. roussaei* estão nas brânquias, em sua forma - *Eunice* sp. tem a haste mais grossa - nas cerdas falcígeras, onde *Eunice* sp. tem os dentes mais curtos, no cirro ventral em que *E. roussaei* possui uma estrutura delgada na base que vai afinando e *Eunice* sp. apresenta a estrutura mais curta e com a extremidade mais grossa, o cirro notopodial de *E. roussaei* é mais fino e longo, e também apresenta o lobo setal maior que *Eunice* sp. Portanto, a partir das diferenças apresentadas, *Eunice* sp. pode ser considerada uma espécie gigante nova para a costa brasileira. Os próximos passos serão a comparação com espécies gigantes *Eunice gigantea* (Cuvier, 1830), atualmente sinonimizada a *E. roussaei*, e a espécie *E. violaceomaculata* Ehlers, 1887 que é semelhante morfológicamente as espécies gigantes, ambas descritas para espécimes do Caribe.

BIBLIOGRAFIA: FAUCHALD, Kristian. A review of the genus *Eunice* (Polychaeta: Eunicidae) based upon type material. Smithsonian Contributions to Zoology, 1992, n. 523, p. 0-422.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 4256****TITULO: ANATOMIA DAS SÉPALAS DE VRIESEA LONGICAULIS (BAKER) MEZ (BROMELIACEAE)****AUTOR(ES) : INGRID TELES DE MELO DA SILVA,CHRISTIAN GOMES FARIA****ORIENTADOR(ES): ANDREA FERREIRA DA COSTA,BÁRBARA DE SÁ HAIAD****RESUMO:**

Vriesea Lindl. apresenta 190 espécies brasileiras, havendo registros do grupo nas regiões Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste (Flora do Brasil, 2020). *Vriesea longicaulis* possui flores recobertas por uma secreção incolor e pegajosa. Objetivou-se analisar anatomicamente as flores na espécie e identificar a natureza da secreção que as recobre. Para o estudo, foram coletadas flores de *Vriesea longicaulis* no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Sede Teresópolis, RJ). Os diferentes verticilos florais foram separados, fixados individualmente, desidratados, emblocados em Historesin® e seccionados com navalha de vidro em micrótomo rotativo. As secções foram coradas com Azul de Toluidina O. Foi realizado teste histoquímico com vermelho de ruténio para evidenciar a presença de mucilagem. Sendo este um trabalho em fase inicial, apresentamos a anatomia da sépala. A sépala, em secção transversal, possui epiderme uniestratinificada em ambas as faces. Células epidérmicas na face adaxial são retangulares e apresentam paredes delgadas, enquanto aquelas da face abaxial possuem paredes anticlinais e periclinais internas espessadas. Na face adaxial, ocorrem tricomas peltados esparsos. O mesofilo é parenquimático. Voltados para a face abaxial, ocorrem 3-5 estratos de hipoderme mecânica cujas células são alongadas axialmente. Os feixes vasculares colaterais posicionam-se na porção mediana e estão circundados por bainha esclerenquimática. Alternados aos feixes vasculares ocorrem espaços contendo mucilagem, evidenciada pelo teste com vermelho de ruténio. No mesofilo encontram-se ainda idioblastos contendo ráfides. Na região do bordo, composto por epiderme e 2-3 estratos de parênquima, não ocorrem feixes vasculares, espaços contendo mucilagem e hipoderme mecânica. Conclui-se que os espaços localizados entre os feixes vasculares sejam produto de lise celular e que a mucilagem neles contida esteja relacionada à hidratação dos tecidos da sépala e, consequentemente, dos demais verticilos florais.

BIBLIOGRAFIA: Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 12/10/2021.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4350****TITULO: MARPHYSA CF. BREVITENTACULATA TREADWELL, 1921 (EUNICIDAE, ANNELIDA) DO LITORAL DE SERGIPE****AUTOR(ES) : NARA BERNARDO****ORIENTADOR(ES): JOANA ZANOL PINHEIRO DA SILVA****RESUMO:**

Os anelídeos representam um dos grupos mais diversos dos bentos marinhos. A maior parte dessa diversidade está agrupada em dois clados, Sedentaria e Errantia. Dentro as famílias presentes no grupo Errantia, está a família Eunicidae, ao qual pertence o gênero *Morphysa*. Espécies do gênero são comuns em ambientes lamosos, como os manguezais. Algumas espécies podem alcançar cerca de 50 cm de comprimento e são comuns como isca de pesca. A identificação de espécies do gênero é dificultada por descrições originais incompletas, pela morfologia geral semelhante e carências de informações sobre a variação intraespecífica. No Brasil, já foram registradas 12 espécies do gênero, todas com gancho subacicular, cerdas compostas presentes em todo o corpo e cerdas limbadas subaciculares ausentes. A espécie mais amplamente registrada para a costa do Brasil é *M. sanguinea* (Montagu, 1813), que era considerada cosmopolita. Porém, recentes estudos demonstraram que a distribuição de *M. sanguinea* parece ser restrita a região da Europa e que dentre as características consideradas diagnósticas para as espécies do gênero estão as formas das cérdas pectinadas, distribuição das cerdas compostas, entre outros. O objetivo deste projeto é identificar e compreender a variação morfológica de espécies de *Morphysa* coletadas na Praia do Saco, Estância - SE, utilizando dados morfológicos e moleculares. A análise morfológica foi realizada com um microscópio estereoscópico e óptico. Para análise molecular utilizamos um fragmento do gene mitocondrial COI. As análises filogenéticas foram realizadas com sequências moleculares geradas neste estudo, com as demais sequências de *Morphysa* disponíveis no GenBank e outras espécies da família Eunicidae e Onuphiidae como grupos externos. A distância genética foi calculada utilizando o modelo K2P. Os espécimes coletados apresentaram divergências morfológicas com todas espécies já registradas para o Brasil, por possuírem um prostômio com sulco mediano raso, presença da cerda composta espinígera e cerdas limbadas subaciculares em parte do corpo, e não apresentarem gancho subacicular. Essas características e as demais morfologias as assemelham a *M. brevitentaculata* Treadwell, 1921, com exceção de algumas características que poderiam ser variações intraespecíficas. Porém, os dados moleculares divergem das análises morfológicas uma vez que as distâncias genéticas entre os espécimes de SE e a sequência de *M. brevitentaculata* é cerca de 23%. O espécime sequenciado como *M. brevitentaculata* possui gancho subacicular e não tem cerda limbada subacicular, por isso diverge mais do holótipo da espécie do que os espécimes de SE. Desse modo sugerimos que o espécime sequenciado como *M. brevitentaculata* não pertença a essa espécie e que os espécimes de SE são *M. cf. brevitentaculata* baseado nas semelhanças morfológicas. Sendo esse o primeiro registro para o Brasil da espécie, assim como de espécimes de *Morphysa* sem ganho subacicular e com cerda limbada subacicular.

BIBLIOGRAFIA: Molina-Acevedo, Isabel C.; Carrera-Parra, Luis F. (2017). Revision of *Morphysa* de Quatrefages, 1865 and some species of *Nicidion* Kinberg, 1865 with the erection of a new genus (Polychaeta: Eunicidae) from the Grand Caribbean. Zootaxa. 4241(1): 1-62., available online at <http://www.mapress.com/jzt/article/view/zootaxa.4241.1.1>. Treadwell, A. L. (1921). Leodicidae of the West Indian region. Carnegie Institute of Washington Publication. 15(293): 1-131. Zanol, J., Fauchald, K. and Paiva, P.C. (2007) A phylogenetic analysis of the genus *Eunice* (Eunicidae, polychaeta, Annelida). Zoological Journal of the Linnean Society, 2007, 150, 413 - 434., available online at <https://doi.org/10.1111/j.1096-3642>

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4416

TITULO: PROJETO O MUSEU NACIONAL VIVE NAS ESCOLAS

AUTOR(ES) : CLARA VIEIRA MARINHO DA COSTA,KARINA DE MELO SANTOS,GABRIELA FERNANDES PETRUNGARO,MARIANA OLIVEIRA DE SOUSA,LÍVIA ALVES,FERNANDA SOARES DE OLIVEIRA,LAISA ESTHER PEFFE DO CARMO,FABIANE VENTURA CABRAL LEAL,EVELYN DO ROSARIO SOUZA DE ARAUJO

ORIENTADOR(ES): FABIANA MARIA DE OLIVEIRA NASCIMENTO,SHEILA NICOLAS VILLAS BOAS

RESUMO:

Após o incêndio do Museu Nacional, a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) elaborou o Projeto Museu Nacional Vive nas Escolas, com o intuito de manter viva a relação de mais de 90 anos com as Escolas de Educação Básica. Este projeto estabelece um movimento inverso de atendimento ao público. É a SAE realizando visitas semanais às escolas e levando consigo o acervo da Coleção Didático-científica para empréstimo, parte integrante do acervo do Museu Nacional que não sucumbiu ao incêndio. O objetivo deste projeto visa promover, por meio da educação museal, o compartilhamento e a troca entre os saberes e os conhecimentos produzidos na Universidade e nas Escolas, realizando mostras em instituições de Educação Básica situadas no município do Rio de Janeiro e em algumas cidades da Região Metropolitana do Estado. Em sua ação presencial, as escolas precisavam se inscrever através de um formulário eletrônico, divulgado e aberto por um breve período nas redes sociais da SAE. Logo após era realizado um sorteio on-line onde quatro escolas eram contempladas (três públicas e uma particular) e quatro escolas entravam para lista de espera. As escolas selecionavam previamente cerca de 40 itens da Coleção Didático-científica, que era montada em um local coberto. Neste modelo de exposição a nossa proposta é a de levar a experiência de tocar os itens da Coleção, beneficiando também as pessoas com deficiência. Contudo, em decorrência da pandemia, as atividades do projeto foram adaptadas ao modelo remoto, com publicações nas redes sociais da SAE e apresentações com vídeos e fotos da coleção nas plataformas de videoconferência. Os resultados apontam a satisfação da comunidade escolar em receber e participar das atividades do Projeto. Dessa forma, consideramos a relevância cultural e social desse projeto, pois estimula o interesse ao conhecimento científico e propõe experiências significativas para toda a comunidade escolar. Essas ações, por serem vinculadas ao Museu Nacional, estão atreladas a atividades educativas externas e à formação de estudantes de vários cursos de graduação da UFRJ (História, Ciências Biológicas e Ciências Sociais). Elas atuam junto a servidores da Seção de Assistência ao Ensino na mediação das exposições da Coleção, refletindo sobre seu campo de atuação e pesquisam novas atividades educativas, sensibilizando-se sobre a importância de sair dos muros institucionais e alcançar novos públicos.

BIBLIOGRAFIA: CAZELLI, Sibele. Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações? Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. COSTA, Andrea F. Tão perto e tão longe do Museu Nacional: o que dizem professores que atuam em seu território sobre a visita aos museus? In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC, 2017. Florianópolis, Santa Catarina. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4419

TITULO: HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE O MUSEU NACIONAL

AUTOR(ES) : ANDRESSA DE OLIVEIRA PINTO,BRENDOW GABRIEL CELLI PEREIRA,YAN NICOLAS XAVIER FREIRE

ORIENTADOR(ES): VALÉRIA PEREIRA SILVA,ADRIANA FACINA GURGEL DO AMARAL FACINA,KYOMA SILVA OLIVEIRA

RESUMO:

O projeto Renascer das Cinzas desenvolveu, até março de 2020, período anterior à pandemia da COVID-19, atividades e ações presenciais em conjunto com o público que frequenta e mantém relação com o Museu Nacional, assim como seus profissionais, com o propósito de produzir documentos sobre história e memória da instituição. Coletamos testemunhos destas pessoas em diversas oportunidades como, o evento de aniversário do Museu, festivais e entrevistas previamente agendadas, que foram realizadas nas suas imediações. Utilizamos a História Oral como metodologia e forma de aproximação com o público, trazendo algumas provocações e filmando os depoimentos e formando um corpus documental de especial relevância no contexto de destruição de grande parte do acervo e da estrutura física do Museu. Considerando as adaptações necessárias ao período remoto, retomamos o grupo de estudos e convidamos professores para debates sobre o conceito de memória, também foram realizadas lives sobre o tema do projeto de extensão com participação do público externo, na ocasião da Primavera de Museus em 2020 e 2021, e do Festival do Conhecimento em 2020, em vista do trabalho apresentado na SIAC em 2019 fomos convidados a submeter um resumo expandido para a revista do CFCH. Para além disso, seguimos analisando o material coletado em 2019, a partir da interação com o público e entrevistados. O principal objetivo deste trabalho é trazer considerações sobre as entrevistas realizadas no âmbito do projeto de extensão, a partir da análise do discurso, como forma de contribuir para a construção coletiva da memória em relação ao Museu Nacional. Memórias essas que não dizem respeito somente ao passado mas que subsidiam a reconstrução da instituição no presente e no futuro.

BIBLIOGRAFIA: POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História', São Paulo, Boitempo, 2005. PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4465****TÍTULO: PRODUÇÃO CIENTÍFICA NAS REDES SOCIAIS DO LABORATÓRIO DE ARQUEOBOTÂNICA E PAISAGEM DO MUSEU NACIONAL****AUTOR(ES) : VITÓRIA DA SILVA DAVI ANDRADE,NAYANNE FERNANDA MONTEIRO DE MEDEIROS,VITÓRIA LUYZA CARDOSO BARBOSA,BRUNA DOS SANTOS GOMES LOPES,MATHEUS ALEXSSANDER DIAS VICENTE,NADINE MACHADO TUTUNJI****ORIENTADOR(ES): LEONARDO WAISMAN DE AZEVEDO,RÚBIA GRACIELE PATZLAFF,TAIS CRISTINA JACINTO PINHEIRO CAPUCHO,RITA SCHEEL-YBERT****RESUMO:**

O ano de 2020 marcou o início de um grande desafio para os produtores e divulgadores da ciência devido à pandemia da COVID-19, que tornou necessária a adequação de suas ações ao meio virtual. O projeto de extensão “Arqueologia Viva: Passado, Presente e Futuro no Museu Nacional”, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem (LAP) do Museu Nacional/UFRJ, também teve que se adaptar ao formato remoto para continuar cumprindo seu objetivo de aproximar a produção arqueológica nacional da sociedade brasileira. Alterações significativas foram percebidas nos hábitos culturais da sociedade, impactada pelo aumento da inserção da internet nas atividades cotidianas, sob influência direta da popularização dos dispositivos móveis e do uso das mídias sociais (FRANÇA; DE CARVALHO, 2019). Sendo assim, a equipe do projeto de extensão investiu em projetos de divulgação científica via redes sociais, com uma intensificação das atividades no Instagram e no Facebook e a criação de um canal do YouTube para o LAP, além de um site. Para postar nessas redes, a equipe tem produzido diversos materiais versando sobre Arqueologia e Arqueobotânica: séries de postagens como um dicionário de termos científicos (Dicionário do LAP), História das Plantas, a divulgação de artigos acadêmicos com linguagem simplificada e ilustrações, a apresentação da equipe do projeto e outros. Para tornar todo o conteúdo acessível, as postagens em imagem sempre contém texto alternativo e as postagens em vídeo contém legenda e áudio. Todo o material é criado, estruturado e editado pela equipe do projeto, que se reúne constantemente para organizar as produções. As postagens são elaboradas principalmente em formato de “carrossel”, com imagens contendo textos e ilustrações, trazendo um maior dinamismo aos temas abordados. Através dos comentários e compartilhamentos, foi possível perceber que essa produção alcançou diversos tipos de públicos, atendendo a um dos principais objetivos do projeto, que é aproximar a ciência da população e difundir as pesquisas arqueológicas e arqueobotânicas brasileiras, em especial as realizadas no Museu Nacional/UFRJ. Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento das ações e a redação do resumo.

BIBLIOGRAFIA: FRANÇA, Maira Nani; DE CARVALHO, Angela Maria Grossi. Análise da produção científica sobre mídias sociais e bibliotecas nos periódicos da Ciência da Informação no Brasil., Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil;, p. 1-25, 1 set. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/89958/53589>. Acesso em: 15 out. 2021.

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral Curta****ARTIGO: 4543****TÍTULO: ANATOMIA FLORAL DO COMPLEXO VRIESEA HETEROSTACHYS (BROMELIACEAE)****AUTOR(ES) : INGRID TELES DE MELO DA SILVA,CHRISTIAN GOMES FARIA****ORIENTADOR(ES): BÁRBARA DE SÁ HAIAD,ANDREA FERREIRA DA COSTA****RESUMO:**

Vriesea apresenta 230 espécies descritas (Boutcher & Gouda, 2021), sendo 190 endêmicas do Brasil (Flora do Brasil, 2020). Devido ao grande número de táxons do gênero e a escassez de publicações quanto à anatomia do eixo reprodutivo de *Vriesea*, o trabalho tem como objetivo analisar estruturalmente as brácteas florais e flores das espécies *Vriesea heterostachys* (Baker) L. B. Sm. e *V. teresopolitana* Leme, pertencentes ao complexo *V. heterostachys*. Parte dos materiais já está disponível para análise (flores fixadas) e as plantas encontram-se em cultivo em casa de vegetação para novos acessos. O material coletado será tratado segundo os protocolos do Laboratório de Anatomia Reprodutiva do Departamento de Botânica do Museu Nacional, quais sejam: fixação em formaldeído 4% + glutaraldeído 2,5% em tampão fosfato de sódio 0,05M pH 7,2 (Gahan, 1984), desidratação em série etílica, emblocamento em Historesin® Leica, obtenção de secções seriadas utilizando navalha de vidro e micrótomo rotativo, coloração com Azul de Toluidina 0,05% e realização de testes histoquímicos específicos. As observações, fotografias e respectivas mensurações serão realizadas em microscópio Leica DM750 com câmera Leica ICC50 HD e software LAS EZ versão 3.0.0. Espera-se que a estrutura floral possa ser relacionadas ao sistema de polinização, reconhecido como um importante promotor da diversidade floral e do isolamento reprodutivo em Bromélias.

BIBLIOGRAFIA: Butcher & Gouda, E. J. 2021. The New Bromeliad taxon list. <http://botu07.bio.uu.nl/bcg/taxonlist.php>. Acesso em 12/10/2021. Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 12/10/2021. Gahan, P. B. 1984. Plant histochemistry and citochemistry - an introduction. London: Academic Press Inc., 301 p., il.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4546

TÍTULO: A PRESENÇA DE CLUBES DE CIÊNCIAS EM MUSEUS E EM ESCOLAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

AUTOR(ES) : ANNA CAROLINA BENTO ALVES DOS SANTOS, CRISTIANE DE CAMPOS AUGUSTO, DORA DE SOUZA MACHADO, MARIÁH VITÓRIA LESSA QUINTANILHA, NADIA SANTOS ARRUDA

ORIENTADOR(ES): ALINE MIRANDA E SOUZA, ANDREA FERNANDES COSTA

RESUMO:

O Projeto de Extensão "Clube Jovens Cientistas do Museu Nacional: Ciência na Quinta" foi criado em 2018, é coordenado pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional (MN), e conta com a parceria da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME). Consiste na formação de um clube de ciências que promove a educação museal e a popularização da ciência junto a estudantes de escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. Sua equipe atualmente é composta por estudantes de Ciências Biológicas e História e também por alunos de ensino médio (PIC Jr/Colégio Pedro II), atuantes no planejamento, execução e avaliação das atividades. Alguns exemplos de ações propostas pela equipe do projeto e por técnicos, docentes e discentes do MN são, antes da pandemia, oficinas, saídas de campo e visitas a laboratórios e a outras instituições, e atualmente, lives e podcasts. Em 2020 foram publicadas atividades remotas nos Cadernos de Extensão do App Carioca 2020, disponíveis para toda a Rede Municipal de Educação. A partir de levantamento bibliográfico, constatou-se que, no Brasil, os clubes de ciência sediados em escolas são significativamente mais numerosos do que aqueles desenvolvidos em museus. Com vistas a produzir conhecimento capaz de subsidiar e estimular a criação dos últimos, desenvolvemos o presente estudo, em andamento, que busca identificar as especificidades e potencialidades dos clubes de ciência de museus. Para gerar dados para o estudo, optou-se pela realização de entrevistas individuais com professores responsáveis por clubes de ciências em escolas públicas e profissionais responsáveis por clubes de ciências em museus. Foram convidados a participar como sujeitos da pesquisa os membros da Rede Integrativa de Clube de Ciências Sônia Guimarães, parceira do Clube Jovens Cientistas (MN) em 2021, e os integrantes do grupo de WhatsApp Encontro Nacional de Clubes, que reúne profissionais da Educação e da Divulgação Científica de todo o Brasil que possuem relação com Clubes de Ciência. Até o momento foram realizadas 04 entrevistas que abordaram a motivação para a criação dos clubes, critério de seleção dos clubistas, os objetivos, as definições de temas, parcerias firmadas e dificuldades encontradas. Juntamente com a análise e discussão dos dados gerados pelas entrevistas, será considerada a experiência no Clube Jovens Cientistas do Museu Nacional, sob a perspectiva da equipe do projeto. Assim, espera-se compreender as potencialidades dos clubes de ciências em escolas e em museus, para pensar estratégias de colaboração entre os mesmos, superando a ideia de um suprir possíveis carências do outro.

BIBLIOGRAFIA: COSTA, Andrea F.; SOUZA, Aline Miranda e; SILVA, Josiane Cescon Ferreira da. O Clube de Jovens Cientistas do Museu Nacional: considerações acerca da colaboração com a Secretaria Municipal de Educação (RJ) e suas contribuições para uma política de formação cultural. In: CALABRE, L; ZIMBRAO, A; DOMINGUES, A. Anais do X Seminário Internacional de Políticas Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. FREITAS, Thais C. de O.; SANTOS, Carlos A. M. dos. Clube de Ciências na escola: um guia para professores, gestores e pesquisadores. 1.ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Política Nacional de Educação Museal. Brasília: IBRAM, 2017.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4669

TÍTULO: CURADORIA, TRABALHO RECEPTIVO E NARRATIVAS CONTRA HEGEMÔNICAS NA 2^a CONFERÊNCIA INTERUNIVERSITÁRIA DE CULTURA

AUTOR(ES) : LISYANNE PEREIRA RIBEIRO, MARIA ELISA DE OLIVEIRA ALMEIDA

ORIENTADOR(ES): DANIEL RUIZ ROMANO

RESUMO:

O trabalho busca apresentar a contribuição de bolsistas da Superintendência de Difusão Cultural do Fórum de Ciência e Cultura no contexto da 2^a Conferência Interuniversitária de Cultura (IICIC). A IICIC foi realizada de forma virtual em maio de 2021, pelo Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro (FIC-RJ), um acordo de cooperação acadêmica e de intercâmbio científico, técnico, cultural e interinstitucional, composto pelas seguintes instituições de ensino superior e pesquisa do estado do Rio de Janeiro: UFRJ, UFRRJ, UFF, Unirio, IFRJ, IFF, UERJ, UENF, UEZO, CEFET/RJ e Fiocruz.

O evento contou com o apoio da FAPERJ e teve, segundo seu regimento, entre outros, os seguintes objetivos: "elaborar documento contendo diretrizes de uma política de atuação para o FIC-RJ", "contribuir para a discussão e reflexão crítica acerca de fazeres artísticos e culturais" e "colaborar para a formação de alunas, alunos, pesquisadoras, pesquisadores, professoras, professores, técnicas e técnicos administrativos (...) nos campos da arte e da cultura" (FIC-RJ, 2021).

A metodologia dividiu-se em três etapas: i) curadoria: programação e composição das mesas, pré-conferências, grupos de trabalhos, encontros setoriais e apresentações artísticas; ii) receptivo: mediação entre curadoria e participações convidadas - equipe composta por bolsistas do FCC; iii) produção: organização e realização do evento.

No sentido de pautar a promoção de narrativas contra hegemônicas, a equipe do receptivo buscou garantir a participação de mulheres, pessoas negras, indígenas, com deficiência e LGBTQIA+, selecionadas pela curadoria, em oposição à lógica racista, sexista, colonialista, transfóbica e capacitista na construção e participação desses espaços. Como estratégia para a garantia dessa participação, destaca-se a importância da equipe enquadra mediadora, a partir da celeridade e da boa comunicação no contato, assim como a organização de materiais informativos e de apoio para participantes.

Em outros eventos, a Superintendência identificou que a demora em contactar pessoas indicadas para eventos resultou na incompatibilidade de datas e horários, substituindo a escolha inicial da curadoria. Assim, os convidados suplementares acabavam sendo aqueles que já estavam inseridos no meio e quase sempre disponíveis, em sua maioria, homens brancos. O trabalho da equipe do receptivo, por vezes invisibilizado, foi estruturado no sentido de solucionar este problema, mostrando-se de grande relevância para a garantia da participação de grupos subalternizados na IICIC e para consecução dos objetivos do evento.

O resultado do trabalho da curadoria e do receptivo na Pré-Conferência e na IICIC, resultou, ao todo, na participação de 52 convidadas e convidados: 27 mulheres cis, 4 mulheres trans, 23 homens cis, 19 pessoas negras, 2 indígenas, 34 brancas e 1 com deficiência. Além do protagonismo negro em 11 das 19 apresentações artísticas que compuseram a programação.

BIBLIOGRAFIA: FÓRUM INTERUNIVERSITÁRIO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO, Regimento interno IICIC. FIC-RJ, 2021. Disponível em <https://ficrj.org/conferencia/apresentacao/>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4707

TÍTULO: MUSEU NACIONAL VIVE: UM MUSEU FEITO DE GENTE

AUTOR(ES) : TAINÁ DE OLIVEIRA,THAMIRE BRITO DOS SANTOS,GLEICILAYNE CRISTINA SOARES SANTANA,TAYNA DA SILVA RIBEIRO,MAYRA,LORENA COSTA,TABATA ARAUJO SPOLIDORO MATTOS,PAULO RICARDO MARTINS CARDOSO,CAROLINA DA PAZ SOUSA ALVES,ANA BEATRIZ SIMÕES DO SACRAMENTO,THIAGO PAES WANG,JULIA DA COSTA DE MEDEIROS

ORIENTADOR(ES): VALÉRIA PEREIRA SILVA

RESUMO:

Este trabalho tem por foco apresentar as atividades do projeto de extensão “Museu Nacional Vive: Um museu feito de gente”, desenvolvidas entre final de 2019 e 2021. O projeto faz parte do programa de extensão “Museu Nacional Vive”, que se propõe a desenvolver medidas contributivas para o processo de reconstrução do Museu Nacional, a partir da promoção de ações de extensão desenvolvidas na instituição, em interação com diferentes públicos. O projeto busca evidenciar as atividades desenvolvidas com o Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, localizado na Maré - Rio de Janeiro, as atividades oferecidas em torno da Quinta da Boa Vista, que ocorreram antes da pandemia da COVID-19, e também as atividades online nos anos de 2020 e 2021. As ações foram desenvolvidas em modo presencial até março de 2020, com ampla participação do público e, com a pandemia da COVID-19, precisaram ser adaptadas ao modelo remoto. Apesar disso, foi possível manter o contato com a comunidade acadêmica do colégio nas atividades virtuais. Dentre as atividades desenvolvidas neste longo período, tivemos exposições presenciais no colégio e em parceria com outras instituições, oficinas presenciais na Quinta da Boa Vista e apresentação em modo virtual dos produtos construídos coletivamente em eventos da UFRJ e nacionais. Além disso, com a adaptação ao modo remoto, têm sido realizadas oficinas virtuais sincronas com o Colégio João Borges, para construção de uma proposta de museu-escola. As oficinas ocorrem quinzenalmente, de modo híbrido, com participação presencial de docentes e estudantes do colégio e participação remota da equipe do projeto, com a realização de reuniões de planejamento. A partir das contribuições de CARVALHO (2016) e FREIRE (1977), compreendemos que a extensão universitária, em especial quando realizada em museus, tem o papel de contribuir socialmente como um espaço dialógico que gera impacto tanto na formação dos graduandos quanto do público alcançado. Como afirma FREIRE (1977), “O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário”. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como as diretrizes da extensão universitária, nos possibilitam desenvolver atividades que busquem um campo de construção coletiva de conhecimentos e produção de saberes que possam instrumentalizar políticas públicas e ações da sociedade civil e acadêmica.

BIBLIOGRAFIA: CARVALHO, Cristina. Quando a escola vai ao museu. Campinas, SP: Papirus, 2016. p.191- 203 FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral

ARTIGO: 4738

TÍTULO: EXPOSIÇÕES E MEDIAÇÕES POSSÍVEIS: ESTUDO E DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA NA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ

AUTOR(ES) : MYLENA GODINHO DE FREITAS,CATARINA XAVIER LOPES DA SILVA,DAVID DOS SANTOS DE MOURA,LUIZA AMIM CARVALHAES,LUCAS NASCIMENTO DOS SANTOS,VICTÓRIA DE SOUZA FÉLIX DA SILVA

ORIENTADOR(ES): ADELMO BRAGA DA SILVA,ANA CAROLINA DE JESUS DOS SANTOS

RESUMO:

O presente trabalho foi desenvolvido pelos bolsistas do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (SIMAP) na Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As ações da Casa abarcam projetos com diferentes linguagens em busca da popularização do conhecimento científico. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise sobre as ações dos bolsistas frente aos novos desafios impostos durante o período da pandemia da COVID-19, buscando a elaboração de estratégias de mediação de exposições por meio das mídias sociais. Os resultados dessas novas abordagens ainda estão sendo sentidos, pois são uma novidade para o público da Casa da Ciência que costuma ser essencialmente presencial. Conforme os relatos dos mediadores, houve uma facilidade na aproximação com o público pelas diversas linguagens adotadas nas mediações, mas ainda há muitas perguntas a serem respondidas em relação às percepções, sentimentos e questionamentos que ficam nas barreiras do virtual em relação aos processos de comunicação. A elaboração de exposições virtuais surgiu como uma alternativa viável e acessível para o público que acompanha a Casa da Ciência, dado que o espaço físico ainda se encontra fechado para visitação. Serão destacados dois períodos distintos: o segundo semestre de 2020 e as proposições realizadas para a exposição Alzheimer e o primeiro trimestre de 2021, quando se iniciou o processo de estudo para a realização de uma exposição virtual futura, “Universos de Fayga”. Para efetivar as ações, foi estabelecido um cronograma que inclui a pesquisa sobre plataformas que hospedam exposições virtuais, a visita a exposições virtuais, a produção de vídeos, áudios e legendas para a exposição Alzheimer, a leitura de artigos científicos sobre o tema, a produção de textos a partir de artigos e vídeos e encontros virtuais entre os mediadores e coordenadores, para a discussão das atividades propostas. O planejamento e a realização de Oficinas na modalidade online através de plataformas como Google Meet foi a metodologia aplicada para testarmos essas novas formas de comunicação e mediação para com o Público. Neste momento inicial estamos observando as dificuldades, facilidades e reações apresentadas pelo público. Ressaltamos que o grupo de mediadores é multidisciplinar, vindo dos cursos de História da Arte, Biologia, Psicologia, Letras, Serviço Social e Educação Artística. Essa riqueza de visões contribui para aprimorar as habilidades de pesquisa e de produção de materiais digitais, que são cada vez mais necessárias no âmbito da popularização da ciência, pois a cibercultura é uma realidade presente e em expansão em nossos tempos.

BIBLIOGRAFIA: ALMEIDA, Carla. Fayga Ostrower, uma vida aberta à sensibilidade e ao intelecto. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 13, p. 269-289, 2006. COLOMBO JUNIOR, Pedro Donizete; MARANDINO, Martha. Museus de ciências e controvérsias sociocientíficas: reflexões necessárias. Journal of Science Communication, América Latina, v. 3, n. 1, p. A02, 2020. CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Instagram da Casa da Ciência da UFRJ. Disponível em: <https://www.instagram.com/casadacienciadaufrj/> Acesso em 20 de outubro de 2021.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4769****TITULO: DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NAS MÍDIAS SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA****AUTOR(ES) : JOAO PAULO MORAES DA SILVA,JULLIANA MARINHEIRO ALVES,QUEREN TEDESCHI DA SILVA,NAYARA SANTOS DA SILVA,TAINÁ DA SILVA ZUIM****ORIENTADOR(ES): ADELMO BRAGA DA SILVA,ANA CAROLINA DE JESUS DOS SANTOS****RESUMO:**

A ciência e a tecnologia fazem parte da vida cotidiana e cada vez se mostra mais necessária a consolidação de espaços de discussão sobre essa ciência, seus produtos e usos. Nesse cenário se desenvolvem as ações de divulgação e popularização da ciência, que encontram, nos museus e centros de ciência, espaços muito férteis para a comunicação em diversas linguagens. O presente trabalho foi desenvolvido pelos bolsistas do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (SIMAP) na Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As ações da Casa abarcam projetos com diferentes linguagens em busca da popularização do conhecimento científico. As atividades revelam ao público os resultados obtidos pela ciência, associados ao cotidiano do visitante, em ambientes que estimulam a curiosidade e a imaginação para a descoberta de forma lúdica. Os alunos bolsistas, que inicialmente atuam como mediadores das atividades e exposições presenciais da Casa, durante a pandemia de COVID-19, que trouxe a necessidade de suspensão das atividades dos museus, se viram diante de um novo desafio. Tendo em vista a necessidade de isolamento social os bolsistas desenvolveram atividades de popularização da ciência, utilizando a linguagem da mediação no museu, nas mídias sociais da Casa da Ciência. As atividades foram desenvolvidas durante o segundo semestre de 2020 e, neste trabalho, destacamos três ações realizadas pelo grupo, que incluíram seleção, criação e publicação de materiais voltados para alunos e professores da Educação Básica sobre os eixos temáticos de meio ambiente, corpo humano e consciência negra. Para efetivar as ações, foi estabelecido um cronograma que incluiu pesquisa bibliográfica, elaboração de roteiros para publicação, criação das artes e dos materiais, adequação de linguagem e de conteúdo para cada público e para cada rede, revisão de especialistas e publicação. Por fim, destacamos como o desenvolvimento das atividades impactou na formação de todos os participantes. Formado por um grupo multidisciplinar, o trabalho contribuiu para aprimorar novas habilidades de pesquisa e de produção de materiais digitais, que são cada vez mais necessárias no âmbito da popularização da ciência, pois a cibercultura é uma realidade presente e em expansão em nossos tempos. Além disso, muitos dos bolsistas são estudantes de licenciaturas e outros cursos ligados à educação, sendo esse exercício uma oportunidade que nos põe em contato com uma realidade de construção de conhecimento coletivo remotamente e nos faz reconhecer possíveis desafios que enfrentaremos em nossa prática profissional.

BIBLIOGRAFIA: CARVALHO, Cristina. Quando a escola vai ao museu. Campinas, SP: Papirus, 2016. CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Ciência é para todos! Disponível em: <https://juntosnacasadaciencia.wordpress.com/2020/11/27/ciencia-e-para-todos/>. Acesso em: 27 de abr. 2021. HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 4947****TITULO: EDUCAÇÃO E CIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A REINVENÇÃO DO PROJETO ARQUEOLOGIA VIVA PARA O MEIO VIRTUAL****AUTOR(ES) : NAYANNE FERNANDA MONTEIRO DE MEDEIROS,VITÓRIA LUYZA CARDOSO BARBOSA,VITÓRIA DA SILVA DAVI ANDRADE,BRUNA DOS SANTOS GOMES LOPES,NADINE MACHADO TUTUNJI****ORIENTADOR(ES): RITA SCHEEL-YBERT,LEONARDO WAISMAN DE AZEVEDO,RÚBIA GRACIELE PATZLAFF,TAÍS CRISTINA JACINTO PINHEIRO CAPUCHO****RESUMO:**

O projeto de extensão “Arqueologia Viva: passado, presente e futuro no Museu Nacional”, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem do Museu Nacional/UFRJ, pretende aproximar alunos da educação básica e professores das pesquisas arqueológicas brasileiras. O projeto foi inicialmente elaborado em torno de atividades presenciais e suas primeiras ações foram realizadas, em formato de oficinas. Entretanto, devido à pandemia da COVID-19, o projeto precisou ser adaptado, e desde 2020 desenvolvemos cursos virtuais para seguir com o objetivo de estreitar laços entre a ciência e a sociedade brasileira. Considerando a importância de divulgar conhecimentos sobre as ocupações pré-históricas brasileiras e que, a rigor, esses assuntos não integram os currículos escolares da educação básica, nosso projeto mobiliza a metodologia ativa de ensino que considera o aluno sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem (MALHEIROS, 2015). Até então, realizamos o curso “Os primeiros construtores”, cujo tema é a Arqueologia de Sambaquis. A divulgação do curso foi realizada nas redes sociais e as inscrições foram feitas pelo Google Forms. Recebemos mais de 70 inscrições do Brasil inteiro. Ao fim do curso, tivemos 22 concluintes, de diversas escolas. O curso foi realizado através da plataforma Google Classroom, na qual disponibilizamos as atividades que consistiam em texto informativo, vídeos explicativos, podcast, jogos interativos, estudo dirigido e dois encontros síncronos (manhã e tarde) através do Google Meet. Ao longo das duas semanas do curso as extensionistas acompanharam diariamente os comentários e dúvidas na plataforma, interagindo com os alunos e registrando suas demandas e observações. A execução das atividades assíncronas destacou a autonomia dos alunos frente às propostas, uma vez que eles puderam organizar seu processo de realização do curso de acordo com sua disponibilidade e preferências. No encontro síncrono, além do esclarecimento de dúvidas, aconteceram debates ativos e críticos. Os resultados que estamos alcançando, como o aumento de interesse demonstrado pelos alunos sobre as pesquisas arqueológicas brasileiras, o estreitamento de laços entre a universidade e a comunidade e a manifestação de um outro olhar sobre o passado do próprio território podem ser percebidos a partir dos formulários preenchidos pelos alunos sobre a experiência do curso e por meio da avaliação interna feita pelos membros da equipe. A participação dos alunos foi bastante ativa, e a partir de seus comentários positivos percebemos que grande parte dos nossos objetivos foram atingidos. Como conclusão, a realização deste projeto corrobora a importância da divulgação científica das pesquisas arqueológicas sobre a pré-história brasileira e a construção de vínculos entre a universidade e a educação básica. Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento das ações e a redação do resumo.

BIBLIOGRAFIA: MALHEIROS, B. T. Didática geral. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

ÁREA PRINCIPAL: **Pesquisa**

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: **Oral Curta**

ARTIGO: **5004**

TÍTULO: **EQUINODERMOS COMO NOVOS MODELOS EXPERIMENTAIS PARA ESTUDOS ONTOGENÉTICOS, MORFOLÓGICOS, TAXONÔMICOS E COMPORTAMENTAIS: ECHINASTER (OTHILIA) BRASILIENSIS MULLER & TROSCHEL, 1842 (ECHINODERMATA, ASTEROIDEA).**

AUTOR(ES) : **VICTORIA CAROLINE COELHO CONCEIÇÃO**

ORIENTADOR(ES): **CARLOS RENATO REZENDE VENTURA**

RESUMO:

A estrela-do-mar *Echinaster (Othilia) brasiliensis* se distribui desde a região de Cabo Frio (Brasil) até o Golfo de San Matías (Argentina) (Clark & Downey, 1992). É uma espécie comum na zona infralitoral em fundos rochosos ou arenosos e se reproduz continuamente na região de Cabo Frio (RJ). Em sete dias, a espécie desenvolve larva lecitotrófica (com simetria corporal bilateral), que sofre metamorfose entre o oitavo e 11º dia de vida, tornando-se uma pequena estrela-do-mar com simetria pentarradial. (Lopes & Ventura, 2016). Após cerca de 25 dias de vida, os juvenis, assim como os adultos, podem ser mantidos em laboratório se alimentados com a esponja *Hymeniacidon heliophyla*, que é comum no litoral do Rio de Janeiro. Estudos pretéritos da equipe testaram a predominância do eixo bilateral no deslocamento e no reposicionamento do corpo ao longo da ontogenia de *Echinaster (Othilia) brasiliensis*. Buscamos investigar a organização do sistema nervoso na larva (com simetria corporal bilateral), no juvenil e no adulto (que possuem simetria corporal pentarradial ou pentâmera), com o interesse especial na transformação da bilateralidade para a pentameria durante a metamorfose da larva em juvenil. Assim, o objetivo do projeto é identificar os possíveis genes de expressão associada ao sistema nervoso e/ou relevantes para a padronização dos eixos embrionários, que exercem alguma função em relação à metamorfose dos equinodermos e que sejam relativamente conservados ao longo da evolução do grupo. Algumas questões relevantes norteiam esta investigação: há resquício do sistema nervoso larval (ou seja, de bilateralidade) identificável no sistema nervoso do juvenil e do adulto (pentarradial)? Algum dos braços da estrela-do-mar possui maior anterioridade em relação aos outros? Inicialmente, será necessário analisar minuciosamente o sequenciamento genético da espécie em busca de genes que sejam adequados para futuros experimentos moleculares. Apesar das dificuldades impostas pelo incêndio do Museu Nacional e pela pandemia de COVID-19, coletamos adultos e estimulamos a liberação dos gametas em laboratório para a obtenção de embriões, porém sem fertilização bem sucedida. Dez tentativas com diferentes indivíduos foram realizadas. Logo que a etapa da fertilização for realizada, as seguintes fases do estudo terão prosseguimento.

BIBLIOGRAFIA: Clark, A.M.; Downey, M.E. 1992. Starfishes of the Atlantic. Chapman & Hall, London. 794 pp. Lopes, E.M.; Ventura, C.R.R. (2016) Development of the sea star *Echinaster (Othilia) brasiliensis*, with inference on the evolution of development and skeletal plates in Asteroidea. Biological Bulletin 230, (1) : 25-34.

ÁREA PRINCIPAL: **Ensino-Pesquisa-Extensão**

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: **Oral Curta**

ARTIGO: **5023**

TÍTULO: **PALEONTOLOGIA E CINEMA: UMA ABORDAGEM ALIANDO MÍDIAS SOCIAIS E CIÊNCIA VISANDO A EDUCAÇÃO BÁSICA**

AUTOR(ES) : **FERNANDA DE OLIVEIRA BARCELLOS,BORJA**

ORIENTADOR(ES): **MARINA BENTO SOARES**

RESUMO:

A paleontologia tem sido fonte fértil de inspiração para a área cinematográfica, com filmes campeões de bilheteria como Jurassic Park, Jurassic World e A Era do Gelo, tendo como foco principal crianças e adolescentes, que compõem o público-alvo da educação básica. Uma vez que dinossauros e outros fósseis funcionam como uma “porta de entrada” para esse público tomar maior contato com a ciência, o projeto “Paleontologia e Cinema: o que é ciência e o que é ficção?”, no âmbito do Edital CEPG/CEG - PIBIC EM 2020, foi idealizado no sentido de aliar a magia da ficção com a ciência tangível. Para isso, foi escolhido o Instagram, umas das mídias sociais mais acessadas pelo público jovem, para a exploração de forma lúdica dos conhecimentos paleontológicos à luz do cinema, com o intuito de tornar a aprendizagem atrativa. A metodologia empregada envolveu reuniões da equipe do projeto (bolsista PIBIC-EM e orientadores) a fim de fazer levantamento inicial de temas extraídos de vários filmes com potencial para postagens. Uma vez escolhidos os temas, foi criada a página no Instagram @paleontologiaecinema, elaborado o logo do projeto e o texto de apresentação. As postagens iniciaram no final de fevereiro de 2021, ocorrendo às sextas-feiras, em alusão à hashtag #fossilfriday, conhecida mundialmente. Buscou-se construir os conteúdos a serem postados em linguagem acessível e adequada ao público infanto-juvenil, abordando diversos temas paleontológicos dos filmes explorando o fazer científico, através de menção a estudos paleontológicos publicados. Ao todo foram feitas 27 postagens, sempre realizadas pela bolsista do projeto, compostas de imagens dispostas em sequência, algumas com vídeos, além de textos e fontes bibliográficas. Ao final de cada texto, hashtags com palavras-chave referentes aos temas tratados em cada postagem eram adicionadas. Conteúdos como extração de DNA em fósseis, penas em dinossauros, tamanho de dinossauros e outros seres extintos, como megatubarão e mosassauro, eras glaciais, convivência de humanos com espécies extintas, entre outros, foram trabalhados a partir dos filmes. As postagens com maior interação junto ao público, refletidas no número de curtidas e de contas alcançadas no Instagram foram: “Dinossauros e Aves”, “*Dilophosaurus*: o pequeno dinossauro venenoso?”, “A Era do Gelo: períodos glaciais” e “Um pterossauro brasileiro no Jurassic Park”. A página atingiu, até outubro de 2021, 1226 curtidas e alcançou 5351 contas. Dessa forma o projeto cumpriu os objetivos propostos, evidenciando que a cinematografia sobre paleontologia, quando explorada em interação com conceitos científicos atuais e corretos, pode ser uma aliada no ensino-aprendizagem dentro da educação básica.

BIBLIOGRAFIA:

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5229****TÍTULO: OS MUSCIDAE (DIPTERA, INSECTA) DO PLANALTO CENTRAL DA ETIÓPIA****AUTOR(ES) : RAFAEL MATHEUS LIMA****ORIENTADOR(ES): MÁRCIA SOUTO COURI****RESUMO:**

A ordem Diptera (mosquitos e moscas) é uma das quatro mega ordens de insetos, representando cerca de 10% da biodiversidade da Terra. São holometábolos, ou seja, apresentam fases de larva, pupa e adulto e estão presentes em praticamente todos os ecossistemas, com exceção das regiões mais áridas. A ordem é composta por cerca de 120 famílias e abriga os hematóceros (Diptera inferiores), grupo parafilético onde estão inclusos os mosquitos, e Brachycera, onde estão as moscas, grupo monofilético, no qual se inclui a família em estudo. Os Muscidae apresentam grande diversidade de hábitos que vai de polinizadores, mesmo em regiões de altitude, até predadores, que se alimentam de outros insetos que são pragas de plantações, atuando como agentes de biocontrole, além de sua conhecida importância médica veterinária. Representantes da família estão presentes em praticamente todos os ecossistemas. Tradicionalmente apresenta sete sub-famílias: Atherigoninae, Muscinae, Azeliinae, Cyrtoneurininae, Phaoniinae, Mydæinae e Cenosiinae. A região Afrotropical é conhecida por sua imensa diversidade, com fauna muito rica e variada, mas negligenciada socioeconOMICAMENTE, fazendo com que haja um número baixo de instituições de pesquisa e consequentemente um número baixo de taxonomistas e de estudos faunísticos na região. O material do estudo foi coletado entre fevereiro e março de 2016, em duas regiões do Planalto Central da Etiópia: a fazenda de café de Limmo e o complexo florestal de Girmo. Foram realizadas buscas ativas, com rede entomológica e coleta passiva com armadilhas do tipo Malaise. Durante o período de coleta a região apresentou temperatura média-mínima de 12°C e média-máxima de 22°C. Após coletados, os exemplares foram acondicionados em etanol 70% e enviados para o Museu Real da África Central (Bélgica) onde foram triados, montados e etiquetados. Posteriormente foram enviados para o Laboratório de Diptera no Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro para serem identificados. Foram identificados com o uso da chave dicotómica de Couri (2007) para gêneros e as chaves de van Emden (1941, 1951), Zielke (1971) e Zumpt (1973) para espécies. Um total de 907 espécimes foi examinado. Foram encontrados representantes de 6 das 7 famílias de Muscidae com 14 gêneros e 47 espécies; 34 delas correspondem a novos registros para a região, correspondendo a 70% do material. Foram assinalados registros novos de espécies dos seguintes gêneros (número de espécies entre parênteses): *Curranosia* (1), *Musca* (8), *Neomyia* (11), *Pyrellia* (1); *Pyrellina* (2); *Stomoxys* (1), *Pseudohelina* (2) e *Limnophora* (8). As três espécies mais representadas foram *Stomoxys omega* Newstead, Dutton & Todd, *Musca lusoria* Wiedemann, e *Musca ventrosa* Wiedemann. Esse estudo confirma a importância de parcerias científicas com outras instituições, o que permitiu acesso a material de área inexplorada, sua identificação, além de dados inéditos como os novos registros assinalados para a região.

BIBLIOGRAFIA: COURI, MÁRCIA S., A key to the Afrotropical genera of Muscidae (Diptera). Rev. Bras. Zool., Curitiba, v. 24, n. 1, p. 175-184, Mar. 2007. EMDEN, F.I. VAN. 1951. Muscidae: C - Scatopaginiae, Anthomyiinae, Lispinae, Fanniinae and Phaoniinae. Ruwenzori Expedition. 1934-35 2: 325-710. ZIELKE, E. 1971. Revision der Muscinae der aethiopischen Region. The Hague, W. Junk, Series entomologica, vol. 7, 199p.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5393****TÍTULO: AS FAMÍLIAS REAL/IMPERIAL DO BRASIL: VIDA PRIVADA, CULTURA, COLEÇÕES E CIÊNCIA****AUTOR(ES) : LUCAS PEÇANHA DA SILVA****ORIENTADOR(ES): MARCIA VALERIA****RESUMO:**

Desde 2011, o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Colégio Pedro II mantêm uma parceria através do Programa de Iniciação Científica Júnior (PIC Jr.). Tal projeto proporciona estágios aos estudantes de ensino médio em laboratórios da instituição científica. Dentro do PIC Jr, existe o Programa de Educação Patrimonial (PEP) - que surgiu no Laboratório Central de Conservação e Restauração do Museu - coordenado pela restauradora Márcia Valéria de Souza, e tem o objetivo de qualificar alunos em diferentes situações relacionadas às questões patrimoniais com a convivência e prática nestes processos e às discussões que permeiam sua continuidade, além de realizar uma preparação para a vida acadêmica e profissional. Em 2020, com o advento da pandemia, trabalhamos virtualmente, reiterando a importância da pesquisa acadêmica para preservação patrimonial, e criamos um banco de dados com metadados sobre o Museu, extraídos de sites de outras instituições oficiais nacionais e internacionais, como bibliotecas e arquivos públicos ou privados. Para realizar tal atividade, os alunos elegeram temas de pesquisas, sendo um deles "As Família Real/Imperial do Brasil: vida privada, cultura e ciência", pois, entre 1808 e 1889, o palácio do atual Museu Nacional/UFRJ abrigou a Família Real de Portugal e a Família Imperial brasileira. Já o Museu Nacional, originalmente Museu Real, localizado no Campo de Sant'Anna, foi criado em 1818 por D. João VI, com o intuito de promover o desenvolvimento e estudo das ciências, da arte e da intelectualidade no país. Todos os monarcas contribuíram muito para construir as coleções que compunham o Museu, desde seu fundador até seus bisnetos. A pesquisa resultou na coleta de 153 metadados sobre o tema, na construção de uma exposição virtual, na apresentação e participação em seminários e eventos internos e externos ao Museu, na elaboração de um artigo acadêmico, na construção do banco de dados "Memórias na Rede", que acumula cerca de 900 acessos nacional e internacionalmente, e na continuidade da metodologia de pesquisa pelo Programa em 2021, com temáticas relacionadas à Independência do Brasil.

BIBLIOGRAFIA: AMBIEL, V. C.; FONTES, L. R. Imperatriz D. Maria Leopoldina: imperatriz cientista e mãe da ciência brasileira. 2018. Disponível em: <https://archive.org/details/Leopoldina2018>. Acesso em: 23 de out. de 2020 REZZUTTI, Paulo. Pedro II: o último imperador do Novo Mundo revelado por cartas e documentos inéditos. São Paulo, Leya, 2019. Disponível em: https://cdn.awsli.com.br/805/805728/arquivos/ebook-Dom_

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5477****TITULO: COM A COVID, DESCOBRI A SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL****AUTOR(ES) : MARIA CLARA SCRIVANO****ORIENTADOR(ES): MARCIA VALERIA****RESUMO:**

O Programa de Educação Patrimonial (PEP) tem por objetivo introduzir jovens do Ensino Médio do Colégio Pedro II às temáticas: Conservação, Restauração e Preservação do Patrimônio. Devido à pandemia, no ano de 2020, foi necessário readaptar a metodologia para o ensino remoto. Nesse contexto, foi proposto que, cada aluno do programa, pesquisasse e coletasse dados em acervos digitais sobre um tema relacionado ao Museu Nacional, tendo como recorte temporal o século XIX. Como estudante do Ensino Médio, estagiária do PEP e bolsista FAPERJ, optei por pesquisar sobre reuniões de associações civis que ocorriam nos salões do Museu Imperial (atual Museu Nacional). Entre todos os grupos que se encontravam nesse local, tal estudo destaca a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), visto que foi uma das mais importantes agremiações brasileiras do século XIX. Tal coletivo reunia membros da elite da época e debatia sobre temas relacionados à agricultura, indústria, bem como questões sociais. A SAIN desejava criar uma civilização aos moldes europeus, sem considerar a história e as particularidades da população brasileira. Atrelado a isso, estavam pensamentos preconceituosos, escravagistas e eugenistas que, em certa medida, se perpetuam no presente do Brasil. Visando difundir as convicções desse grupo, foi criado o periódico "O Auxiliador" (1833-1896) que não só transcrevia as sessões da SAIN, mas também divulgava textos da elite brasileira e europeia. Após a Proclamação da República, o grupo perdeu força e se desmembrou, sendo reestruturado anos depois sob o nome de FIRJAN, que existe até hoje. Após a etapa de pesquisa individual, cada integrante do Programa compartilhou sua experiência com os demais, o que resultou na elaboração de um repositório online, com aproximadamente 400 metadados, uma exposição virtual, artigos científicos sobre os assuntos estudados no decorrer do ano e participação em seminários. O trabalho desenvolvido pelo PEP teve como objetivos específicos introduzir jovens secundaristas à pesquisa científica, a criação de sites e artigos acadêmicos. Desse modo, o trabalho realizado no ano de 2020 foi muito proveitoso, pois permitiu que todos os participantes descobrissem particularidades sobre o passado imperial do Brasil, a constituição social da época, bem como a iniciação na pesquisa dentro dos moldes acadêmicos.

BIBLIOGRAFIA: BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: o templo carioca de Palas Atena. Tese de Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. BERTOL DOMINGUES, H. M. A ideia de progresso no processo de institucionalização nacional das ciências no Brasil: a sociedade auxiliadora da indústria nacional. Asclepio, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 149-162, 1996. JUNIOR, E. R. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a criação de um símbolo nacional. Oficina do Historiador, v. 2, n. 1, p. 34-50, 22 dez. 2010.

ÁREA PRINCIPAL: Ensino-Pesquisa-Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5497****TITULO: CAMPANHA #PARATODOSVEREM NA DIVULGAÇÃO DA ACESSIBILIDADE DAS ATIVIDADES DA II CONFERÊNCIA INTERUNIVERSITÁRIA DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO E DO 4ºFORCULT SUDESTE****AUTOR(ES) : CAMILA GUIRELLI****ORIENTADOR(ES): ANDRE LUIZ AGUIAR PROTASIO****RESUMO:**

Neste trabalho serão apresentadas duas formas de uso da hashtag #ParaTodosVerem na comunicação da acessibilidade digital utilizadas nos eventos da II Conferência Interuniversitária de Cultura do Rio de Janeiro (II CIC) e 4ºFórum de Gestão Cultural das Instituições de Ensino Superior da Região Sudeste (4º Forcult Sudeste). A campanha foi veiculada para o primeiro evento pelo perfil do Instagram do Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro (@ficrj.oficial) e no segundo também no perfil do Fórum de Ciéncia e Cultura da UFRJ (@forum.ufrj). A II CIC ocorreu entre os dias 25 a 27 de maio e o 4º Forcult Sudeste, entre os dias 24 a 26 de agosto, ambas atividades ocorreram em 2021 de forma remota e online. Participei da divulgação dos eventos citados como bolsista PROART de Mídias Sociais, atuando na redação de legendas e publicação dos cards e vídeos no Instagram.

A campanha da hashtag #ParaTodosVerem tem como objetivo a divulgação da presença do recurso de descrição de imagens visuais para a acessibilidade para pessoas cegas e com baixa visão. A hashtag foi originalmente criada como #ParaCegoVer pela professora baiana Patrícia Silva de Jesus, em 2012 para ser divulgado o recurso no Facebook, sendo depois adotada por outras plataformas. Sua ideia era que a descrição de imagem e a acessibilidade, apesar de ter o protagonismo da pessoa com deficiência, pode contribuir para a construção imagética de todas as pessoas e também incentivar a criação de legendas descriptivas a fim de tornar o conteúdo mais acessível.

Na divulgação da II CIC foram produzidas cerca de 58 cards e 3 vídeos, cujas descrições foram feitas pelo Grupo de Trabalho de Acessibilidade formado pela UFRJ e Uerj. Já na divulgação do 4º Forcult Sudeste, foram produzidos 18 cards e 2 vídeos, tendo a descrição sido elaborada pela produção do evento. As duas equipes de acessibilidade contaram com apoadores cegos e com baixa visão para assessoria sobre os recursos.

Durante a II CIC, a descrição de imagem foi utilizada na legenda das postagens, enquanto, no 4º Forcult Sudeste, foi usado o recurso de texto alternativo. Na descrição dos vídeos, entretanto, continuamos a utilizar a descrição nas legendas da mesma maneira que na II CIC, já que o Instagram não disponibiliza o recurso para esse tipo de postagem. Mesmo com a mudança do local de postagem da descrição, continuamos a usar a hashtag #ParaTodosVerem divulgando a acessibilidade e também a possibilidade do recurso de texto alternativo.

BIBLIOGRAFIA: Instagram do Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro - <https://www.instagram.com/ficrj.oficial/> Instagram do Fórum de Ciéncia e Cultura da UFRJ - <https://www.instagram.com/forum.ufrj/>

ÁREA PRINCIPAL: Pesquisa**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5601****TITULO: ANÁLISE SOBRE O RAP NINJA DE YUNG BUDA, 7K(?) OU NICOLAS K.?****AUTOR(ES) : YAN NICOLAS XAVIER FREIRE****ORIENTADOR(ES): ADRIANA FACINA GURGEL DO AMARAL FACINA****RESUMO:**

Nicolas K. é um homem negro de 24 anos de Jundiaí, em São Paulo. Yung Buda é um *trapper* brasileiro, que destaca-se pelo seu caráter único na produção audiovisual do trap marcada por utilizar referências culturais orientais em suas produções a fim de dialogar com a sua realidade concreta, periférica e brasileira. 7K ou 7(mizu) é um produtor de músicas eletrônicas no Brasil. Em toda a sua complexidade e particularidade, Nicolas K. assume essas três diferentes formas de manifestação de sua identidade.

"[Meu nome artístico] eu queria um bagulho que fosse japonês, mas não foi japonês, né mano? Porque eu sou preto, não tem como. (...) Se eu pudesse fazer o meu chá assim, aí eu pegaria um nome pesado: Kenzo Titanium. Sei lá, um bagulho japonês e do futuro, (...) mas não dá. Mano, eu sou preto. O bagulho tem que ser real. Buda é indiano, eu posso passar por indiano. [...] Não queria ter um nome, tá ligado? (...) Que fosse símbolo, assim ó. Se eu pudesse faria assim (sic)."

Em sua heterogeneidade, a escolha do próprio nome assume uma função primordial no seu trabalho. Yung Buda pensa sempre na sonoridade, a imagética e a estética que produz, dessa forma não é diferente com o seu nome já que Yung Buda, em suas palavras, "é, tipo, parecer, sei lá, uma parede de bambu e uma samurai, assim ó (faz um gesto com a mão e a cabeça)". Portanto, as imagens e a noção de movimentos são cruciais para que notemos a imparidade do seu autor. Da mesma forma, Nicolas disserta em suas produções sobre suas questões existenciais e raciais, desse modo quando pensa em seu nome artístico ele não deixa de relacioná-lo a sua realidade concreta. Assim, Nicolas, apesar de suas relações com referências culturais nipônicas, escolhe um nome que não cause estranhamento ao seu corpo: "seria foda se meu pai fosse Nobunaga, mas não é, mano".

Em um podcast, "RAP, falando", Yung Buda afirma que o próprio nome Nicolas é uma invenção sua, visto que não consta em suas documentações oficiais. Desse modo, ele defende que não gosta do seu nome "verdadeiro" porque é o mesmo que o do seu pai. "Eu ficava trocando o meu nome [no Facebook]. Botava uns nomes meio que de Otaku, tá ligado? Eu botava, tipo, Carlo Rinnegan, tá ligado?". Afirmando também que acha Nicolas nome de "louco", colocando assim que o seu nome é um produto da internet; das mídias sociais.

A presente apresentação tem como objetivo analisar cinco músicas de Yung Buda: *Akatsuki de Vila Part. I, Akatsuki de Vila Part. II, Autumn Ring Mini (Sozinho no Touge), Camisa de Anime e Ninja*. Com isso, refletiremos sobre como as suas músicas relacionam-se com referências culturais otakus presentes no Brasil contemporâneo, com a história da chegada e desenvolvimento da cultura otaku ao Brasil, e por fim, com uma memória coletiva de infância das gerações Y e Z.

BIBLIOGRAFIA: SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo. Companhia das Letras, 2007. CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997. Rayna Denison (2011) Transcultural creativity in anime: Hybrid identities in the production, distribution, texts and fandom of Japanese anime, Creative Industries Journal, 3:3, 221-235.

ÁREA PRINCIPAL: Extensão**MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: Oral****ARTIGO: 5963****TITULO: PROJETO VOZES DE MULHERES****AUTOR(ES) : BIANKA VITORINO CARRILHO, KEICE ANE FARIAS DO NASCIMENTO, LAÍSE GUSMÃO ROCHA****ORIENTADOR(ES): SUSANA DE CASTRO AMARAL VIEIRA****RESUMO:**

O projeto Vozes de Mulheres através do Podcast Mulheres Intelectuais de Ontem e de Hoje tem como objetivo propagar visibilidade aos trabalhos de mulheres intelectuais, artistas e ativistas, proporcionando maior alcance às suas obras e pensamentos.

A Filosofia caracteriza o projeto enquanto atividade teórica, especulativa e prática, vocacionada ao diálogo com outras áreas do conhecimento e visões de mundo e à atualização de reflexões sobre a realidade cotidiana. Para fomentar este diálogo, as estudantes debatem-se sobre autoras que foram invisibilizadas ao longo da história, em uma tentativa de descolonizar o saber, o poder e o gênero. A necessidade de dar visibilidade aos estudos efetivados pelo Grupo Descolonial Carolina Maria de Jesus faz- se mister para que o conhecimento acerca da potencialidade produtiva das mulheres não fique restrito à academia. A invisibilidade mata a potência da diversidade dos seres viventes e dessa forma pretendemos garantir visibilidade mínima necessária para a construção de um conhecimento que contemple a todas, todos e todos.

O grupo formado por pesquisadoras das Universidades UFRJ e UFSC, sob a perspectiva do feminismo descolonial, propõem não ficar detido em vida e obra das mulheres estudadas e apresentadas, mas a construção de cada episódios se debruça em uma pesquisa que apresenta maiores características sobre os feitos de mulheres que são historicamente silenciadas e assim produzindo reflexões urgentes e atuais sobre o papel das mulheres, suas vozes e seu valor na construção social, política e na produção de conhecimento.

Objetivos do projeto:

1. Proporcionar aos ouvintes uma pequena biografia, principais obras e conceitos de mulheres intelectuais de diversas áreas do conhecimento, diferentes locais geográficos e momentos históricos distintos;
2. Questionar o pouco espaço que as intelectuais têm recebido em meio às discussões sobre produção de conhecimento; Criação de rede de mulheres que estejam interessadas em descortinar quem somos, onde estamos e em que áreas atuamos e por quais motivos;
3. Garantir representatividade necessária a grupos subalternizados, tais como, mulheres, mas no conjunto da nossa diversidade, negras, com deficiência, trans, bissexuais, periféricas entre outras consideradas minorias políticas mas, certamente, produtoras de conteúdo desde os tempos mais remotos.
4. Promoção da interlocução entre universidade e sociedade através do desenvolvimento de projetos, cursos e eventos no campo da comunicação sonora, com fins educativos e culturais;
5. Contribuição à divulgação científica e tecnológica e à universalização da educação, da cultura e do conhecimento produzido no âmbito universitário.

BIBLIOGRAFIA: As referências variam conforme a pesquisa e produção para os episódios lançados no podcast Mulheres Intelectuais de Ontem e Hoje.

RESUMO:

Criado em 2011 e baseado na Sala Vianinha da Escola de Comunicação da UFRJ, o Sistema Universitário de Apoio Teatral (SUAT) é um projeto composto por equipe multidisciplinar que tem por missão dar apoio às atividades artístico-culturais de diferentes grupos, em diversos campi da UFRJ. Desde a sua criação, a equipe SUAT vem realizando inúmeras missões de apoio técnico e logístico (montagem, operação de luz e som para eventos e exposições), concretizadas sob a forma de empréstimo de equipamentos, fornecimento de mão-de-obra treinada e know-how técnico e artístico a órgãos e unidades da UFRJ como a Casa da Ciência, a Escola de Música, o curso de Dança da Escola de Educação Física e Desportos, o Fórum de Ciência e Cultura e o Colégio de Aplicação. O planejamento das ações depende de visitas prévias aos locais dos eventos, para levantamento das demandas técnicas e possibilidades de adequação, montagem e criação das soluções necessárias. Alguns espaços de uso cultural muito frequente acabam bastante conhecidos pela equipe do SUAT, mas abrigam atividades produzidas por artistas e criadores que não têm esse mesmo conhecimento. Por outro lado, a pandemia da COVID-19 já havia estimulado o estudo, pelo SUAT, de ferramentas de pré-visualização espacial e de iluminação, aplicadas inicialmente ao vídeo "Os GASPARINS na Sala Vianinha" (trabalho apresentado na XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural), de divulgação dos principais grupos artísticos da UFRJ. Começando pela Sala Vianinha (ECo), base da equipe, o SUAT deu sequência ao trabalho de construção virtual dos espaços culturais da universidade, desenvolvendo versões para pré-visualização do Salão de Dança Helenita Sá Earp (EEFD), Salão Leopoldo Miguez (EM), Casa da Ciência, "Laguinho" (ECo) e Museu da Geodiversidade (IGEO). A partir de plantas, fotografias e medições nos locais, é produzida uma maquete virtual em programa SketchUp. Esse modelo é então transportado para o programa Capture Student, de iluminação cênica, para a criação e pré-visualização dos efeitos de luz. O resultado final é um arquivo que fica à disposição de grupos artísticos, pesquisadores e estudantes, uma vez que o Capture Student é gratuito e de fácil aprendizado.

BIBLIOGRAFIA: - CTAC FUNARTE. "Tipos de Teatros". Centro Técnico de Artes Cênicas. Disponível em <http://www.ctac.gov.br/tipologi.htm>. Acesso em 20.11.2020. - OLIVEIRA, Marcos Bandeira de. Sketchup - Aplicado ao Projeto Arquitetônico: Da concepção à apresentação de projetos. São Paulo: Novatec, 2015.
